

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS
MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA**

**AVALIAÇÃO DE TEXTOS:
UMA ABORDAGEM DIALÓGICA**

ANA MARIA SILVEIRA VITAL GOMES

**MARINGÁ
1999**

ANA MARIA SILVEIRA VITAL GOMES

**AVALIAÇÃO DE TEXTOS:
UMA ABORDAGEM DIALÓGICA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Lingüística Aplicada ao Ensino de Língua Materna, da Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação da Prof. Dr^a Marilurdes Zanini.

**MARINGÁ
1999**

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr^a Marilurdes Zanini
(orientadora)

Prof. Dr. Rony Farto Pereira

Prof. Dr. Renilson José Menegassi

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença incondicional.

À Dr^a Marilurdes Zanini, pela dedicação e respeito no momento de orientar, corrigir e avaliar meu texto.

Ao Colégio Regina Mundi, pelo espaço dedicado à pesquisa.

A minha família, por compreender os momentos de angústia e ausência.

Aos amigos, que torcem e ficam felizes quando vêem o meu desejo de aprender.

RESUMO

Esta pesquisa estuda a avaliação como uma etapa do ensino-aprendizagem de produção de textos em língua materna. O objetivo é verificar se, ao estabelecermos critérios de avaliação e apresentá-los aos alunos, estamos colaborando para a melhoria de sua produção textual. Para tanto, desenvolvemos um projeto para as aulas de produção textual que passa pela discussão do tema, produção, correção, elaboração de critérios de avaliação, reescrita e avaliação. Os resultados demonstram que o aluno procura fazer um texto mais elaborado, quando tem conhecimento dos critérios e é encaminhado para refazer, adequadamente, o que o professor considera relevante no momento de avaliar. Além disso, mostra que a avaliação não tem um fim em si mesma, uma vez que oferece ao professor os objetivos e conteúdos que devem ser trabalhados nas aulas subsequentes e possibilita uma relação de parceria entre professor e aluno.

Palavras-chave: produção de texto, correção, reescrita, avaliação.

ABSTRACT

Evaluation is analyzed as a stage in the teaching-learning element of text production in the mother's tongue. The aim of this research is to verify whether an improvement in text production occurs when evaluation criteria are established and proposed to the pupils. A project has thus been developed for lessons on text production containing theme discussion, production, correction, elaboration of evaluation criteria, rewriting and evaluation. Results show that the student is prone to produce a more elaborated text when s/he is aware of the criteria and when it is suggested to him/her to re-do in a better way what the teacher has considered relevant at the time of evaluation. It has also been shown that evaluation is not an end in itself. It rather gives the teacher the aims and contents that ought to be worked out in the next lessons while making possible a sharing relationship between the teacher and the pupil.

Key words: text production, correction, rewriting, evaluation.

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	vi
INTRODUÇÃO	1
I - METODOLOGIA	9
1.1 Pesquisa	9
1.1.1 Etapas vivenciadas	10
1.1.2 Coleta do corpus	12
1.1.3 Contexto	12
1.1.4 Organização do trabalho	13
II - A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR	15
2.1 Avaliação e concepções de linguagem	15
2.1.1 Avaliação e o ensino de língua materna	23
2.2 O texto: objetivo do ensino de língua materna	29
2.2.1 Texto: conceito	32
2.2.2 Texto e redação	37
2.3 Texto: correção e avaliação	41
2.3.1 Correção	42
2.3.2 A avaliação	45
2.3.3 A importância de se criarem critérios	46
2.3.4 Critérios: como elaborá-los?	50
2.4 Texto: a reescrita	54
2.4.1 A reescrita e a criatividade/originalidade	60
2.4.2 Avaliação de redação	66
2.4.3 Os critérios	67
2.4.4 A reescrita mediante o conhecimento dos critérios	69
2.4.5 Critérios já estabelecidos	70
2.4.5.1 Os critérios de Val	71
2.4.5.2 Os critérios de Serafini	71

2.4.5.3 Os critérios de Therezo.....	72
2.4.5.4 Os critérios de Zanini e Menegassi.....	73
III - PRÁTICA: A ANÁLISE	75
3.1 Situação de produção.....	75
3.1.1 Como foi identificado o problema?	75
3.2 As etapas de desenvolvimento deste trabalho	76
3.2.1 Discussão do assunto “desemprego”	76
3.2.2 Proposta de produção	77
3.2.3 Produção de texto: correção.....	79
3.2.4 Reescrita de textos após a apresentação de critérios: avaliação	95
3.3 Discussão dos resultados obtidos	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
BIBLIOGRAFIA.....	125
ANEXOS.....	131
Anexo I - Textos discutidos.....	132
Anexo II - Textos produzidos	138

INTRODUÇÃO

A avaliação é uma das medidas, entre outras, que deverá levar o Brasil a alcançar um melhor desempenho na área educacional em qualquer nível de escolaridade e de instituição educacional, seja ela de natureza pública ou privada. (Fini, 1998:6)

Podemos afirmar que é impraticável discutir e propor encaminhamentos para melhoria do ensino, sem antes reconhecermos a importância da avaliação para o processo ensino-aprendizagem.

Felizmente, temos visto, na última década, uma preocupação por parte das autoridades competentes em entender a avaliação como um “importante mecanismo para promover a qualidade do ensino” (Fini, 1998:6). Projetos como o “provão”, que avalia o ensino superior, o Sistema de Avaliação de Educação Básica – SAEB, que avalia as escolas de ensino fundamental e médio; e o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que avalia os alunos que estão concluindo ou já concluíram o ensino médio, apontam para uma prática avaliativa que busca se amoldar à nova concepção de ensino.

Além disso, é indiscutível, de acordo com Fini (1998:11), a importância de percebermos o Brasil participando, junto a outros países, através das ações do Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa – INEP, de discussões que vêm na avaliação um dos meios de promover uma escola de

qualidade, como, por exemplo, a participação, desde 1994, juntamente com mais 16 países, de um projeto da Oficina Regional para a Educação da América Latina e Caribe, da UNESCO – OREALC, a participação, como convidado, de reuniões técnicas e preparatórias de projeto internacional de avaliação de desempenho de alunos de 15 anos, denominado – PISA-2000 – *Program for International Student Achievement*, organizado pela *Organização for Economic Co-operation and Development* – OECD, bem como o acordo com o presidente do EUA que visa à melhoria da qualidade de educação nos dois países.

Tais iniciativas demonstram que há um interesse relevante em avançar numa discussão que tornará o ensino mais eficaz. Hoje, temos claro que a escola não pode formar apenas por meio do repasse dos conteúdos, já que “...há uma exigência no perfil do trabalhador e do cidadão extremamente mais especificada e que vai além do simples domínio de conteúdo e técnicas” (Fini, 1998:8). Entretanto, é importante considerar que, apesar dessas iniciativas, não há um número relevante de pesquisas nessa área que, certamente, colaborariam para que o professor respaldasse sua prática.

Caminhamos para isso, visto que as mudanças ocorridas no ensino exigem um repensar na avaliação, principalmente porque a relação professor/aluno mudou. Hoje percebemos que há uma interação entre os indivíduos envolvidos no processo ensino/aprendizagem, uma vez que o aluno é considerado sujeito e deve desenvolver habilidades que o tornem capaz de atuar na vida como um cidadão crítico e o professor é o mediador, com um papel fundamental nessa formação que vai além do programa e dos conteúdos

apresentados. Considerando essa relação dinâmica, é indiscutível a necessidade de revermos qual é o papel da avaliação na escola.

Nesse contexto, conhecendo essa realidade e convivendo com a angústia que, muitas vezes, alunos e professores enfrentam em situação de avaliação, percebemos que é necessário repensar essa etapa que, em alguns casos, é a única responsável pela permanência ou não do aluno na escola. Sabemos, entretanto, que as mudanças de paradigma acontecem lentamente e que há uma distância considerável entre o que acreditamos ser o melhor caminho e a prática que, por descuido ou pelas circunstâncias, realizamos.

Segundo Vasconcelos (1992), para mudar o modo de avaliar, é necessário que o professor reflita sobre a sua prática de ensino e, conseqüentemente, de avaliação da aprendizagem. A partir daí, entender que avaliar não é simplesmente julgar, numa postura de condenar ou de absolver. É, antes, comprometer-se com o ensino-aprendizagem. Dessa forma, a avaliação perderá o seu perfil castrador, para tornar-se uma conseqüência natural do processo.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Brasil, 1997a), a visão tradicional do ensino de língua materna que orientou o ensino-aprendizagem nas décadas anteriores perdeu espaço para um ensino mais voltado para a realidade do ser humano, foco de interesse do processo.

Nessa perspectiva, o ensino de língua materna tem seus objetivos ancorados em quatro ações básicas e necessárias para que o cidadão seja valorizado como tal na sociedade em que se insere: ler criticamente; escrever dizendo algo para alguém; falar, adequando-se a cada situação e interlocutor; refletir sobre a própria linguagem.

Assim entendido, o ensino-aprendizagem de língua materna assume uma concepção de linguagem sócio-construtivista que não perde de vista o indivíduo e a sua história e favorece-lhe situações de interação que lhe permitam avançar no campo da comunicação.

Considerando que o indivíduo estabelece a comunicação através de unidades de significação, o ensino-aprendizagem de língua materna centra-se no texto¹. Hoje, porém, o texto se organiza tanto na fala quanto na escrita e o interesse deste trabalho é o texto escrito.²

Naturalmente, esse novo enfoque assumido pelo ensino/aprendizagem de língua materna não despreza as contribuições oriundas de outras áreas, tais como a Psicologia da aprendizagem, as Ciências da Linguagem, como, a Sociolingüística, a Semiótica, a Análise do Discurso e, sobretudo, a Lingüística Aplicada, já que o texto concretiza os atos de fala do sujeito, aluno de nossas escolas, que é um ser completo que se encontra num contexto social, cultural, histórico, econômico, emocional e ideológico específico, dotado de características próprias que o colocam como alguém que pensa e que age, que reflete, que questiona e que responde na sociedade.

A escola não pode tornar-se alheia a tudo o que envolve o ser humano, que é o aluno, e, assim, deve procurar consolidar as suas práticas de ensino, fazendo com que elas favoreçam a compreensão do mundo. Por isso, a leitura e a escrita extrapolam os limites da decodificação e da codificação, em busca da essência, do entendimento e da compreensão. Só assim será

¹ O conceito de texto será discutido no item 2.2.1.

² Doravante, texto aqui será entendido como texto escrito.

possível ao aluno pensar a linguagem e refletir sobre ela, para poder mais bem utilizá-la e compreendê-la.

Por isso, acreditamos que há urgência em se adotarem novas formas de avaliar, mais harmônicas com as práticas pedagógicas que, pelo menos teoricamente, têm se revelado mais coerentes com o novo momento político por que atravessa o País.

Aos olhos dos envolvidos – professor e alunos – na prática, a avaliação se consolida em critérios estabelecidos, a partir dos elementos considerados importantes naquele estágio de aprendizagem do aluno, ou seja, adequados à realidade daquele nível de ensino e da turma avaliada.

Ao procurar formas de avaliar mais justas e coerentes, o professor deve procurar orientar-se pela concepção de linguagem que orienta as suas aulas de produção textual.

Quando essa avaliação está afeta à linguagem, não podemos nos esquecer do compromisso que a palavra tem com o outro – o tu, a quem toda comunicação é inevitavelmente dirigida, ainda que este tu seja o próprio eu – o locutor.

Isso vem, a nosso ver, colocar em prática estratégias que permitam tornar o aluno um escritor competente, conforme o que preconizam os PCNs (Brasil, 1997b:66):

Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja, é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento. É ainda um leitor competente capaz de recorrer com sucesso a outros textos quando precisa utilizar fontes escritas para a sua própria produção.

É assim que entendemos a prática pedagógica do professor de língua materna: o aluno é visto e compreendido como sujeito de sua aprendizagem e a ele devem ser dadas oportunidades de criar, de aceitar e de construir o seu saber.

Isso porque, conforme Abaurre et al. (1985:2),

Para o professor é indispensável compreender que o aluno é sujeito de sua própria aprendizagem. É indispensável que o professor conheça o processo de aquisição de leitura e de escrita. Que respeite as diferenças de ritmo, as produções dos alunos, procurando entender que os erros cometidos são tentativas de acertos. O aluno não pode errar aquilo que ainda não sabe! O conhecimento da leitura e da escrita é um processo de construção por parte da criança.

Dessa mesma forma, a avaliação – aqui de textos, já que etapa desse processo, deve perceber aluno e professor como cúmplices do processo que vai além do transmitir e receber conteúdos.

Considerando o aluno sujeito de sua aprendizagem, há de ser possível criarem-se critérios que consigam levar em conta as diferenças e, ao mesmo tempo, seguir parâmetros que consigam determinar o nível de aprendizagem dos alunos no seu conjunto.

Avaliar, então, implica encontrar procedimentos que permitam não perder de vista nenhum desses aspectos e, ao mesmo tempo, mensurá-los o mais objetivamente possível, a fim de que o valor atribuído seja coerente com o que o aluno recebeu e o que ele devolveu no processo ensino-aprendizagem.

Uma vez criados os critérios, o professor, cuja função extrapola os limites de mero espectador e de carrasco do aluno, ao atribuir-lhe uma nota ou conceito, nem sempre aceito porque não entendido, deve levar esses critérios ao conhecimento do aluno.

Conhecendo os critérios pelos quais foi avaliado o seu texto, o aluno, habituado pela prática constante de produção textual, terá condições de retomar essa produção, refletir sobre os aspectos que ainda estão deficientes e procurar superá-los a cada nova produção.

Partindo deste pressuposto, este trabalho busca confirmar a hipótese de que a avaliação, concebida como uma das etapas de produção de texto, pode contribuir para a melhoria do ensino-aprendizagem de língua materna.

Problematização

Refletindo sobre as freqüentes discussões e afirmativas de autores consagrados sobre avaliação do ensino-aprendizagem, no contexto escolar, questionamo-nos:

1. A avaliação pode deixar de ser autoritária sem desvirtuar sua autoridade?
2. Ao invés de ser castradora, a avaliação de textos pode contribuir para o ensino-aprendizagem de língua materna?
3. A criação de critérios de avaliação de textos pode estabelecer uma relação de parceria com vistas à melhoria do ensino-aprendizagem de produção de textos, ao invés de ser o momento de julgamento que não permite retorno?

Objetivo geral

Verificar até que ponto ter critérios definidos para a avaliação de textos e torná-los conhecidos dos alunos pode contribuir para a melhoria do ensino-aprendizagem da produção de textos escritos.

Objetivos específicos

Verificar se, a partir dessa proposta de trabalho, há mudanças:

- na relação professor/aluno;
- na postura do aluno quando ele recebe o texto corrigido e/ou avaliado;
- na postura do aluno frente à proposta de reescrita do texto.

CAPÍTULO I

METODOLOGIA

1.1 Pesquisa

Identificação do problema em sala de aula.

Há seis anos trabalhamos no mesmo estabelecimento, ministrando aulas de Redação/Produção de texto para turmas do Ensino Fundamental e Médio. Nos três últimos anos, também realizamos um trabalho de coordenação de turma.

Como professora, sempre buscamos manter uma postura menos arbitrária em relação à avaliação, mas isso não tem sido muito fácil. Primeiro porque, muitas vezes, os alunos se aproveitam disso ou confundem a postura com liberdade exagerada e acabam na indisciplina ou no descaso pela aula. Segundo, porque, após todo um trabalho de avaliação dos textos, quando os alunos recebem o texto com a nota, jogam-no fora ou o guardam sem, sequer, verificar os equívocos que cometeram. E, finalmente, quando são convidados a refazer o texto não mostram o mínimo interesse. Quanto ao trabalho de coordenação e, obviamente como professora, é comum ouvirmos os seguintes questionamentos e queixas:

- “como a média foi feita?”
- “como o professor quer que eu faça?”
- “por que essa nota?”
- “o professor não diz onde eu errei.”
- “o professor não orientou direito.”

Essa prática sempre nos angustiou e temos, agora, a oportunidade de aplicar um projeto que busca mudar esse quadro, isto é, procura tornar o caminho da correção e da avaliação menos artificial e, conseqüentemente, promover uma maior cumplicidade na relação professor/aluno.

1.1.1 Etapas vivenciadas

Para a realização dessa proposta de trabalho, dividimos os encaminhamentos em cinco etapas:

1ª etapa

Na primeira etapa, fizemos a leitura e discussão de dois textos que versam sobre o assunto “desemprego”. Algumas situações, como as filas que se apresentam quando se oferece uma vaga de emprego, bem como acordos entre patrões e empregados foram temas abordados pelos alunos.

2ª etapa

Na segunda etapa, foi oferecida aos alunos uma proposta de produção de texto sobre o assunto desemprego, a partir da leitura de dois textos escritos. Solicitamos que eles fizessem o planejamento, o rascunho e a

versão definitiva. Não houve nenhuma interferência do professor aplicador nessa etapa.

3ª etapa

Na terceira etapa, os textos foram corrigidos; à margem deles, foram colocadas sugestões e questionamentos relacionados ao conteúdo (tema, coerência, título e originalidade/criatividade) e à forma (tipologia, norma culta e coesão). Aqui elencamos os critérios pelos quais os textos seriam avaliados, tendo em vista os problemas apresentados, e sobre os quais, trabalhados, os respectivos conteúdos.

4ª etapa

Na quarta etapa, devolvemos os textos corrigidos aos alunos para que eles procedessem à reescrita. Houve um estranhamento, visto que os textos não apresentavam as respectivas notas. Nesse momento, explicamos que encaminharíamos de forma diferente o processo de produção textual. Junto ao texto corrigido, entregamos ao aluno um comando onde afirmávamos a importância de se aproveitar o momento para serem os leitores críticos dos textos, bem como a necessidade de se observarem as anotações presentes à margem dos textos. Além disso, ali foram apresentados os critérios pelos quais os textos seriam avaliados. Fizemos uma breve discussão sobre cada um deles, pois não havia termos que eles desconhecêssem. Foi pedido aos alunos que procedessem à reescrita dos textos.

5ª etapa

Na quinta e última etapa, fizemos a correção (os equívocos que se mantiveram e outros que os alunos cometeram, na tentativa de mudar o texto,

foram levantados) e a avaliação, levando-se em conta o cotejo com a 1ª versão.

1.1.2 Coleta do corpus

Corpus aqui deve ser entendido como os textos da 1ª e da 2ª versões produzidos pelos alunos da turma A, da 3ª série do Ensino Médio.

A coleta do *corpus* foi realizada em dois momentos: na 2ª etapa, quando os alunos produziram a 1ª versão e na 4ª etapa, quando realizaram a reescrita dos textos. Conseqüentemente, faremos a análise dos vinte textos que compõem a 1ª versão e, em seguida, a análise e comparação dos textos de 2ª versão.

1.1.3 Contexto

O projeto foi desenvolvido no Colégio Regina Mundi – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, situado à rua Estácio de Sá, 595, zona 7, na Cidade de Maringá-Paraná.

Trata-se de uma escola de porte médio, administrada pela Associação das Religiosas Damas da Instrução Cristã. A proposta de trabalho está baseada no sócio-construtivismo.

A área de Língua Portuguesa conta com laboratório de Redação para o Ensino Médio, sendo que a carga horária é de duas horas-aula semanais e o número máximo de alunos por turma é 25.

O grupo escolhido é o grupo A, um dos sete formados pelos alunos dos 3^{os} anos (A, B e C), do ano de 1999. Esse grupo é composto por 23 alunos na faixa etária de 16 a 18 anos. A pesquisadora é a professora de Redação da referida turma.

1.1.4 Organização do trabalho

Este trabalho está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo faz um balanço teórico, envolvendo a avaliação realizada na escola com o advento do sócio-construtivismo, bem como a prática de produção textual vivida por professores e alunos, quando centrados na interação e valorização do indivíduo como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem.

O segundo capítulo contempla a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, bem como a organização do trabalho.

O terceiro capítulo mostra a análise do *corpus*: situação de produção de texto, correção, criação de critérios, reescrita e avaliação.

As considerações finais apresentam uma comprovação da hipótese, ancorada na teoria já apresentada, bem como na análise do *corpus*, discutindo se a criação de critérios, na avaliação de texto, pode contribuir para a melhoria da produção de textos escritos.

Dessa forma, originando-se de um projeto maior – “Avaliação de redação: critérios para o vestibular”, pesquisa desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá- UEM, pelos professores doutores Marilurdes Zanini e Renilson José Menegassi, este trabalho consolida-se na expansão da discussão sobre avaliação no grau de ensino que antecede o vestibular: o ensino médio.

CAPÍTULO II

A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

2.1 Avaliação e concepções de linguagem

Na história da humanidade, não devemos acreditar em coincidências. A sociedade em que vivemos, o modo de vida que presenciamos, os valores e as crenças de hoje são reflexos de um caminho que vem sendo percorrido e que não pode ser estanque, já que o homem recria o tempo todo. Tal reflexo se apresenta também, e nem poderia ser diferente, na educação. O florescer de uma postura, que vemos hoje preocupada com a formação integral do sujeito, parte da soma de experiências vividas no passado, dos acertos e desacertos vividos em outras tendências educacionais. Sabemos, entretanto, que à escola cabe formar cidadãos e a sociedade, onde a escola está inserida, dita as regras para o bom andamento dessa formação, dependendo dos seus interesses. Segundo Geraldi (1984:42),

Antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que se tenha presente que toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política- que envolve uma teoria da compreensão e interpretação da realidade- com mecanismos utilizados em sala de aula.

Não nos cabe aqui, entretanto, condenar ou criticar as mudanças que ocorreram na sociedade e, via de regra, na escola. Porém, vale ressaltar que essa visão possibilita ao professor conhecer outras práticas e questionar o caminho que tem trilhado.

Na avaliação, dependendo do tipo de aluno que se quer formar, as mudanças também vão acontecendo. Não podemos, portanto, buscar um caminho para fazermos a avaliação do aluno de forma coerente, se não considerarmos que a ela subjazem as concepções de linguagem presentes na escola, assumidas pelo professor.

Suassuna (1995) discute autores renomados, dentre eles, Geraldi (1984), Orlandi (1983), Pécora (1983), quando argumentam que há uma postura política por trás do trabalho realizado na escola. A partir disso, ela diz parecer que “...o cerne da discussão sobre ensino-escola-método-saber está na concepção de linguagem que determinaria o fazer pedagógico” (op. cit., 1995:124).

Em relação às concepções de linguagem, Geraldi (1984) estabelece três e as relaciona com as tendências – tradicional, estruturalista, interacionista – vividas e, portanto, aceitas em cada momento. Segundo ele, a linguagem é vista como expressão do pensamento, instrumento de comunicação e forma de interação.

A primeira delas, que tem a linguagem como expressão do pensamento, apresenta uma visão tradicionalista, uma vez que desconsidera o fato de que, além de transmitir pensamentos, as pessoas, sejam elas cultas ou não, interagem umas com as outras, através de ações orientadas pelos diversos usos da linguagem.

À avaliação, nessa concepção, interessava somente rever o que o professor ensinou. Aqui, o professor é o que “sabe tudo” e o aluno é como uma “tábula rasa” que desconhece tudo e precisa receber os conhecimentos acumulados pelos homens.

Esse receber deve ser entendido com a força que a palavra denota, já que não há troca, não há lugar para discussões. O professor detém o saber e, por isso, é reconhecido, valorizado pela sociedade.

Valorizavam-se, por ocasião dessa prática, no ensino de língua materna, aqueles que dominavam as normas da gramática, conteúdo priorizado em sala de aula. Isso aparecia refletido na produção textual, momento em que os alunos deveriam preocupar-se exclusivamente com a forma. Neste momento, não se produziam textos, escreviam-se redações.

Para Zanini (1999:81),

A concepção de língua aí revelada é aquela que preconiza que conhecer a língua significa conhecer conceitos e normas gramaticais. O aluno deve demonstrar um domínio formal da linguagem e, nessa mesma perspectiva, avaliados os seus textos, ou melhor, as suas redações. Isso implica a valorização da forma, em detrimento do conteúdo, da estaticidade, em detrimento da dinamicidade.

Nesse sentido, quanto mais rebuscada fosse a linguagem usada pelo aluno, mais eficiente seria seu texto. A forma estava em primeiro plano, no momento da avaliação as notas eram dadas a partir do respeito às normas do dialeto padrão. Conseqüentemente, “o julgamento acabava privilegiando os aspectos mais superficiais do texto escrito que nada tem a ver com sua essência, isto é sua textualidade” (Val, 1991:36).

A segunda concepção, aquela que entende a linguagem como instrumento de comunicação, ou seja, vê a língua como um código que permite transmitir e receber mensagens, revela uma visão estruturalista. Nela, a interação que a comunicação humana estabelece, também, é desconsiderada.

Nesta concepção, o professor, de acordo com Zanini (1999), não é mais o detentor do saber e o aluno também não é um recipiente vazio. Aqui, os dois são meros repetidores. O primeiro segue o que, via de regra, vem determinado pelo livro didático e o outro, preenche exercícios com enunciados marcados por “siga o modelo”, inseridos e propostos nesse mesmo livro. Para constatar isso, basta uma rápida análise das propostas que contemplam os livros didáticos. Tais propostas inibem o pensamento do aluno e ele, passivo nesse processo, assim como o professor, não questiona o que faz.

Aqui, a aula era preenchida por listas de exercícios intermináveis que traziam o modelo a ser seguido. E, como não podia ser diferente, a produção de textos – ainda chamada de redação – ficava relegada a segundo plano, tendo como temas as datas cívicas e comemorativas. Dentro do contexto político social, ainda não é hora de formar o cidadão crítico. As vagas de emprego devem ser preenchidas por técnicos, repetidores de modelos previamente determinados.

Finalmente, na década de 80, vai surgindo a terceira concepção que “entende a linguagem como uma forma de interação, pois além de possibilitar a transmissão de informações de um emissor a um receptor, constrói vínculos que não pré-existiam antes da fala” (Geraldini, 1984:43).

Nessa concepção, segundo esse autor, o professor é mediador e o aluno passa a ser sujeito ativo do processo ensino/aprendizagem. Busca-se, nesse

momento, formar o cidadão integral capaz de ler com criticidade o mundo que o cerca.

Nesse contexto, a leitura e a produção textual são os focos mais repensados. A responsabilidade do ensino de língua materna não é somente do professor de língua portuguesa. Professores de diferentes áreas do ensino revêem suas práticas e abrem espaço para a leitura, a interpretação, os debates. Procuram, juntos, construir conhecimentos. Imbuídos nessa proposta, professores de língua portuguesa partem do texto para mostrar ao aluno como a língua se organiza.

Não há, aqui, espaço para o ensino tradicional, muito menos para seguir modelos. A era é marcada pelas discussões. A mão de obra exigida prima pela desenvoltura, pela capacidade de trabalho em equipe. As pesquisas realizadas no ensino superior abrem caminhos, trazem questionamentos e sugestões para que o professor repense e modifique sua prática.

Como reflexo da interação exigida pela nova concepção de linguagem, a avaliação não pode mais ser arbitrária. Ela também é espaço para a aprendizagem. Professores e alunos fazem parte desse contexto novo. Para ambos, ela deixa de ser uma arma, uma vez que, muitas vezes, pelo professor, foi usada para segurar a disciplina e, por outro lado, pelo aluno, significou produto final, acabado, sem proposta de retomada.

Aqui, o percurso da avaliação tem sido por caminhos novos e questionadores. Faz-se a avaliação diagnóstica, para ver o que caminha com sucesso ou precisa ser revisto; a avaliação é contínua, pois o professor está atento aos progressos do aluno, há recuperação paralela, já que o conteúdo

precisa ser revisto rapidamente pelo professor e pelo aluno; professor e aluno se auto-avaliam.

Consideramos esse novo olhar para a avaliação bastante produtora e os procedimentos merecem uma maior discussão:

- a - A avaliação diagnóstica permite ao professor, através de diferentes encaminhamentos e instrumentos de avaliação, perceber qual é o nível da turma, o que precisa ser revisto, ou seja qual será o seu ponto de partida. Aqui fica visível que não precisa ensinar o que os alunos já sabem;
- b - A avaliação contínua permite ao professor e aluno livrarem-se um pouco da média obtida apenas com as notas das avaliações somativas. Aqui o professor, aproveitando as múltiplas inteligências, vê o aluno em todos os seus acertos ou desacertos. Por exemplo, se o aluno não consegue expressar satisfatoriamente por escrito o que aprendeu, mas o faz oralmente será pelo professor avaliado. Isso não significa, entretanto, que não precisará dar conta do texto escrito, mas, no momento de avaliar o texto escrito não será a prioridade, que em situação distinta poderia até reprová-lo;
- c - Quanto à recuperação paralela, é indiscutível o seu valor, visto que o professor, a partir da avaliação contínua, já tem em mãos as deficiências dos alunos e vai retomando através de exercícios o que não foi apreendido. Aqui é imprescindível, apesar de reconhecermos que, muitas vezes, a realidade da escola não oferece muitas condições, um trabalho em outro turno (assessorias) e uma conscientização da família. Porém, a ausência de condições não pode significar o abandono do aluno em suas dificuldades;

d - Já a auto-avaliação do aluno e do professor possibilita a ambos perceber onde estão acertando e, conseqüentemente, falhando, podendo assim, retomar, rever determinada postura e crescer tanto em desempenho quanto em relacionamento.

Dessa forma, a média obtida, exigência da escola e da família, não é mais somente fruto de um produto estanque. O produto acabado que ela representa é, agora, parte do processo que se encerra no final do ano letivo.

Neste contexto, vemos a escola exercendo sua tarefa socializadora. Em tese, todo aluno tem direito, via escola, de conhecer e entender o mundo que o cerca, podendo nele agir e reagir. Sobre esse papel da escola, Staub (1992:29) comenta:

Trinta anos atrás a escola era um agente elitizador. Hoje, querendo ou não, temos que admitir que seu papel já está mudando. Torna-se pouco a pouco, um agente socializador. Uma de suas tarefas principais: pelo ensino da norma culta do português conseguir que o aluno tenha acesso a todas as atividades da classe dominante a fim de que possa defender os seus direitos legítimos e inalienáveis.

É importante, entretanto, ressaltar duas questões relacionadas às mudanças de postura que o profissional do ensino foi assumindo, dependendo das exigências da época, nas últimas décadas.

A primeira delas é que essa postura interacionista³ não foi assumida, ainda, por todas as escolas e, conseqüentemente, por todos os professores, até porque isso demanda tempo e os órgãos competentes responsáveis pela

³ INTERACIONISTA – teoria que estuda a aquisição da linguagem como fator histórico e social enfatizando a importância da interação e da informação lingüística para a construção do conhecimento.

educação no Brasil não têm oferecido condições essenciais para que o professor trabalhe com qualidade. Dessa forma, vemos muitos professores dobrarem a jornada de trabalho para sobreviverem sem espaço, portanto, para ler, estudar e, conseqüentemente propor uma aula mais eficiente.

A outra diz respeito aos avanços vistos na história da educação. Não podemos, em nenhum momento, desconsiderar o percurso, a experiência, enfim a caminhada do professor que, em cada época, teve o seu valor, nem esquecer “que o ensino sempre tem se orientado pela postura política dos professores, os quais estão inseridos numa sociedade, que também se comporta coerentemente com o momento histórico-político da nação” (Zanini, 1999:86). Ademais, se hoje existe uma proposta nova de trabalho é porque uma tendência foi se somando a outra, na medida em que não dava mais conta de sobreviver e responder às necessidades do sistema capitalista que perpassa as propostas a serem desenvolvidas pela escola.

Sobre a valorização do profissional da educação, Zanini (1999:86) assevera que

...cada concepção teve a sua validade ao seu tempo. Não devemos condenar, nem desprezar o que foi feito, porque cada etapa contribuiu, de alguma forma, para os professores que hoje lutam por uma escola melhor. A eles foi se acumulando a experiência que permite a reflexão que lhes deu o conhecimento e o discernimento de perceber que a língua evolui e com ela a sua prática. Todos esses longos anos dão-nos a noção clara de que mudar não é abandonar postura, mas, sim, é evoluir, é crescer; de que nesse processo de transformação nada fica perdido ou é desperdiçado no tempo. Cada experiência deve se constituir em mais uma peça na construção de um alicerce sólido que sustente o saber.

2.1.1 Avaliação e o ensino de língua materna

Muito se tem falado, nas duas últimas décadas, sobre as mudanças que o ensino de língua materna vem sofrendo. Inúmeras pesquisas foram realizadas mostrando que o ensino oferecido não dava conta de formar o cidadão na sua completude; as evasões aconteciam, a escola reforçava a divisão de classes. O aluno acabava sendo excluído, sem entender o discurso do outro e sem interferir na realidade que lhe era imposta.

Nesse contexto, muitas vezes, o professor de língua materna ficou sem chão, sem saber o que seguir a fim de contribuir para um ensino de qualidade. Sentiu-se, após anos de trabalho, incompetente. Tal fato se deu porque, certamente, ensinar gramática era o centro do planejamento da aula de língua materna e, de repente, entendeu-se, equivocadamente, que não havia mais lugar para o ensino de gramática. As inadequações cometidas pelos alunos não deviam ser corrigidas, a caneta vermelha foi dispensada e tudo, a partir de então, deveria se pautar no texto.

Assim, o professor, sem tempo para se especializar e sendo culpado pela incompletude na formação do aluno, que estudou por oito anos a língua materna e, mesmo assim, não dava conta dela, foi chamado de retrógrado, improvisou, tornou-se ativista⁴, já que a cada curso a que assistia, trazia técnicas novas para serem desenvolvidas com os alunos. Isso foi ruim? Não, até porque o professor pôde repensar a sua prática, rever alguns conceitos

⁴ ATIVISTA – propor atividade extra-classe descontextualizada da proposta pedagógica que visa o processo de ensino-aprendizagem.

tradicionalistas e tentar buscar meios de cumprir a tarefa que lhe cabe: ensinar o aluno a refletir sobre a língua materna e dela fazer uso em diferentes situações. Entretanto, faltava-lhe embasamento teórico que pudesse sustentar uma prática coerente e, na medida do possível, eficiente.

Felizmente, os anos foram passando, algumas secretarias estaduais se preocuparam em capacitar o professor, fornecendo pistas para o trabalho a ser realizado em sala com os alunos dos ensinos fundamental e médio. Tal preocupação pode ser percebida e analisada, por exemplo, a partir de reformulações e projetos que vêm acontecendo nesta década, no Estado do Paraná, a saber, dentre outros, a proposta do currículo básico⁵, os cursos de capacitação⁶, o vale-saber⁷.

Não nos interessa aqui, obviamente, discutir questões políticas que subjazem a esses novos rumos, mas atentar para necessidade de que o professor da rede oficial de ensino esteja empenhado em aproveitar todas as oportunidades que, de alguma forma, viabilizem a melhoria do ensino, buscando atender às expectativas do educando com vistas a responder às necessidades sociais e históricas contemporâneas.

Dessa forma, caminhando para essas reformulações, vemos a interação entre profissionais do curso superior, ensino fundamental e médio, já que os primeiros têm participado ativamente do processo de capacitação,

⁵ CURRÍCULO BÁSICO – é uma reformulação datada de 1980, realizada pela Secretaria de estado da Educação - SEED – PR, englobando todas as áreas do conhecimento com objetivo de promover uma prática interacionista.

⁶ CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES – diz respeito a 50/60 horas anuais para estudos com intuito de reciclar os professores da rede pública estadual. O estudo está voltado para discussão do currículo básico.

⁷ VALE-SABER – são projetos encaminhados e desenvolvidos por professores dos ensinos fundamental e médio financiados pelo governo, aprovados e orientados por professor do ensino superior que têm como objetivo a prática de sala de aula.

trazendo, a partir de estudos e realização de pesquisas, que entendem o aluno como sujeito do processo ensino /aprendizagem, um novo olhar para questões relacionadas à concepção de linguagem, conteúdos, encaminhamento metodológico e avaliação.

No final de 1995, as discussões sobre o ensino caminhavam para a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. Nesse documento, estão previstos os encaminhamentos para a realização de um ensino de qualidade. É, na verdade, a nacionalização de uma proposta que já vinha sendo repensada e até trabalhada em alguns estados pelos profissionais do ensino, na escola. Esperávamos esse documento.

O ano de 1997 chegou e com ele chegaram os volumes dos PCNs, separados por disciplina, que, certamente, trariam, em nível nacional, respeitando as diversidades locais, o que deveria ser comum a todos os sujeitos matriculados na escola. Ademais, esse documento atenta para a reflexão dos temas transversais, a saber, ética, meio ambiente, pluralidade cultural, trabalho e consumo, orientação sexual e saúde, tão importantes tendo em vista a efetiva formação do sujeito.

Podemos confirmar isso, recorrendo aos PCNs (Brasil, 1998a: 51):

...tanto nos objetivos educacionais que propõem quanto na conceitualização do significado das áreas de ensino e dos temas da vida social contemporânea que devem atravessá-las, buscam apontar caminhos para enfrentar os problemas do ensino do Brasil, adotando como eixo o desenvolvimento de capacidades do aluno, processo em que os conteúdos curriculares atuam não como fins em si mesmos, mas como meios para a aquisição e desenvolvimento dessas capacidades. Assim, o que se tem em vista, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, é que o aluno possa ser sujeito de sua própria formação, em um complexo processo interativo em que intervêm alunos, professores e conhecimento.

A partir da publicação desse documento, em tese, pois sabemos que a realidade enfrentada nas escolas é desanimadora, todo professor encontraria as pistas que precisa seguir em busca da realização de um trabalho sério e competente, já que está delimitado o que cabe ao ensino de língua materna realizar em cada ciclo (etapas que compreendem o ensino fundamental).

Vamos, agora, reportar-nos a esses encaminhamentos, a fim de refletirmos a nova postura – tão cobrada em todas as tendências educacionais – que o professor deve encarnar, no intuito de garantir ao aluno a posição de sujeito do processo de ensino/aprendizagem.

Para que isso se torne real, para que vejamos o sujeito participar ativamente da vida social na qual ele está inserido, é fundamental que ele tenha o domínio da língua padrão. Mais ainda, é preciso que ele consiga interagir com todo tipo de informação oral e escrita que o cerca.

A busca desse domínio se inicia quando o sujeito se vê capaz de superar-se, motivado a somar os seus conhecimentos, que também são importantes, a outros acumulados ao longo da história; quando ele reconhece o poder que a linguagem tem de agradar, persuadir, estabelecer relações. Assim, percebe que é imprescindível, portanto, aprendê-la e “aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas” (Brasil, 1997:24).

O professor deve, portanto, propiciar situações de aprendizagem, a fim de que o aluno entenda que, quando produzimos um texto, quer seja oral ou escrito, estamos prevendo um interlocutor, temos um contexto, uma

intenção. O uso da linguagem não existe no vazio. Até quando falamos sozinhos é para alguém (nós mesmos) que falamos.

O texto é, nesse sentido, a chave para o ensino de língua materna. Assim, é na diversidade dos textos que o professor deverá organizar a sua prática. Ao aluno deve ser oferecido desde a história em quadrinhos ao texto científico, já que a leitura, a interpretação e a produção de diferentes textos, inclusive os que vivenciam em outras áreas, abrem caminhos para conhecer, agir, enfim, interagir frente aos diversos segmentos que a sociedade lhe oferece. Isso se confirma, quando os PCNs (Brasil, 1997b:30) discutem que uma

...educação verdadeiramente comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para o desenvolvimento da capacidade de uso eficaz da linguagem que satisfaça necessidades pessoais- que podem estar relacionadas às ações afetivas do cotidiano, a transmissão e busca de informação, ao exercício da reflexão.

Refletindo essa nova postura, à escola deve procurar respeitar a produção que o aluno traz. Respeitar, entretanto, não significa somente aceitá-la. É, além disso, mostrar que há outras formas de dizer e, dependendo da situação, do contexto, da intenção e de seus interlocutores, o aluno irá adequar o seu discurso.

Nesse contexto, fica explicitado nos PCNs (Brasil, 1997b) que o ensino de língua materna deve dar condições ao aluno de fazer uso da linguagem em diferentes situações, sendo capaz de produzir textos orais e escritos coerentes e coesos; reconhecer e utilizar os registros dependendo da situação de uso, bem como respeitar as variedades lingüísticas, compreender textos orais e escritos de convívio social, percebendo as intenções do produtor;

valorizar a leitura como fonte de informação e conhecimento de mundo, fazer uso da linguagem para viver melhor, podendo expressar seus sentimentos e analisar a realidade que o cerca.

Após essas considerações, presentes nos PCNs (Brasil, 1997a), que fortalecem a importância de fazer com que o aluno seja sujeito ativo no processo ensino/aprendizagem, torna-se evidente a necessidade imperativa da avaliação ser uma prática menos arbitrária. Conseqüentemente, os critérios de avaliação adotados pelo professor deverão estar de acordo com os objetivos propostos, ou seja, é preciso considerar o que foi proposto, o que foi ensinado e o que foi, pelos alunos, compreendido.

Se o objetivo do ensino é tornar o aluno dono do seu discurso, capaz de falar no meio social, ser capaz de reconhecer e criticar a realidade que o cerca, o professor realizará a avaliação observando como o aluno faz uso do próprio discurso, numa situação pré-estabelecida, quer seja oral ou escrita. Espera-se que ele seja capaz de construir textos, respeitando as características de cada gênero, bem como que ele seja capaz de revisar o próprio texto. É importante, ainda, considerar as diferentes linguagens de que o aluno pode fazer uso, para demonstrar o que aprendeu, visto que

... muitas vezes o aluno não domina a escrita suficientemente para expor um raciocínio mais complexo sobre como compreende um fato histórico, mas pode fazê-lo perfeitamente bem em uma situação de intercâmbio oral, como um diálogo, entrevistas ou debates. (Brasil, 1998a:91)

Assim, o professor deverá realizar a avaliação de seus alunos pautado em três procedimentos: o primeiro diz respeito à observação sistemática, momento em que ele acompanha, utilizando registros, o processo

de aprendizagem; o segundo se dá através das análises das produções dos alunos, lugar onde eles demonstram o que aprenderam sobre determinado assunto, argumentam o ponto de vista que têm; o terceiro diz respeito às atividades específicas para a avaliação, como, por exemplo, a objetividade ao expor um tema. Aqui, é imprescindível, que a avaliação esteja à altura do que foi trabalhado em sala e que os alunos tenham conhecimento do que será considerado relevante naquela avaliação, pois, assim, atentarão para esses aspectos.

Esses procedimentos, indicados pelos PCNs, atestam, ainda mais, o papel fundamental do texto para o processo de ensino/aprendizagem, tanto para a construção do conhecimento quanto para a avaliação.

2.2 O texto: objetivo do ensino de língua materna

A função do ensino de língua materna é desenvolver a competência comunicativa do aluno. Isso, certamente, se dá através da adoção da nova concepção de linguagem que considera o aluno como sujeito da aprendizagem. Nesse contexto, professor e aluno transitam na dialogicidade da linguagem. Os dois são interlocutores em situações reais de uso da língua. Assim, sem desprezar o seu conhecimento, através do seu convívio social, ao professor cabe “oportunizar ao aluno o contato com a variedade lingüística de maior prestígio, bem como ensinar-lhe o domínio da escrita” (Pazini & Benites, 1990:105).

Essa visão interacionista da linguagem coloca o texto como centro do ensino. Entretanto, não podemos acreditar que não haja mais lugar para o estudo da palavra ou da frase. Agora, tais limites foram extrapolados para chegar-se ao texto. Os elementos gramaticais, por si só, não bastam para explicar todos os atos de fala, a eles é preciso somar conhecimentos extra-lingüísticos (sócio-histórico, ideológico...).

Para Pazini & Benites (1990:106 -7),

A visão interacionista da linguagem nos apresenta professor e aluno como interlocutores, isto é, como sujeitos interessados um no outro, e não como elementos cuja função, por um lado, é codificar mensagens para transmitir informações, e, por outro lado, decodificar, decifrar tais mensagens. Essa relação é causa e conseqüência do respeitar-se o aluno como sujeito do discurso, como alguém que tem o que falar e tem também uma forma para se expressar.

Aqui o falante não é mais ideal, ao contrário das outras tendências, ele é dono do seu discurso, escolhe como e o que falar, dependendo do seu alocutário. No Currículo Básico (Paraná, 1990: 51) afirma-se que

Nossas palavras dirigem-se a interlocutores concretos, isto é, pessoas que ocupam espaços bem definidos na estrutura social. Mais do que isso, as nossas idéias sobre o mundo se constroem nesse complexo processo de interação. Vale dizer: aquilo que pensamos sobre o real está diretamente vinculado aos horizontes do grupo social e da época em que vivemos.

Na prática, a aula de língua materna deverá ter como objetivo desenvolver as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever. É importante que a escola mostre a funcionalidade do texto, ao contrário de propor ao aluno a análise de frases previamente construídas que não servem de modelo, quando o aluno faz uso da linguagem no seu dia-a-dia.

Para trabalhar dentro dessa proposta, é necessário que o professor priorize o trabalho com o texto, ora desmontando-o para que o aluno perceba o ponto de vista do autor, os argumentos utilizados, bem como a importância dos elementos gramaticais como as conjunções, o advérbio, a escolha do tempo verbal; ora trabalhando as dificuldades que o aluno apresenta em sua produção de texto. Obviamente, dessa forma, a gramática, contextualizada, fará sentido, terá função.

De acordo com as orientações inseridas no Currículo Básico Paraná, dentro de uma perspectiva interacionista de língua, a avaliação precisa também ter um novo enfoque: não pode ser mais um instrumento burocrático da escola. É preciso “construir uma concepção de avaliação que nos dê pistas concretas do caminho que o aluno está fazendo para se apropriar, efetivamente, das atividades verbais- a fala, a leitura e a escrita” (p.58). Dessa forma, será parâmetro para a avaliação a produção oral e escrita do aluno, partindo do que já tem, estabelecendo metas que deverá alcançar.

A avaliação deverá, portanto, ser feita a partir da comparação de textos para averiguar os problemas que neles se apresentam, objetivando colaborar no crescimento do educando.

No mesmo Currículo Básico (Paraná, 1990:58), fica claro que os critérios deverão ser estabelecidos pelos professores, procurando buscar o bom texto sem prender-se, somente, a problemas ortográficos e sintáticos:

A avaliação é uma atividade ampla e complexa, é importante que, ao exercê-la, o professor tenha sempre em vista mais do que um instrumento de dar nota: o domínio gradativo das atividades verbais por parte do aluno.

2.2.1 Texto: conceito

Assim posto, o texto é foco do ensino de língua materna. Por isso, torna-se importante conhecer o conceito de texto com que o professor trabalha.

O que é um texto?

Um palavra, dependendo do contexto em que ela foi empregada, é um texto. Entretanto, a presença de uma série de palavras ou de frases não nos garantem que estamos frente a um texto. O texto para ser reconhecido como tal necessita cumprir alguns requisitos pré-estabelecidos, obedecer a algumas regras, estar dentro de um contexto, apresentar um assunto, trazer a intenção do autor.

De acordo com Val (1991), texto não é um amontoado de frases ou palavras soltas. O texto tem unidade e nele estão envolvidas as intenções e todo contexto tanto na produção como na recepção; “pode-se definir texto ou discurso como ocorrência lingüística falada ou escrita de qualquer extensão dotada de unidade sociocomunicativa, semântica e formal” (p.3).

Para a referida autora, um texto será bem compreendido quando avaliado sob três aspectos: a- o pragmático que tem a ver com seu funcionamento enquanto atuação informacional e comunicativa; b- o semântico-conceitual, de que depende sua coerência; c- o formal, que diz respeito à sua coesão.

Essas três propriedades básicas do texto são por ela explicitadas: o texto se caracteriza pela sua função sociocomunicativa, já que “é uma unidade de linguagem em uso” (p.6) e nele estão envolvidos diversos fatores que o fazem ser reconhecido pelos falantes da língua. Assim, devemos entender

cada ato como único, uma vez que, dentre outros aspectos, as intenções de quem o produz, o conhecimento de mundo dos participantes constroem discursos, promovem a interação. O texto precisa apresentar uma unidade semântica. Será texto a ocorrência lingüística que tiver significado para o receptor. Aqui interessa o texto coerente, que faz sentido. É claro que ele não estará totalmente preenchido, pois o receptor também tem papel primordial na completude de um texto, afinal, “seu sentido é construído não só pelo produtor, como também pelo receptor que precisa deter os conhecimentos necessários à sua interpretação” (p.6). O texto precisa apresentar uma organização formal, ou seja, os mecanismos gramaticais e lexicais permitem a relação entre palavras, frases, parágrafos, tema, referências. A coesão está intimamente ligada à coerência, ela “é a manifestação lingüística da coerência” (p.6).

Koch (1997) quando discute, considerando diversas pesquisas, a questão da coerência textual, entende o texto

Como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor) em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente de sua extensão. (p.8-9)

Segundo a Proposta curricular do Estado de São Paulo (1991) texto não deve ser definido pela extensão, mas sim como “unidade de sentido em situações discursivas” (p.11). Isso significa que uma palavra, dependendo da situação, da interpretação, enfim da interação que ocorre entre falante e ouvinte/autor e leitor, constitui-se em um texto.

Entendemos que o texto não é algo pronto e acabado, nele estão presentes, dentre outros aspectos, o ponto de vista e o conhecimento de mundo de quem o produz, que, sob o olhar de outro, poderá se completar ou se esvaziar na construção de novos textos.

Por isso, atribuir sentido a textos é, em parte, ser capaz de interpretar o ponto de vista que o autor manifesta; mas é, também, fazer variar esse ponto de vista: construir outros textos e produzir conhecimento (entendendo conhecimento como resultado de um trabalho conjunto de construção e não como mero consumo de informações tiradas dos livros e das aulas). (São Paulo, 1991:18)

Para os PCNs (Brasil, 1997b:25), “texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão”.

Já para Siqueira (1990), o principal atributo de um texto é a unidade que se define pela sua completude, uma vez que sem ela não poderá ser reconhecido na sua totalidade.

Podemos somar a isso às palavras de Infante (1998:90), quando retoma a origem da palavra: *textum*, que significa tecido, entrelaçamento. Isso nos leva a refletir que a própria etimologia já traz em si que “o texto resulta da ação de tecer, de entrelaçar unidades e partes a fim de formar um todo inter-relacionado”.

Barthes (1987:83) diz que

Texto quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo, porém neste tecido - nessa textura - o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se desenvolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia.

Tal consideração nos faz pensar que o texto escrito ou oral não é construído no vazio. Para construí-lo é preciso ter previamente determinado o que dizer, como dizer e para quem dizer.

No que diz respeito ao texto escrito, para Durigan (1987:13), “escrever não é apenas traduzir a fala em sinais gráficos, pois um texto escrito que não seja satisfatório demonstra que o produtor não usa os recursos específicos da linguagem escrita”.

Refletindo sobre essas considerações, vemos a importância de levarmos o aluno a pensar que, quando produz um texto, deve buscar verificar se ele está completo ou incompleto e, a partir desse levantamento, modificá-lo, se necessário. Quanto ao professor, é preciso que ele tenha claro a necessidade de trabalhar as diversas formas de produzir um texto, procurando marcar as diferenças que existem entre a linguagem escrita e a oral.

Para que haja sucesso no processo ensino/aprendizagem é indiscutível que

O cerne do nosso ensino vai se constituir no trabalho com o texto. Este deverá ser entendido como um material verbal, produto de uma determinada visão do mundo, de uma intenção e de um momento de produção. (Paraná, 1990 :53)

Em relação à língua oral, Durigan (1987) assevera que ela é favorecida porque o falante tem estabelecido com quem fala e em que contexto. Ao contrário disso, a linguagem escrita suprime os elementos extra-textuais e o texto deve garantir, dentro de uma organização, a sua inteligibilidade.

Obviamente, nessa concepção, o texto não vem completo em si mesmo, pode ter diferentes leituras, dependendo do conhecimento de mundo e da intertextualidade presente em cada leitor. Entretanto, esse preenchimento relegado ao leitor, é posterior ao trabalho de coesão e coerência necessário ao texto.

De acordo com Faraco & Tezza (1992:118), o texto para ter qualidade não basta estar bem escrito, dentro das regras gramaticais, já que “sua organização interna só tem sentido com relação à organização externa do enunciado”. Afirmam também que “a qualidade de um texto escrito só pode ser medida com relação à intenção de quem escreve, ao universo de quem lê e ao assunto de que se fala”.

Infante (1998:94) nos mostra que um texto deve ser “uma seqüência de dados não-contraditórios e relacionáveis, apresentados gradativamente por meio de um movimento que combina repetição e progressão”.

Essa definição retoma as quatro meta-regras de Charolles (1988), relacionadas à coerência, que, se observadas, tornam o texto mais bem elaborado. São elas: a- da repetição, isto é, um texto considerado, dentro dos padrões instituídos, como satisfatório deverá apresentar repetições e retomadas de elementos que marcam a coerência; b- da progressão que é responsável pela continuidade, momento em que se acrescentam informações ao que já foi dito; c- da não-contradição que garante a coerência do texto, pois não permite que se alegue algo como verdadeiro e em outro momento como falso ; d - e, por último, da relação que é responsável pela aproximação das idéias colocadas no texto, ou seja, os fatos e os conceitos devem estar de acordo.

Textos construídos dentro desses parâmetros devem fazer parte da aula de língua materna. A prática do professor deve, para isso, envolver leituras e debates para que, aos poucos, o aluno crie o hábito de analisar e refletir sobre tudo o que lê. Assim, no convívio com bons textos, bem construídos, ele criará técnicas e estratégias que o tornem capaz de produzir um texto coerente.

É isso que marca a diferença de texto e sua produção e redação.

2.2.2 Texto e redação

O que diferencia a redação da produção de texto? Não será apenas uma questão de nomenclatura?

De acordo com Geraldi (1993), na redação, produzem-se textos para a escola e, na produção, produzem-se textos na escola. Isso significa que as propostas de produção oferecidas aos alunos não propiciam situações reais de interesse, ou seja, há uma certa artificialidade nos textos como se o momento da escrita fosse uma tarefa desprovida de sentido. A distância entre o que o aluno enuncia, fala, vive e acredita e a sua produção escrita é tão grande que para ele essa tarefa não tem a ver com a vida real. Daí, os textos se apresentarem tão vazios, tão longe de verdadeiros textos. Segundo este autor,

para produzir um texto (em qualquer modalidade) é preciso que: a) se tenha a dizer o que se tem a dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que se diz para quem diz; e) se escolheu as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (p.137)

Acreditamos, a primeira vista, que a produção de um texto trata-se de um trabalho minucioso que envolve o planejamento, a execução e a revisão. Nessa perspectiva, as idas e vindas para o professor são fundamentais, tendo em vista os ajustes que, certamente, são necessários. Já a redação é o produto final que visa apenas ao resultado: o tema é dado e o aluno redige e entrega a atividade pronta para ser avaliada, para se obter uma nota. Temos, assim, a “redação escolar”.

Sabemos que não há uma receita para produzir bons textos, mas, a leitura, bem como algumas estratégias, que podem ser desenvolvidas a partir das orientações do professor, contribuem para que o aluno tenha sucesso.

Todavia a técnica de produção, muitas vezes, não tem como ser ensinada dentro dos padrões didáticos, com regras rígidas, isto é, quando o professor oferece a estrutura de um texto ao aluno, não significa que este dará conta, como num passe de mágica, de produzir textos bem estruturados. Sabemos que é na prática, vivenciando inúmeras propostas que, aos poucos, os textos vão ficando mais completos.

De acordo com Bernardo (1988:6),

Escrever não será, também, uma questão de técnica. Não se escreve sem nenhuma técnica, é certo. Mas ninguém começa a escrever depois de adquirir a tal técnica. Começa-se a escrever porque se deseja fazê-lo, e então, enquanto se vai escrevendo, se vai organizando a própria técnica.

Isso nos mostra que a técnica que favorece a competência textual vai, com a prática, sendo adquirida e a correção realizada pelo professor é que auxiliará a sua melhoria, já que possibilita ao aluno rever os equívocos que cometeu. Entendemos, também, que a avaliação deva partir dessa correção, a

qual dará os parâmetros para a criação de critérios de avaliação. De que forma? Ao corrigir os textos, o professor terá em mãos os campos mais deficientes, ou seja, aqueles que os alunos não preenchem satisfatoriamente, podendo, assim, estabelecer, no momento da reescrita, os critérios pelos quais os textos serão avaliados.

De acordo com Fiad (1997), apesar de a tradição do ensino de língua portuguesa estar centrada no ensino da gramática, é possível visualizarmos uma tendência que se preocupa em trabalhar a leitura e a produção de texto. E mais, é possível ver uma mudança desde a postura do professor até os encaminhamentos presentes nos manuais didáticos, uma preocupação em convidar à reescrita do texto. Tal postura demonstra um interesse por parte do professor em considerar o texto como um meio de perceber a funcionalidade da língua.

Podemos inferir, portanto, que há uma preocupação em se fazer a revisão e, conseqüentemente proceder à reescrita, portanto, estamos falando de produção textual – lugar destinado ao processo, à construção. Contrário a isso temos a redação como resultado, produto final, versão definitiva.

Na escola, mais recentemente, procede-se a produção de texto, evitando os famosos exercícios de redação, onde simplesmente um tema era oferecido, sem leituras prévias, sem espaço para debates. Via de regra, o texto tinha que fluir. Aqui, quando acontecia a proposta de redação – não era atividade comum –, muitas vezes, o tema estava relacionado às datas comemorativas. Nessa nova postura, que vê o texto como elemento a ser utilizado para entendermos como a língua se organiza, a produção de texto

encontra seu lugar de fato. Assim, coadunamos com Benites (1996:7), quando afirma que

Produzir textos significa apropriar-se da linguagem, estabelecendo relações com um alocutário real, em situações definidas, argumentando para alcançar o efeito pretendido. O aluno se sentirá motivado para tal atividade por saber que esta é uma forma de se posicionar diante do mundo e que existe alguém interessado em saber o que ele tem a dizer, concordando ou não com o que ele diz e influenciando-se, em maior ou menor grau, pela sua forma de expressar-se.

Somamos a esse comentário a visão de Geraldi (1997), quando diz que a redação está presa a clichês e lugares- comuns, escreve-se o que os docentes querem ouvir e a produção é mais criativa, o aluno escreve buscando a originalidade, mostra o seu ponto de vista sobre as coisas que o cercam.

Não interessa, entretanto, o termo utilizado para esse momento destinado à escrita. O que vale é o encaminhamento dado pelo professor aos alunos, considerando todo o processo. Segundo Pereira (1995:3),

A experiência tem mostrado que é necessário oferecer-lhes (aos alunos) um momento prévio de troca de idéias, de debate, de formação de uma opinião sobre o que vão escrever. Aos poucos, eles vão ampliando seu conhecimento sobre o assunto, sobre os ângulos, com novos argumentos e distintos pontos de vista.

Outra questão levantada pelo autor é que aos poucos os professores têm procurado planejar as aulas com “propostas de atividade de redação que minimizam o exagerado rigor formal dos antigos e privilegiam a construção do texto enquanto unidade dinâmica de comunicação” (Pereira, 1995:3).

Nesse contexto, a produção textual será vista pelo aluno não como uma tarefa desgastante, difícil de ser realizada, mas sim uma forma de mostrar-se como cidadão crítico capaz de ler, entender e agir sobre o mundo.

Para Faraco & Tezza (1992:101),

...saber ler e escrever é, portanto, muito mais que dominar uma técnica ou um sistema de sinais: é agir sobre o mundo e defender-se dele, sempre em situações específicas e concretas, intencionalmente construídas e com objetivos claros.

2.3 Texto: correção e avaliação

Dependendo do encaminhamento dado pelo professor, ele poderá usar somente a correção, ou a avaliação ou, ainda, as duas juntas. Se optar por trabalhar apenas com a correção, levará em conta as respostas dadas pelos alunos em diferentes textos. Assim seria possível perceber o crescimento de cada aluno. Bastaria estabelecer os objetivos a serem vencidos. Nessa prática, o professor estaria avaliando o aluno de acordo com o progresso em suas produções.

Se a opção do professor for pela avaliação, o que acreditamos, em regra geral, ser o mais comum de acontecer, a cada produção o professor avalia, de acordo com o que considera ser um bom texto, e dá uma nota. Muitas vezes, por uma questão de tempo ou por trabalhar com turmas numerosas, não consegue discutir com os alunos as anotações que faz, gerando, assim, um certo descontentamento nos alunos, que não entendem o porquê das notas que tiram.

A outra possibilidade – e acreditamos que seja a mais eficaz – é trabalhar com os dois momentos: correção e avaliação. Aqui professor e aluno interagem no processo, tornam-se cúmplices, parceiros, co-autores dos textos.

A correção e a avaliação de um texto são etapas que requerem procedimentos diferentes por parte do professor. A primeira é marcada pela orientação, pela leitura atenta que visa as intervenções que o aluno poderá fazer no momento da reescrita e a segunda é a pontuação, ou seja, ao produto é dado um juízo de valor.

Podemos dizer que corrigir e avaliar um texto são situações parecidas que se relacionam, mas cada uma tem o seu momento e a sua função, uma vez que a primeira analisa o processo e a segunda o produto. Entretanto, é preciso considerar que o produto avaliado é visto de maneira holística, não estanque, pois revela ao professor os próximos passos que devem ser dados na dinamicidade do processo maior que deve ser as aulas de produção de texto.

Segundo Serafini (1992:130), “as duas operações não são totalmente diferentes, nem no tempo nem nos procedimentos que utilizam; no entanto cada uma desenvolve uma função distinta”.

2.3.1 Correção

Entendemos a correção de um texto como um momento de interação. Aos olhos do professor ficarão claras as dificuldades que se

apresentam no texto do aluno. Aqui há tempo e é tempo de interferir, de tornar a produção mais eficiente. No dizer de Moraes (1998:3),

Ao invés de “tocaiar”, como guarda de trânsito, coloco-me à disposição, sento-me ao lado de quem me chama, troco idéias, questiono, incentivo. Quando não consigo isso “tête a tête”, procuro fazê-lo por escrito, lançando questões e devolvendo os relatórios para aprofundamento da reflexão.

A teoria construtivista vê o equívoco do aluno como algo positivo, pois caminha para um futuro acerto. Segundo ela, o aluno vai lançando hipóteses e criando estratégias de ação frente aos desafios. Além disso, é imprescindível que o professor observe e considere os acertos realizados pelos alunos, já que eles demonstram o que o aluno é capaz de fazer sozinho, o que já foi por ele assimilado, sistematizado. Um exemplo disso é quando analisamos um texto e percebemos que o autor escreve sob um ponto de vista interessante, porém não consegue organizar suas idéias de forma coerente. Poderíamos até considerar, equivocadamente, tal texto como inadequado, mas não podemos deixar de perceber que ele apresentaria uma certa consistência se fosse trabalhado de outra forma.

Assim, é preciso considerar e analisar todas as inadequações porque algumas levam à reflexão, ao sucesso, enquanto outras necessitam da intervenção do professor, já que demonstram o limite do aluno. Se, porventura, não houver a intervenção de outrem, o aluno poderá ficar fadado à mesmice, ou seja, não haverá progresso se ele não for convidado, suscitado, enfim encaminhado de forma a romper com os problemas que ora apresenta.

O que fazer com as inadequações? Sabemos que, após o trabalho dispendioso do professor, dedicado à correção de texto, a maioria dos alunos

quando recebe de volta a avaliação demonstra um desinteresse em relação aos equívocos cometidos. Há um interesse apenas pela nota. Tal postura precisa ser discutida, até porque a correção faz parte da aprendizagem. Muitas vezes, o aluno não se interessa pela correção, porque sabe que a nota ficará idêntica. Aqui, talvez, caiba ao professor dar um encaminhamento que vise à aprendizagem. Se o aluno revê suas falhas e apreende o conteúdo, certamente, a nota poderia ser substituída.

Nesse sentido, é preciso que o professor diferencie a avaliação classificatória, que está presa às notas, à aprovação, da avaliação mediadora que está voltada para aprendizagem e encaminha para uma promoção com competência.

Segundo Hoffmann (1994), na avaliação classificatória o professor verifica as respostas corretas presentes em avaliações periódicas, uma vez que delas dependem a aprovação ou reprovação. Já na avaliação mediadora, acontece o oposto, já que ao professor interessam as diferentes atitudes dos alunos em momentos que primam pela aprendizagem. Há, na verdade, um maior comprometimento do professor com o ensino/aprendizagem quando acompanha a formulação e a comprovação ou não das hipóteses lançadas pelos alunos em diferentes situações.

Infelizmente, o que dificulta a atividade do professor é não ter uma concepção de escrita clara e objetiva, pois, muitas vezes, o que se vê na escola são propostas de atividades bastante artificiais, isto é, escreve-se apenas para o professor corrigir e dar uma nota. Nesse sentido, já se nega a noção de interlocutor, ou seja, o perfil daquele que vai ler o texto e a escrita torna-se apenas mais uma atividade sem função presente na escola.

A correção de um texto deve ser o momento em que o professor faz anotações e mostra ao aluno os problemas que o texto apresenta, bem como dá sugestões que possam tornar o texto melhor, mais claro, mais bem acabado.

Por isso, a correção é uma etapa importante e necessária na produção de texto, pois é o momento da troca de informações, por exemplo, aqui o aluno pode colocar “mas eu quis dizer isso” e o professor interferir, mostrando que o texto exige clareza e as intenções não indicadas na superfície do texto não são consideradas.

Para exemplificar, elencamos trechos de textos, dos sujeitos desta pesquisa, que apresentam inadequações e merecem sugestões a fim de se tornarem mais bem elaborados:

- a- Pontuação: “*Citamos, por exemplo a fábrica...*” (falta do emprego da vírgula)
- b- Coerência: “*...perdoar os erros passados...*” (de quem?)
- c- Coesão: “*Isto fez..., isto...Com...isto fez...*” (repetição)

Tais exemplos demonstram a necessidade da correção, já que é o espaço para a intervenção do professor não como avaliador, mas como leitor crítico. Nesse momento, seu papel é de mediador entre os equívocos e os possíveis acertos que estarão presentes no momento da avaliação, se bem encaminhado.

2.3.2 A avaliação

A avaliação, para Serafini (1992), é uma etapa conseqüente à correção. Tal e qual a correção, a avaliação “precisa estar ligada àquilo que

está sendo ensinado ou o que está sendo considerado como importante para ser ensinado” (Fini, 1998:9). Essa etapa, entretanto, não acontece de uma forma tranqüila, visto que a falta de regras pode caminhar fortemente para a subjetividade e o professor incorrer em injustiças.

Vianna (1998:15), apesar de fazer uso de uma nomenclatura diferenciada – correção = avaliação, medir = correção –, afirma que “o professor, no contexto de sala de aula, tem que se preocupar com avaliar e não apenas medir, embora a medida possa ser o início de uma avaliação”.

Na prática, geralmente, é o momento em que o professor analisa criticamente o produto acabado. Não havendo, assim, o retorno deste produto para o autor. Aqui será dada uma nota e ponto final.

Avaliar torna-se, assim, a última etapa do processo que envolve a produção textual. Avalia-se para pontuar, para, em situações definitivas, valorizar, mensurar a forma e o conteúdo.

Na concepção ora assumida, a etapa da avaliação não tem um fim em si mesma, uma vez que, além de significar o momento de o professor dar a nota, possibilita-lhe traçar outros objetivos que serão trabalhados, entretanto, é preciso, visando o sucesso do aluno, estabelecer critérios claros pelos quais o texto será avaliado.

2.3.3 A importância de se criarem critérios

Conhecer os critérios de avaliação do professor ajuda o aluno a canalizar a própria energia na direção certa. Em geral os professores não explicam os critérios da avaliação antes do desenvolvimento da redação. (Serafini, 1992:29)

Nesse contexto, não cabe ao aluno questionar a nota que lhe foi atribuída e nem é necessário o professor explicá-la. Pior é que isso acontece de forma natural, já que faz parte de uma prática instituída e consolidada há muito tempo.

Assim o tempo passa e os professores avaliam para saberem se os alunos entenderam a matéria, de fato, do outro lado -literalmente- os alunos estudam e vêm na nota, muitas vezes, sem questionar, o resultado da aprendizagem, se é que podemos chamar assim.

Essa postura pode ser confirmada na opinião de um professor, entrevistado por Sousa (1995:86b), quando afirma que

Hoje em dia, os alunos ficam mais em função da nota, certo? Então se nós não tirarmos nota (...) eles abusam. Então, se, eles sabem que nós não faremos nada, eles sendo indisciplinados, não fazendo tarefas, isso, aquilo, eles começam a abusar da gente. Então, nós temos que ter uma maneira de segurar os alunos. (Sousa, 1995:86b)

Conseqüentemente, vivenciando uma prática de ensino que não dá conta de mediar aprendizagem, avaliação e disciplina

Os alunos, de modo geral, dizem entender o conceito que lhes foi atribuído. Quando não entendem, pedem explicação ao professor ou deduzem que foi o comportamento que influenciou para que o conceito fosse acima ou abaixo do esperado. (Sousa, 1995b:87)

Nesta pesquisa, também vivenciamos situações semelhantes às citadas acima, quando os alunos mostravam desinteresse pela reescrita do texto, preocupados com o produto final. Era comum ouvirmos: “_Professora, cumpri todas as tarefas, por que tenho essa nota?”; “_Não quero refazer, acho que meu texto está bom”.

Quanto à postura de alguns colegas de trabalho, era, muitas vezes, representada por comentários do tipo: “_Não acredito que a reescrita dos textos possa colaborar para que o aluno se torne mais competente”; “_Os alunos não se interessam pela reescrita, acham que é perda de tempo”.

Essa realidade vem nos mostrar que professor e aluno não discutem a avaliação e ela se torna opressora, não auxiliando em nada no processo de ensino/aprendizagem. Nesse contexto, ela é vista como uma soma de atitudes: se o aluno for “bonzinho”, terá sua nota garantida.

Isso nos faz crer que o professor precisa ter critérios claros e definidos e, mais, discutidos com os alunos para avaliar em todas as instâncias, uma vez que essa atitude, certamente, colaborará para a dinâmica necessária na construção do conhecimento dos sujeitos envolvidos nessa relação, ou seja professor e aluno precisam estabelecer os critérios que vão balizar se houve ou não a construção do conhecimento.

Alguns estudiosos, contrários a essa postura, poderiam afirmar que, quando o professor estabelece critérios, direciona totalmente a produção do aluno, ou seja, ele caminhará por onde o professor quer, produzindo, assim, os textos denominados “quadrinhos”. Consideramos, entretanto, tal visão equivocada, já que é a partir de um caminho que o aluno será capaz de abrir outros, de extrapolar o próprio texto.

Descartada essa hipótese, acreditamos que para a correção e avaliação da produção de texto, interesse deste trabalho, é importante que professor e alunos considerem a correção como mais um momento de aprendizagem. Para o primeiro, é a partir dos critérios, previamente

estabelecidos, que ele poderá cobrar a competência do aluno e para o outro, é uma direção a seguir na construção da produção textual.

Por exemplo, se o professor durante a correção perceber que alguns alunos apresentam dificuldade em argumentar, em fazer o texto progredir, é momento de parar, refletir com os alunos, propor mais leituras sobre o tema e a partir daí definir que, após a reescrita, quando acontecerá a avaliação de fato (atribuição de nota), esse campo estará tendo um determinado valor, ou seja o professor estará, coerentemente, cobrando a partir de suas orientações.

O aluno, nesse mesmo contexto, estará atento às orientações propostas pelo professor, certamente haverá uma preocupação maior em dar conta da categoria argumentação e terá claro o que o professor pretende na avaliação. Assim, a reescrita do texto, muitas vezes confundida com o “passar a limpo”, fará sentido.

Podemos chamar esse processo de avaliação contínua, uma vez que sempre o professor e o aluno estarão discutindo os objetivos a serem conquistados, estarão revendo determinados encaminhamentos, construindo, assim, formas mais eficazes de tornar o aluno um produtor eficiente. Essa avaliação, praticamente desmistifica a prova com data marcada que, na maioria das vezes, não demonstra o que realmente foi apreendido pelo aluno, já que envolve diferentes aspectos que perpassam do cognitivo ao emocional.

Na verdade, a avaliação contínua do processo acaba por subsidiar a avaliação final, isto é, se o professor acompanha o aluno sistematicamente ao longo do processo pode saber, em determinados momentos, o que o aluno já aprendeu sobre os conteúdos trabalhados. (Brasil, 1997a:82-3)

Vale ressaltar que os critérios não são estanques, podendo ser alterados quantas vezes forem necessárias, visando, assim, a uma mudança de postura no produtor, já que ele precisa ter claro que o texto todo, do título à conclusão, é importante.

Se os critérios previamente estabelecidos favorecem a aprendizagem, como criá-los? De que forma o professor poderá mostrar ao aluno os pontos mais importantes que serão considerados no momento da avaliação?

2.3.4 Critérios: como elaborá-los?

Devem ser grandes os cuidados com a AVALIAÇÃO. Quando se estabelece uma política nesse sentido, está-se sinalizando para cada um dos sistemas ou para cada um dos indivíduos avaliados aquilo que deveria ter sido ensinado e que deveria ter sido aprendido. Daí o cuidado no momento de se estabelecer um rol de conteúdos de competência ou até de valores e atitudes. (Fini, 1998:12)

O que avaliar? Que valor será atribuído aos diferentes itens que compõem um texto?

Defendemos a idéia de que é a partir da correção que o professor estabelece os critérios que utilizará no momento da avaliação. É preciso, portanto, antes de mais nada, verificar em que campos há um maior índice de equívocos e, a partir daí, após a retomada, valorizar o item mais deficiente. Desse modo, o sujeito terá um maior cuidado ao reelaborar seu texto visando a preencher adequadamente o que ficou falho.

Assim, nessa etapa do processo, o professor deve criar mecanismos adequados e o mais isento quanto possível de subjetividade. Isso significa que precisa fugir do “gostei”, “não gostei”, “concordo” “não concordo”, do “achismo”. Enfim ele deverá estabelecer critérios que sejam passíveis de completude. Conseqüentemente, quando corrigir perceberá se houve ou não preenchimento dos campos elencados.

Tal posição não nega, aliás reforça, que a subjetividade é inerente à avaliação. Cada pessoa, felizmente, tem uma maneira de ver o mundo que o cerca e o que é importante para alguém pode ser insignificante para outro.

Consideramos, portanto, enriquecedora a discussão proposta por Val (1991) quando afirma que não vê como fugir da subjetividade, já que o texto não depende somente de quem o produz, “depende, em grande parte, do *recedor* (seus conhecimentos prévios, sua capacidade de pressuposição e inferência, sua adesão ao discurso) e do contexto (o que é texto numa situação pode não ser em outra, e vice-versa)” (p.34).

A nossa preocupação, entretanto, em tentar diminuir a subjetividade no momento de avaliar é reflexo da experiência, pois, muitas vezes, quando lemos textos de alunos e os consideramos adequados, respeitando as condições de produção, e pedimos a outro profissional da área para fazer uma apreciação crítica, é comum os textos serem taxados de “pobres”, sem informação. Questionamo-nos: quem está certo? qual leitura se aproxima de reconhecer um bom texto? A resposta, se é possível, talvez, estaria no cuidado com a subjetividade exagerada, na “avaliação totalizante” que caminha para a falta de parâmetros no momento de avaliar.

E, como diz Vianna (1998:15), “...precisamos nos referir com cuidado a essa subjetividade, que tem o seu papel na AVALIAÇÃO, que faz parte do dia-a-dia do professor na sala de aula, uma subjetividade que está associada a juízo de valor”.

Porém, entendemos, que a subjetividade como entrave para uma avaliação só se revigora no momento de aprovar ou reprovar o aluno em obediência às leis de ensino, porque ela deixará de ser entrave e terá relevância na avaliação que faz parte do dia-a-dia, em sala de aula, ou seja, na avaliação qualitativa.

No caso deste trabalho, a elaboração de critérios que defendemos deve estar associada à avaliação qualitativa benéficamente influenciada pela subjetividade e à avaliação quantitativa, necessária para a classificação do nível de aprendizagem do aluno, que, por ser somativa, deve neutralizar-se. Como? Sem perder de vista o que foi ensinado e como foi ensinado o conteúdo a ser avaliado, devem ser elaborados os critérios. Portanto, os critérios devem se ancorar na realidade do contexto em que serão adotados e elaborados de forma a facilitar a sua utilização.

Para que a avaliação seja situada em contexto escolar, como mais um momento de aprendizagem, é preciso estabelecer metas precisas:

É comparando textos do próprio aluno que o seu progresso pode ser evidenciado, e, para isto, é necessário que o professor tenha clareza do que é um bom texto, superando o critério de avaliar um texto face aos “erros” ortográficos e sintáticos. É o rendimento do aluno, nas diferentes produções escritas, que devemos levar em consideração. (Paraná, 1990:58)

Para a produção escrita, Pécora (1983) evidencia alguns critérios para a avaliação da produção textual como problemas na oração, problemas na coesão e problemas na argumentação.

Val (1991:35) propõe critérios qualitativos no momento da avaliação.

Para ela,

Um julgamento que pretenda respeitar a natureza do objeto avaliado e percebê-lo na sua totalidade pode se perguntar o seguinte: dada a situação comunicativa, as características e as disposições dos interlocutores e o tipo textual efetivo, essa produção lingüística se mostra aceitável? Tem continuidade? Apresenta progressão? Mostra-se não-contraditória e bem articulada? Faz uso adequado dos recursos coesivos que servem à expressão dessas qualidades? É suficientemente clara e explícita na apresentação das informações? Comporta um mínimo de novidade que possibilite reconhecê-la como manifestação personalizada e capaz de atrair a atenção de um receptor médio?

Segundo Siqueira (1990), os critérios para a correção de um texto são os seguintes: percepção da referência, estabelecimento da tematização, manutenção da referência tematizada, presença da informação nova, ocorrência de oposição entre idéias, colocação de um novo valor de verdade, precisão nas designações (sem digressões ou redundâncias), adequação dos comentários, consistência nos embricamentos sintáticos e apresentação.

De acordo com Zanini & Menegassi (1996:371), em situação de vestibular da Universidade Estadual de Maringá - UEM, a forma e o conteúdo são observados. Segundo estes autores,

No campo do conteúdo, objetivamos avaliar a capacidade do candidato de argumentação sobre um determinado tema, mensurar o processo de reflexão e organização do conhecimento. Já na forma, o objetivo é avaliar o emprego das estruturas lingüísticas da norma padrão-culta e da estrutura da tipologia textual específica.

A partir dessas considerações, é possível entendermos que cabe ao professor perceber, dentro dos critérios já estabelecidos e experimentados por diferentes autores,⁸ o que é relevante no momento de avaliar. Ele deverá dizer ao aluno o que será priorizado, bem como definir e deixar claro o que pretende em cada produção de texto.

Além disso, esses critérios só deverão ser estabelecidos após a correção, já que neste momento o professor perceberá a maior necessidade do aluno, isto é, o que deverá ser evidenciado, buscando a melhoria da produção.

Nesse sentido, a correção propiciará ao professor dados que lhe permitirão orientar as novas produções e, conseqüentemente, a elaboração dos critérios de avaliação. A avaliação, no sentido de mensurar, só ocorrerá após outra etapa do ensino/aprendizagem de produção textual: a reescrita.

2.4 Texto: a reescrita

A aula de produção textual, ao contrário da conhecida aula de redação, pressupõe uma interação entre os sujeitos envolvidos. Desde a proposta colocada pelo professor até a entrega do texto, na versão definitiva, há um caminho trabalhoso a ser percorrido.

Desenvolver projetos é uma das formas de promover essa interação e tornar a produção de texto contextualizada, uma vez que evita as atividades estanques, definidas apenas pelo professor, que pouco dizem aos alunos e permite um trabalho de parceria entre os envolvidos.

⁸ Veja item 2.4.5.

De acordo com os PCNs (Brasil, 1998b:87)

A característica básica de um projeto é que ele tem um objetivo compartilhado por todos os envolvidos, que se expressa num produto final em função do qual todos trabalham e que terá, necessariamente, destinação, divulgação e circulação social internamente na escola ou fora dela.

Tal prática se fortalece pela dinamicidade a ela inerente, pois ao trabalhar com projetos, o professor abre espaço para leituras extras, debates, pesquisas, análise de diferentes pontos de vista e tipologias, enfim aos alunos “oferece reais condições de produção de textos escritos” (Brasil, 1997b:71).

Além disso, quando o aluno é convidado a discutir o que vai aprender, passa a entender como se processa o ensino, ao invés de apenas preencher as atividades que já vêm pré-determinadas, fragmentadas e artificiais torna-se capaz de interferir, refletir, avaliar e responder às exigências para o sucesso da proposta de trabalho, comprometendo-se com a própria aprendizagem.

A esses comentários, podemos somar as considerações de Jolibert (1994:35) quando afirma que “a escola não é mais o lugar para a transmissão de conhecimentos do professor às crianças que recebem um ensinamento. Para mobilizá-las, é preciso que saibam o que estão fazendo e por que o fazem”.

Nessa perspectiva, a autora defende uma proposta de trabalho, a partir do desenvolvimento de projetos, que “desembocam na necessidade de produzir textos” (p.35). Assim, a produção de texto toma uma dimensão que extrapola os limites do faz-de-conta para marcar o interlocutor, “as crianças

escrevem uma situação real, isto é, não produzem mais escritos simulados, do tipo ‘Imagina que tu estás escrevendo para um amigo’”(p.35).

De acordo com a autora, esses projetos não são executados passivamente, pois a criança “conhece seus objetivos; aprende a planejar seu trabalho, que irá se estender por várias sessões; irá produzir um tipo de texto identificado desde o começo; engaja-se pessoalmente na escrita; tem necessidade de uma turma para confrontar e melhorar sua produção” (p.34).

Tais considerações, confirmam a importância do papel do professor, como mediador, do trabalho em sala de aula. Assim, ao propor uma produção de um texto, ele deve ter estabelecido o objetivo que se quer alcançar com tal atividade. Conseqüentemente, fica mais fácil orientar os alunos quanto ao planejamento, a execução e a revisão, etapas largamente discutidas na literatura sobre produção textual.

Segundo Pazini (1997:38), o professor vivencia, juntamente com o aluno, três momentos na produção textual: “o momento da proposta, o momento da execução e a avaliação cobrem os três momentos do aluno, isto é, o professor estará executando e avaliando enquanto seu aluno planeja, executa e revisa.”

Quando entendemos a produção dessa maneira, tornam-se inevitáveis as idas e vindas que o texto faz das mãos do aluno para as do professor, e inclusive entre os próprios alunos, que podem ser os destinatários reais dos textos produzidos.

Aqui, a reescrita tem o sentido que lhe cabe. Quando o professor devolve o texto ao aluno, com as devidas orientações, é o momento em que esse aluno se portará como revisor do próprio texto. Isso não é, no início,

considerando os envolvidos, uma tarefa fácil. Para o aluno, certamente, a dificuldade exista porque não tem o hábito de rever o que escreve e demonstra um interesse cego pela nota, independente dos critérios utilizados pelo professor, no momento da correção. Para o professor, o interesse pela nota já é, muitas vezes, inerente ao seu processo de avaliação.

Segundo Mayrink-Sabinson (1997:59), a reescrita textual acontece muito cedo na vida do indivíduo. Em uma de suas pesquisas realizadas com um indivíduo na idade pré-escolar, foi possível perceber que há, por parte do produtor, na primeira versão, portanto independente da interferência do professor, uma preocupação com a melhoria do texto. Para esta autora,

É possível, então, dizer que as operações de refacção de uma escrita começam bem cedo. Muito antes de a criança entender o princípio alfabético da escrita encontram-se indícios de que ela é capaz de, refletindo sobre o produto de sua atividade gráfica, julgar o produto dessa atividade, segundo critérios internos, nem sempre evidentes para o adulto letrado, e, com base nesse julgamento, classificar uma escrita como “errada”, recusando-a, às vezes apagando-a e refazendo-a.

Somam-se, a essas considerações, outras resultantes de pesquisas realizadas por Fiad (1997) e Abaurre (1997), que ao observarem a reescrita de textos de determinados indivíduos, concluíram que eles se utilizam de apagamento, preocupam-se com a escolha das letras, com a morfossintaxe, com a forma, com o espaço entre as palavras, com a letra bonita e até mesmo consideram o leitor.

Assim, considerando a naturalidade em que a reescrita acontece, vale dizer que o aluno estará predisposto às orientações do professor se entender que quando escrevemos selecionamos, escolhemos a melhor maneira de dizer e refutamos idéias, frases, palavras que não garantem a

qualidade do texto. Nesse sentido, os indivíduos precisam se perceber como leitores dos próprios textos, bem como capazes de reelaborá-los a partir dos conhecimentos que já adquiriram. Segundo Fiad (1997:77)

Mesmo nas condições em que a escrita é produzida no contexto escolar, podemos observar que os autores a elaboram em vários momentos, trabalhando-a em busca do texto que expresse o que pretendem e que seja adequado aos seus objetivos. Ao aprender que aprender a escrever significa escolher entre possibilidades, tomar diferentes decisões, os autores vão se formando e se constituindo.

Sobre a reescrita, Menegassi (1998:62) corrobora que nesse momento o professor pode sugerir comentários objetivos, apontando o problema encontrado no texto, identificando-o ou tecer comentários curtos citando a existência do problema, sem identificá-lo. Por outro lado, o aluno poderá aceitar as sugestões e reformular o pedido total ou parcialmente, aceitar sugestões e ir além (melhorar o texto) ou ainda não aceitar as sugestões porque não conseguiu entendê-las ou porque as desconsiderou. Assim,

O professor deve colocar-se na posição de leitor-avaliador e não simplesmente de juiz avaliador, como normalmente tem sido o seu papel. Colocando-se nesse papel, ele poderá demonstrar ao aluno a importância da avaliação do texto e a necessidade de revisão e reescrita da produção que está sendo feita. Isso implica declarar que o processo de conscientização do uso dos comentários de revisão na construção textual é de responsabilidade primária do professor, estendendo-se aos alunos de forma natural.

É a partir da observação, da análise de textos, da leitura do próprio texto que o aluno terá condições de desenvolver um estilo próprio. Esse prazo, necessário para a apresentação de um texto com maior qualidade, faz do professor uma figura importantíssima, já que: “o olhar do educador para o texto

do aluno precisa deslocar-se da correção para a interpretação; do levantamento das faltas cometidas para a apreciação dos recursos que o aluno já consegue manobrar” (Brasil, 1998b:77).

Esse olhar diferenciado para o momento da produção textual permite que os sujeitos envolvidos interajam e realizem, de fato, a construção do conhecimento. O professor deve agir como um mediador que intervém e ao mesmo tempo incentiva o aluno a desenvolver estratégias que ajudem na reescrita do texto. Tal postura diminuirá a prática que acontece somente em contexto escolar, onde o texto não é passado para outros leitores antes de ser submetido à avaliação do professor. Em situações reais de escrita, é comum o produtor passar seu texto para diferentes leitores pedindo sugestões para melhorá-lo ou simplesmente para se certificar de que foi claro e conseguiu dizer o que pretendia. Para fugir dessa situação mecânica, a escola precisa vivenciar e experienciar as etapas que envolvem do planejamento à reescrita e, principalmente a revisão e a reescrita, visando a tornar o aluno um leitor-corretor crítico do próprio texto. De acordo com Menegassi (1998:213),

...a compreensão das etapas de revisão e reescrita, em contexto de ensino, por parte do aluno e do professor, auxilia muito na produção do texto, permitindo um melhor trabalho de construção. Eles devem ser utilizados constantemente na escola, da mesma forma como estão sendo empregadas as etapas de planejamento e execução benéfico nos alunos. Para isso acontecer a contento, é necessário que o professor primeiramente tome consciência dessa importância e perceba que ele, através dos comentários, e orientações é parte integrante do processo de escrita do aluno. Também deve se conscientizar da importância de compreender a reescrita como uma prática a ser constantemente empreendida e desenvolvida em situação de ensino.

2.4.1 A reescrita e a criatividade/originalidade

A criatividade não é um dom especial que só algumas pessoas possuem. Ela pode ser desenvolvida continuamente, se o indivíduo estiver predisposto a ativar a sensibilidade para todas as coisas que acontecem ao seu redor, bem como ter curiosidade para descobrir o que se esconde por trás das aparências de tudo que o cerca.

Em relação à linguagem, de acordo com o conceito gerativista⁹ presente na Enciclopédia Larousse Cultural (1995:1690), criatividade diz respeito ao “aspecto da competência lingüística que representa a aptidão de qualquer sujeito falante de uma língua de compreender e de emitir um número indefinido de frases que ele nunca escutou antes, utilizando um sistema de regras finitas”.

Já para a proposta curricular do Estado de São Paulo (1990:19) “criatividade é sempre um atributo do comportamento verbal que não seja a fala de um gramofone ou de um papagaio”.

A partir disso, em relação aos textos, podemos entender que a criatividade está ligada à diferença. É criativo quem faz de forma inovadora, mesmo que se aproxime da forma original.

Em situação de produção textual, a criatividade é, muitas vezes, difícil de ser percebida, até porque esse campo é visto pelo aluno e, quem sabe, pelo professor, como um dom que acompanha autores consagrados.

⁹ GERATIVISTA – relativo a gramática gerativa (teoria lingüística, formulada por volta de 1960 por Chomsky e seus alunos – criticavam o modelo distribucionalista que não dava conta do fato de que um falante pode, a partir do número limitado de regras “gerar” um número infinito de frases inéditas).

Além disso, a produção de texto prevê a intertextualidade, pois muito do que os alunos colocam em seus textos são conceitos, considerações encontrados em outros textos, na fala do professor e no convívio com outros indivíduos na escola e fora dela. Vai interessar, portanto, o como dizer: usar o conhecido de forma inusitada.

Meserani (1995:4), pesquisador que, desde a década de 70, já buscava trabalhar com o método criativo, classifica a redação realizada pelo aluno em reprodutiva, parafrástica e criativa. Segundo ele:

Uma redação reprodutiva, ou reprodução, é um texto que registra outro texto sem nenhuma modificação, como cópias e transcrições de aulas. A redação parafrástica, ou paráfrase é um texto baseado em outro texto, ao qual modifica, como resumos, análises, críticas, etc. E, finalmente a redação criativa é um texto original, não amarrado a outro. Pode até partir de outro, mas é mais livre em seu caminho de originalidade.

Infelizmente, muitas vezes, em se tratando de ensino, as tendências são tomadas pelos profissionais como uma receita que deve abolir as práticas anteriores e, via de regra, “zeram o cronômetro”, começam do nada.

Isso pode ser analisado em Rocco (1995), quando discute a onda de criatividade sugerida na década de 70 que, em nome do novo, muita coisa boa foi deixada de lado. Abandonaram-se os resumos, as sínteses e as paráfrases, buscando-se o texto criativo. Entretanto, saíram de uma prática exageradamente mecânica para outra extremamente livre, desprovida de parâmetros.

Tal postura se reverteu em prejuízo, pois quase sempre as novidades não trazem no seu bojo estratégias disponíveis que possam auxiliar ao professor no processo ensino/aprendizagem, afetando, assim, todo o

trabalho desenvolvido até o momento. Além disso, “os esquemas tradicionais podem e devem ser utilizados com parcimônia e claros objetivos. Um resumo, uma paráfrase, quando bem feitos, podem se revelar como textos criativos também” (Rocco, 1995:2).

Muitas vezes, o que vemos nas produções dos alunos é um certo medo de se arriscar com o novo. É melhor garantir o que, certamente, o professor gostaria de ouvir, já que, geralmente, é o único destinatário, ao invés de construir um sentido próprio, original e mostrar realmente o que acredita ser relevante ao desenvolver determinado tema.

Isso não significa que a intertextualidade não seja importante, pois dificilmente um indivíduo poderá desenvolver um tema com coerência se nunca leu nada sobre ele. Assim, essa relação é natural, entretanto, não se pode considerar a paráfrase como o texto ideal que o aluno deve buscar na sua produção. É preciso ir além dela. Para Marquesi (1991:186),

...expandir um texto de forma satisfatória pressupõe algo além de parafrasear o texto proposto como estímulo ou recorrer a clichês ou modismos, ou ainda se apropriar do conteúdos já veiculados e do saber comum, sem nenhuma inovação; expandir um texto de maneira satisfatória exige um leitor/autor criador, que leia, selecione, planeje e organize seu texto, que, sobretudo, relacione seu conhecimento num determinado contato para a redação de seu texto.

A leitura torna-se, assim, uma etapa na construção de um texto coerente. Ela permite ao aluno conhecer outros pontos de vista sobre determinado tema e somá-los ao seu, podendo, numa leitura crítica, concordar, discordar e reconstruir o próprio ponto de vista. Para Corrêa (1997:47-8),

Aprender a ler é aprender a estabelecer relações entre as impressões de leitura que se tem e a de outros leitores, bem como adquirir capacidade de

relacionar suas próprias leituras com textos já lidos, todas as vezes que se dedicar ao ato de ler. Esse processo de intertextualidade abre caminhos para que o aluno desenvolva sua sensibilidade e inteligência, a fim de perceber e descobrir o mundo da linguagem em sua diversidade e poder entender melhor, tanto o mundo escolar, quanto ao mundo que o rodeia e, assim, poder intervir de forma interativa nesses “mundos” todas as vezes que for solicitado.

Na prática, no momento da correção, quando o professor orienta o aluno, a fim de que ele repense o próprio texto e busque reescrevê-lo, quando, efetivamente, propomos a reescrita, poderíamos pensar que estaríamos tolhendo sua criatividade. Entretanto, é nesse momento que ele revê a própria produção e dá a ela mais originalidade, fugindo dos lugares-comuns, dos clichês e dos inúmeros textos que já leu e até mesmo produziu. “O que torna um texto mais criativo que outro é sua taxa de originalidade, de diferença em relação a outros textos” (Meserani, 1995:5).

Outra questão, levantada por Pereira (1997), é a supervalorização que, certamente inibe a criatividade, em sala de aula, do texto literário, a proposta de temas que nada têm a ver com as expectativas dos alunos, o desenvolvimento apenas de duas tipologias (narração/dissertação) e a presença de um único destinatário que, muitas vezes, só se interessa em avaliar buscando os equívocos presentes na produção. Em suas considerações, o referido autor afirma que,

Temos estimulado os estudantes a produzir texto de tipologia estanque: só narração, só dissertação (...) sem fantasia nem mistura, sem qualquer possibilidade de mudança de ponto de vista, por exemplo. Além disso, a maior parte de nossas atividades com redação cultiva o “mito do texto literário”: dentro da sala de aula, apenas esse tipo de texto tem lugar ; fora da escola, inúmeros textos são exigidos de nossos alunos e eles simplesmente não os podem conhecer... (p.34)

Podemos acrescentar a essas considerações a visão que o aluno, principalmente do ensino médio, tem do vestibular. Apesar de inúmeras modificações visíveis na elaboração de provas em muitas de nossas universidades, é inegável que a exigência textual está voltada para a narração e para dissertação. Assim, nos vemos, muitas vezes, estimulando o aluno na produção de um texto padrão, canônico, que dê conta de alcançar uma boa nota.

Não podemos dizer, entretanto, que isso está errado, até porque é papel do professor de língua portuguesa levar ao conhecimento dos alunos os campos que compõem os diversos textos que eles poderão encontrar. O que devemos evitar é a desconsideração ao novo, ao estilo que, muitas vezes, o aluno utiliza e é considerado fora do padrão. Vale ressaltar que a produção de texto deve ser vista pelo aluno como uma forma de interagir no mundo, já que em diferentes situações precisará se posicionar.

Nessa perspectiva, ele não precisará de receitas para produzir bons textos, mas, ao contrário, ser convidado a aprender e desenvolver estratégias que facilitem o seu trabalho.

Neste sentido, importa que se levem em conta as condições de produção do conhecimento institucional de escritos textuais, recuperando neste meio a autonomia discursiva do aluno, para que este deixe de operar apenas a partir do e com o discurso do outro (professor, texto modelo (únicos)) como é comum na tradição escolar- tendo como efeito dizer o que o outro deseja que diga, até pela vida a fora, buscando sempre o tranquilizador modelo. (Bortolotto, 1998:159)

Em relação à originalidade, se considerarmos que partimos, pelo menos no início de nossas produções, de um modelo pré-estabelecido e que

aos poucos vamos construindo um estilo próprio, poderíamos crer que não há, no contexto escolar, lugar para esse campo.

Tal fato aconteceria, provavelmente, porque por originalidade entendemos algo não-dito, longe do senso-comum, antônimo de falso. Entretanto, sabemos que o que nos cerca, da nossa crença à nossa linguagem, é produto do conhecimento acumulado pelos homens. Nada é totalmente novo, principalmente quando se trata de discurso, pois são construídos a partir dos diferentes contextos com os quais as pessoas convivem.

Nesse sentido, quando tratamos da produção textual, principalmente no momento em que o professor sugere ao aluno que reveja seus equívocos e melhore o próprio texto, poderíamos pensar que estaríamos deixando a originalidade para um segundo plano em nome de tais orientações. Entretanto, o momento destinado a essa etapa da produção textual é completamente diferente do primeiro, quando o aluno fez a produção. Aqui o texto já “adormeceu”, já houve um distanciamento entre a criação e o criador, outros recursos como leituras e atividades que pudessem auxiliar o trabalho com a reescrita já devem ter sido realizados pelo aluno, visando a facilitar esse momento. Ademais, um novo texto vai surgir, pois certamente o aluno quando revisa o texto vai além do que se propôs na primeira versão. No momento em que se vê como revisor do próprio texto buscará a originalidade, principalmente se ela for um dos quesitos a ser considerado pelo professor na avaliação e houver um encaminhamento que possibilite ao aluno preencher tal campo.

Segundo Therezo (1997:43), é fundamental

...pensar um pouco no conceito de originalidade, a qual, ingenuamente, é considerada por muitos apenas uma questão de estilística. Embora haja uma predisposição para julgar bela uma dissertação em que se faz apelo à linguagem literária, é preciso não se esquecer de que, no texto dissertativo, a originalidade veicula-se à consistência e propriedade dos argumentos, ao tratamento pessoal dado ao tema e não, apenas, a bem elaboradas e sonoras construções frasais.

A autora afirma, também, que, em relação à dissertação, é original o texto que apresenta consistência de argumentos e contribuição inusitada, capacidade de persuadir e força na gradação. Já em relação à narrativa, a originalidade fica por conta da constituição de personagens, montagem do enredo, escolha do foco narrativo, trabalho com o tempo, linguagem e desfecho.

A partir dessas considerações, podemos nos arriscar a dizer que a reescrita colabora com o aluno na busca da originalidade, já que, nesse momento, ele pode perceber-se capaz de, a partir do que já foi escrito, melhorar a linguagem, repensar os argumentos, enfim construir um novo texto.

2.4.2 Avaliação de redação

Entendemos a redação como o produto, resultado de um processo que se iniciou com o planejamento, passou pela execução, revisão e reescrita. Após todas essas etapas, é considerada um produto acabado ao qual será atribuída uma nota.

Nessa etapa, segundo Menegassi (1998) é importante que o professor considere pelo menos duas questões: é preciso, primeiro, que ele observe como o aluno procedeu a reescrita, isto é se ele observou e aceitou as

orientações do professor, se ele foi além delas ou se não as considerou. Vale dizer, entretanto, que interessa, no processo, que ele tenha revisado e reescrito o texto. Outra questão a ser observada diz respeito à discussão sobre os critérios pelos quais os textos serão avaliados. Aqui o professor deverá observar se o aluno respondeu aos comandos, isto é se ele se preocupou em preencher os campos que serão valorizados no texto.

Quando o professor não tem estabelecidos os critérios pelos quais os textos serão avaliados, muitas vezes fica preso à questões formais, e o conteúdo acaba passando pelo “gostei” ou “não gostei”. Todavia, quando os critérios são definidos, o professor, além da preocupação com a forma, mostrará a importância relevante do conteúdo, por exemplo, a argumentação e a progressão de idéias serão critérios fortemente considerados em uma dissertação, já que são campos elementares nesse tipo de texto.

De acordo com Pereira (1995:3),

A avaliação dos textos acaba sendo menos injusta, porque não se prende apenas a aspectos formais, mas sobretudo, centra-se na coerência das idéias, nos modos de organizar e relacionar o pensamento em blocos interligados (os parágrafos) e enfatiza as características do texto como uma unidade, que faz sentido em uma situação real de comunicação e no qual existe um sujeito que tem algo a dizer a seus interlocutores.

2.4.3 Os critérios

Podemos considerar os critérios utilizados numa avaliação como um mapa que deverá ser preenchido. Eles nos dão parâmetros para verificar se ocorreu ou não a aprendizagem em situações distintas.

De acordo com Depresbiteris (1998:52),

Na educação, a função dos critérios também é fornecer base, fundamentalmente ao julgamento que será efetuado. Especificamente quanto à avaliação da aprendizagem dos alunos, os critérios são a base para avaliar se os desempenhos estão ocorrendo na medida desejada. Contudo não podemos falar de critérios sem falar de indicadores. Indicadores são indícios, sinais que nos possibilitam verificar se o que esperávamos aconteceu.

A autora exemplifica suas considerações quando discute uma situação em que um professor de língua portuguesa estabelece que um texto de natureza narrativa deve apresentar: a coerência do discurso, correção gramatical e ortografia, léxico adequado e forma apropriada.

Quais indícios poderiam mostrar a completude do texto?

Segundo Depresbíteris (1998), os indicadores de que o autor cumpriu os critérios previstos seriam: a presença do elementos da narrativa (tempo, espaço, personagens...), a coerência entre lugares, fatos e personagens, a pontuação e a sintaxe corretas.

Tal discussão demonstra que, para o sucesso da produção de texto, após o estabelecimento dos critérios, é importante que o indivíduo perceba os critérios de forma satisfatória, e que o professor discuta os critérios, marque um interlocutor para o texto, enfim que ele torne a prática de produção convidativa. Assim, o sujeito estará livre para escrever o que pensa sobre o tema proposto. Isso se faz necessário, já que os “indícios” a serem averiguados estarão visíveis se as condições de produção forem favoráveis.

De acordo com Brito (1984:118),

Normalmente, nos exercícios e provas de redação, a linguagem deixa de cumprir qualquer função real, construindo-se uma situação artificial, na

qual o estudante, à revelia de sua vontade, obrigado a escrever sobre um assunto em que não havia pensado antes, no momento em que não se propôs e, acima de tudo, tendo que demonstrar (esta é a prova) que sabe. E sabe o quê? Escrever. E bem. Além disso, que esteja claro que ele está sendo julgado, testado e, às vezes, até mesmo competindo.

Essa artificialidade visível na produção de redação precisa ser amenizada. Isso acontece quando o professor tem uma concepção de texto que perceba o aluno como um sujeito que tem o que dizer, levando em conta um interlocutor e tudo que envolve o momento de produção. Desse modo, o produto (redação) só fará sentido, em situação escolar, se for resultado de um processo.

Acreditamos que ao estabelecermos critérios claros e definidos, teremos uma avaliação menos arbitrária, uma vez que deixará professor e aluno à vontade para discutirem o que não foi “preenchido” no momento da avaliação e, a partir daí, analisando os equívocos ainda presentes nos textos, o professor poderá traçar os objetivos a serem alcançados.

2.4.4 A reescrita mediante o conhecimento dos critérios

A correção do texto do aluno, realizada pelo professor, é o momento do “canetear”: à margem são colocados alguns questionamentos e sugestões visando a que o aluno, na reescrita, considere tais anotações e melhore o texto.

Quando o professor faz a devolução dos textos, espaço muitas vezes neutro, desconsiderado pelo professor e pelo aluno, é o momento em que o professor, embrenhado numa prática construtivista, deve discutir os

critérios pelos quais o texto será avaliado. Aliás, é a partir da correção que o professor percebe quais campos deverão ser enfatizados. Por exemplo, se no texto, o aluno não deu conta da coerência, ao professor cabe mostrar como se dá a coerência de um texto, através de leituras e exercícios e a partir disso, propor que o aluno refaça o texto levando em consideração a necessidade de torná-lo mais coerente.

Na correção, portanto, o professor deve priorizar os problemas comuns que aparecem na maioria dos textos e estabelecer os critérios que deverão ser observados no momento da reescrita.

É preciso, entretanto, para o sucesso dessa atividade, que o professor deixe claro para o aluno que

O bom texto será aquele que apresentar os cinco recursos de eficiência textual: adequação ao tema solicitado, adequação ao tipo de composição, adequação ao nível de linguagem (determinado pelo tema, pelo tipo de composição e pelo receptor em situação de interação); coesão e coerência, fundamentadas na clareza. (Therezo, 1997:10)

Assim, os critérios deverão contemplar o tema, a tipologia, a linguagem, a coerência e a coesão, no intuito de alertar o aluno da necessidade de considerar tais elementos no momento da reescrita.

2.4.5 Critérios já estabelecidos

Entretanto, quando pensamos em estabelecer critérios, é imprescindível considerar outras pesquisas realizadas ou em andamento de autores que já têm uma certa convivência com o processo aqui discutido.

2.4.5.1 Os critérios de Val

Val (1991) analisa os textos levando em consideração:

a - Coerência

- Continuidade
- Progressão
- Não-contradição
 - . interna
 - . externa
- Articulação
 - . presença
 - . pertinência

b - Coesão

- Continuidade
- Progressão
- Não-contradição
- Articulação

c - Informatividade

- Suficiência de dados
- Imprevisibilidade

2.4.5.2 Os critérios de Serafini

Serafini (1992) apresenta uma planilha de correção para a dissertação:

1 - Organização e conteúdo

Tese

- Correspondência entre idéias e parágrafos
- Precisão dos argumentos
- Presença de exemplos
- Nexos lógicos
- Introdução e conclusão
- Documentação
- Riqueza de idéias

2- Linguagem e forma

- Comprimento dos parágrafos e das frases
- Clareza e legibilidade
- Adequação de linguagem
- Sintaxe
- Pontuação
- Ortografia
- Caligrafia

2.4.5.3 Os critérios de Therezo

Therezo (1997) apresenta uma planilha de avaliação para o Ensino

Médio:

1. Tema
2. Tipo de composição

3. Nível de linguagem
4. Coesão
5. Coerência

2.4.5.4 Os critérios de Zanini e Menegassi

Zanini e Menegassi (1997) na planilha do vestibular da Universidade Estadual de Maringá –UEM consideram relevante para a avaliação:

1. Tema
2. Título
3. Coerência
4. Tipologia
5. Gramática
6. Coesão

Os critérios citados aparecem, obviamente, mais detalhados, de acordo com o que os autores consideram adequado para o preenchimento de um texto, e podem ser facilmente encontrados para uma leitura mais aprofundada. Aqui, entretanto, pretendemos mostrar que os critérios que estabelecemos já existem trabalhados e discutidos em outras pesquisas que, inclusive, despertaram-nos o desejo de propor uma prática mais eficaz, bem como incentivaram-nos na busca de solução para os problemas que enfrentamos no nosso dia-a-dia em aulas de produção de texto.

É pertinente esclarecermos que a proximidade dos critérios por nós utilizados e os propostos por Zanini e Menegassi (1997) se dá, uma vez que participamos há mais de dez anos da Banca de correção de redação do vestibular da UEM e procuramos preparar o aluno para essa realidade. Acrescentamos, entretanto, o item originalidade/criatividade, tendo em vista que os alunos da turma em que a pesquisa foi desenvolvida ficavam presos ao texto de apoio, desenvolvendo somente paráfrases.

CAPÍTULO III

PRÁTICA: A ANÁLISE

3.1 Situação de produção

Consideramos como situação de produção todas as etapas contempladas na aplicação deste projeto. Conseqüentemente, apresentaremos o caminho percorrido pelos envolvidos desde a identificação do problema até a análise comparativa entre a 1ª e a 2ª versões.

3.1.1 Como foi identificado o problema?

Desde o início do ano de 1999, ministramos aulas de produção de texto para duas, das sete turmas formadas pelos alunos da 3ª série, do Ensino Médio, do Colégio Regina Mundi, situado na cidade de Maringá, Paraná.

Nessas aulas, um dos problemas mais comuns, por nos observado, acontecia nos momentos de produção e devolução dos textos, quando os alunos demonstravam um certo descontentamento em relação às notas e um desinteresse quando sugeríamos que o texto poderia ser reescrito.

Exemplo disso, aconteceu em uma das propostas de produção trabalhadas em sala, quando pedimos aos alunos que escrevessem um texto sobre “Trote solidário”. Nessa prática, tivemos a certeza de que não conseguiríamos muitos progressos em relação à aprendizagem se não mudássemos a metodologia. Isso se confirmou quando sugerimos a eles a reescrita, observando que a nota seria revista, e apenas dois alunos demonstraram interesse. A partir desse momento, a referida turma, composta por 23 alunos, tornou-se a sala foco de observação desta pesquisa.

No dia escolhido para iniciarmos a aplicação do projeto, tínhamos vinte alunos em sala, conseqüentemente, quarenta textos, considerando 1ª e 2ª versões, compõem o *corpus* desta pesquisa e são frutos de um trabalho realizado nessa turma.

3.2 As etapas de desenvolvimento deste trabalho

Para a aplicação do projeto, dividimos os procedimentos em cinco etapas, tendo em vista a necessidade de professor e aluno interagirem no processo de produção de texto que envolve desde a proposta de produção até a avaliação.

3.2.1 Discussão do assunto “desemprego”

Fizemos, na primeira etapa, a leitura e discussão de textos que versam sobre a questão do desemprego. Utilizamos, para isso, duas aulas

geminadas, pois os alunos precisavam de tempo para leitura, discussão e apresentação de um parecer dos textos lidos.

A turma foi dividida em quatro equipes de cinco alunos. Cada equipe ficou responsável por um texto e elegeu um dos membros para expor, após a discussão em equipe, o tema para o grupo maior, possibilitando, assim, o envolvimento de todos os alunos e o debate de todos os temas.

Os textos propostos para leitura foram retirados do livro “Aprendiz do Futuro” (Gilberto Dimenstein, 1997), jornais e revistas que, em tese, fazem parte da leitura semanal destes alunos que têm como meta, a curto prazo, o vestibular. Os textos (Vide Anexo I) versam sobre seguro-desemprego, distribuição de renda, estatísticas relacionadas ao desemprego, tentativa de retirar as leis trabalhistas, demissões que ocorrem nas montadoras de veículos, exigências do mercado de trabalho.

Os alunos, na primeira aula, procederam à leitura e, na segunda, após a exposição dos representantes dos grupos, cada tema, referente ao assunto desemprego, foi abordado e discutido.

3.2.2 Proposta de produção

A segunda etapa foi destinada à produção. Entregamos, aos alunos, uma proposta de produção sobre o assunto “desemprego”, discutido no encontro anterior. A proposta de produção trazia dois textos que tratam da questão do desemprego, retirados da Folha de S.Paulo. O primeiro texto é uma charge e o segundo, um comentário do painel do leitor. Ambos contemplam a

questão do desemprego que assola o País. A tipologia solicitada no comando era a dissertativa.

Para a produção, solicitamos aos alunos que fizessem um planejamento, elaborassem o rascunho e versão definitiva.

COLÉGIO REGINA MUNDI

Proposta de produção textual

A partir da leitura dos textos abaixo, elabore um texto **DISSERTATIVO** a respeito do tema proposto. Não se esqueça de eleger uma tese e defendê-la com argumentos convincentes.



Coerência

“Pode-se acusar o governo de tudo, menos de incoerência.

Para que Justiça do Trabalho se não vai haver mais trabalho ou emprego?”

Valmir Marques da Silva (Belo Horizonte, MG)

3.2.3 Produção de texto: correção

Após realizarmos a primeira etapa (leitura e discussão dos textos produzidos a partir do assunto desemprego) e a segunda (produção de texto), fizemos a correção, terceira etapa.

Neste momento, não tivemos a pretensão de levantar todos os problemas que o texto poderia apresentar, mas sim mostrar o processo que envolve da proposta à avaliação de texto. Para dinamizar a leitura das análises das redações colhidas, enumeramos os textos como S1 para o texto de número 1, S2, para o texto de número 2 e assim consecutivamente.

Nesta etapa, a correção se faz partindo da proposta, que prevê a expectativa do professor; da leitura que o professor faz do texto do aluno, centrada na expectativa que o aluno cria no leitor; a leitura do que o aluno realmente escreve. A expectativa do professor diante do tema proposto é: assunto- desemprego; tema: o recorte temático que o aluno enfocará; expansão: fatos e provas que confirmem o tema. Assim temos a “resposta” do aluno (a produção de texto).

Procedemos à correção, colocando, à margem do texto, questionamentos e sugestões relacionados ao preenchimento da forma e do conteúdo. A partir da nossa experiência e das leituras feitas para essa pesquisa, já temos, de alguma maneira elaborada (automatizada), uma forma de corrigir, levando em consideração o que entendemos por um bom texto. Entretanto, o aluno, normalmente, não sabe o que o professor está cobrando. Assim, acreditamos que, quando estamos corrigindo os textos, podemos, dependendo do resultado geral apresentado pelos alunos, definir quais campos

têm mais urgência de serem trabalhados e, antes da reescrita, discuti-los com os alunos.

Nesta situação específica, é importante esclarecer que, em relação aos campos consideramos:

1- Preenche o campo, satisfatoriamente:

Tema: faz uma leitura correta do tema proposto, apresenta uma tese e procura defendê-la;

Coerência: apresenta argumentos relacionados à tese e comprova-os com exemplo;

Título: opta por um título que resuma o texto e convide o leitor;

Originalidade e criatividade: não fica preso ao texto de apoio, utiliza uma organização textual mais livre e tem um cuidado especial com a linguagem;

Tipologia: preenche todas as categorias previstas para o texto dissertativo;

Norma-padrão culta: apresenta poucos problemas relacionados à grafia, sintaxe e paragrafação;

Coesão: utiliza elementos coesivos fazendo as retomadas corretamente.

2- Preenche o campo, mas apresenta problemas:

Tema: faz uma leitura correta do tema, mas não dá conta de elencar uma tese e encaminhar os argumentos;

Coerência: apresenta incoerência em nível frasal, não deixando claro a que ou a quem está se referindo;

Título: apresenta um título que aparece resgatado em algum momento no texto;

Originalidade e criatividade: não fica preso ao texto de apoio, mas não se preocupa com a organização e a linguagem;

Tipologia: faz uso da estrutura tradicionalmente prevista para o texto dissertativo, mas não consegue preencher todas as categorias;

Norma-padrão culta: apresenta equívocos visíveis relacionados à sintaxe, a grafia e a paragrafação;

Coesão: apresenta deslizes comuns, mas que prejudicam a leitura do texto. Alguns elementos coesivos descontextualizados.

3- Não preenche o campo:

Tema: faz uma leitura parcial do tema proposto, divaga;

Coerência: apresenta incoerências em nível frasal e textual; apresenta incoerências externas;

Título: apresenta um título que não tem a ver com o texto; não dá um título ao texto;

Originalidade e criatividade: fica preso ao texto de apoio e não se preocupa com a organização e com a linguagem;

Tipologia: não preenche mais de duas categorias previstas para estrutura da dissertação;

Norma-padrão culta: apresenta muitos problemas relacionados à sintaxe, a grafia e a paragrafação;

Coesão: não fez uso de elementos coesivos, deixando os parágrafos soltos.

A título de exemplo, apresentaremos a correção, em momentos distintos, do conteúdo e da forma, de quatro textos, (S1, S5, S13, S19), em 1ª versão, ou seja, mostraremos os questionamentos e as sugestões que foram colocadas à margem dos textos para que fossem observadas pelos alunos. O resultado da correção destes e dos demais textos será apresentado e, em seguida discutido, no quadro de número 1.

TEXTO S1	CONTEÚDO					
	Tema	Sugestões	Título	Sugestões	Coerência	Sugestões
<p>DESEMPREGO CAUSA DESEMPREGO</p> <p>1§ <i>O desemprego está levando milhares de pessoas ao desespero. No Brasil todas as empresas grandes estão sendo vendidas para multinacionais, pelo menos a maioria das ações são de estrangeiros. Causando o desemprego de milhares de pessoas.</i></p> <p>2§ <i>O governo só quer visar os lucros, deixando os pobres coitados morrerem de fome por não terem onde tirar seu pão de cada dia.</i></p> <p>3§ <i>Um exemplo de desemprego em grande escala foi a demissão de mais de dois mil metalúrgicos da Ford, empresa automobilística, que aconteceu alguns dias atrás. Essa demissão causou muito transtorno e discussão.</i></p> <p>4§ <i>O governo deve criar condições de emprego, para acabar ou pelo menos diminuir essa taxa de desemprego que existe no Brasil. Incentivando empresas a se alojarem em lugares de grande desemprego e em cidades onde as pessoas tem que viajar muito para poder trabalhar e ter um dinheirinho no final do mês. Todo mundo está sujeito ao desemprego.</i></p> <p>5§ <i>No Brasil o governo deveria optar um pouco pelo povo, não fazer tudo em seu benefício. Um exemplo disso é o aumento de salário que está sendo reivindicada a muito tempo, mas como o governo não vai se beneficiar com isso não o fazem.</i></p>	<p>O título já aponta o tema</p> <p>Mantém a proposta apontada no tema, expresso no título.</p> <p>Manutenção frágil: há uma divagação, recorrendo ao referente governo.</p> <p>Houve retomada do título, já que apresenta um exemplo de desemprego. Porém não diz por que o desemprego causa desemprego.</p> <p>Apresenta uma sugestão de como acabar com o desemprego, apontando o governo como solução.</p> <p>Volta a referir-se ao governo como responsável por criar condições para acabar com o desemprego.</p>	<p>Apontar fatos que comprovem que desemprego causa desemprego.</p> <p>Deixar evidente que desemprego causa desemprego.</p>	<p>o título é inadequado, pois não é retomado no decorrer do texto e não resume o texto.</p>	<p>Ajustar um título que resuma o texto.</p>	<p>desemprego</p> <p>''</p> <p>''</p> <p>''</p> <p>'desemprego</p> <p>''</p> <p>'desemprego</p> <p>''</p> <p>''</p> <p>desemprego</p> <p>''</p> <p>''</p> <p>''</p> <p>''</p> <p>desemprego</p>	<p>Todos os parágrafos devem apontar fatos ou propor soluções que deixem claro que desemprego causa desemprego e não só citar o problema desemprego.</p>

Originalidade e criatividade: O texto é original, pois extrapola os limites da simples descrição e referência do texto de apoio. A criatividade não é o seu maior atributo, visto que não há nada de inovador do ponto de vista de sua organização; procura manter uma paragrafação didaticamente padronizada para textos dissertativos e a escolha do vocabulário também não reflete um trabalho elaborado.

Sugestões: Variar o vocabulário, buscando sinônimos que traduzem as idéias de maneira mais particular.

TEXTO S1	FORMA					
	Tipologia	Sugestões	N.P.C.*	Sugestões	Coesão	Sugestões**
<p>DESEMPREGO CAUSA DESEMPREGO</p> <p>1§ <i>O desemprego está levando milhares de pessoas ao desespero. No Brasil todas as empresas grandes estão sendo vendidas para multinacionais, pelo menos a maioria das ações são de estrangeiros. Causando o desemprego de milhares de pessoas.</i></p> <p>2§ <i>O governo só quer visar os lucros, deixando os pobres coitados morrerem de fome por não terem onde tirar seu pão de cada dia.</i></p> <p>3§ <i>Um exemplo de desemprego em grande escala foi a demissão de mais de dois mil metalúrgicos da Ford, empresa automobilística, que aconteceu alguns dias atrás. Essa demissão causou muito transtorno e discussão.</i></p> <p>4§ <i>O governo deve criar condições de emprego, para acabar ou pelo menos diminuir essa taxa de desemprego que existe no Brasil. Incentivando empresas a se alojarem em lugares de grande desemprego e em cidades onde as pessoas tem que viajar muito para poder trabalhar e ter um dinheirinho no final do mês. Todo mundo está sujeito ao desemprego.</i></p> <p>5§ <i>No Brasil o governo deveria optar um pouco pelo povo, não fazer tudo em seu benefício. Um exemplo disso é o aumento de salário que está sendo reivindicada a muito tempo, mas como o governo não vai se beneficiar com isso não o fazem.</i></p>	<p>Há uma tentativa de apresentar a tese.</p> <p>Organiza o desenvolvimento, procura apresentar comentários e até exemplos, a fim de confirmar a tese.</p> <p>Conclui instigando o leitor a observar as ações do governo, mas, por não ter uma tese definida, deixa a categoria sem preenchimento.</p>	<p>Marcar a tese que vai desenvolver que deve focar o tema desemprego causa desemprego;</p> <p>Elencar argumentos que confirmem isso.</p> <p>Propor uma solução para resolver o problema.</p>	<p>Falta do emprego da vírgula.</p> <p>Emprego do verbo haver</p> <p>Falta do emprego da vírgula; ortografia; verbo ter na 3ª pessoa do plural.</p> <p>Concordância nominal; emprego da vírgula em categoria sem ponto final.</p>	<p>No Brasil,..., pelo menos,...</p> <p>...de onde tirar...</p> <p>...aconteceu há alguns dias...</p> <p>...no Brasil, incentivando,... ...pessoas têm... ...salário... reivindicado...</p> <p>Mas, como o governo não vai se beneficiar com isso não se preocupa em estudar a reivindicação.</p>	<p>“os pobres coitados” – a expressão não remete a quem sejam “os pobres coitados”; emprego do artigo definido em disfunção neste caso.</p> <p>“essa taxa” – o pronome demonstrativo “essa” não está resgatando um termo anterior.</p>	<p>Consultar a gramática sobre o uso dos artigos, dos pronomes demonstrativos, das conjunções subordinadas e coordenadas; Consultar o dicionário de sinônimos.</p>

* N.P.C. Norma -padrão culta

** Neste momento, há intervenção do professor com aulas de gramática.

TEXTO S5	CONTEÚDO					
	Tema	Sugestões	Título	Sugestões	Coerência	Sugestões
<p>O CAMINHO DAS TREVAS</p> <p>1º§ O mundo no final do século, atinge o ápice do desenvolvimento e uma parte da sociedade comemora seus maiores momentos de folga, com a substituição “braçal” pelo computador. Porém, a outra parte, a grande maioria, entra em colapso.</p> <p>2º§ O “monstro” chamado tecnologia, veio arrancar-lhe seu trabalho árduo, pesado, que muitas vezes ultrapassava até mesmo o limite de suas forças, mas que dava-lhe em troca o pão de cada dia.</p> <p>3º§ Por pior que fosse o seu trabalho, por mais desumano, que pudesse parecer, era lá que concentrava as escassas soluções para muitos de seus problemas.</p> <p>4º§ Sim, este monstro veio roubar seus sonhos de um futuro mais promissor, suas esperanças de ser valorizado pelos seus esforços, enfim, tirou-lhe o seu único obséquio de sobrevivência, o seu emprego.</p> <p>5º§ Agora, há um longo caminho pela frente, coberto de trevas a ser enfrentado, são grandes os obstáculos, alguns tão gigantescos que parecem sem solução.</p> <p>6º§ Mas para reduzir o desemprego que assola o mundo, está na hora de acabar com a idolatria do dinheiro e do poder, perdoar os erros passados e começar a reconstruir uma sociedade mais humana, justa e fraterna.</p>	<p>Há uma tentativa de apresentação de tese.</p> <p>Mantém o tema discutindo a tecnologia.</p> <p>Não consegue expandir o parágrafo anterior.</p> <p>Tenta manter o tema, mas divaga.</p> <p>Insinua uma conclusão.</p> <p>Divaga e se perde com comentários que buscam mexer com a emoção do leitor.</p>	<p>Propor uma tese que discuta a questão do desemprego;</p> <p>Elencar argumentos que confirmem isso.</p> <p>Procurar manter o fio condutor.</p> <p>Apresentar exemplos que confirmem que a tecnologia trouxe o desemprego; Evitar a divagação, manter o fio condutor.</p>	<p>O título está coerente com a linguagem apelativa usada pelo autor e aparece resgatado no 5ª parágrafo.</p>	<p>Usar uma linguagem menos apelativa.</p>	<p>Divaga tecendo comentários falaciosos que não comprovam a tese:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que significa “substituição braçal”? • “arrancar-lhe” de quem?” <p>*“era lá que” onde?</p> <p>*qual caminho?; o que significa “coberto de trevas”?</p> <p>de quem são os erros? Como acabar com a idolatria ao dinheiro?</p>	<p>Todos os parágrafos devem se referir ao tema; Deixar claro a quem ou a quem está se referindo.</p>

Originalidade e criatividade: O texto não é original, uma vez que o autor fez uma leitura parcial do tema e não deu conta de desenvolver um texto que discutisse a questão do desemprego no Brasil. Também não há criatividade, já que o autor fez uso de uma linguagem apelativa, repleta de clichês que, além de não dar conta de desenvolver o tema, prima pela divagação.

Sugestões: Rer ler a proposta e fazer o recorte temático; evitar a linguagem apelativa; ter um cuidado especial com a escolha do vocabulário.

TEXTO S5	FORMA					
	Tipologia	Sugestões	N.P.C.*	Sugestões	Coesão	Sugestões**
<p>O CAMINHO DAS TREVAS</p> <p>1º§ <i>O mundo no final do século, atinge o ápice do desenvolvimento e uma parte da sociedade comemora seus maiores momentos de folga, com a substituição “braçal” pelo computador. Porém, a outra parte, a grande maioria, entra em colapso.</i></p> <p>2º§ <i>O “monstro” chamado tecnologia, veio arrancar-lhe seu trabalho árduo, pesado, que muitas vezes ultrapassava até mesmo o limite de suas forças, mas que dava-lhe em troca o pão de cada dia.</i></p> <p>3º <i>Por pior que fosse o seu trabalho, por mais desumano, que pudesse parecer, era lá que concentrava as escassas soluções para muitos de seus problemas.</i></p> <p>4º§ <i>Sim, este monstro veio roubar seus sonhos de um futuro mais promissor, suas esperanças de ser valorizado pelos seus esforços, enfim, tirou-lhe o seu único obséquio de sobrevivência, o seu emprego.</i></p> <p>5º <i>Agora, há um longo caminho pela frente, coberto de trevas a ser enfrentado, são grandes os obstáculos, alguns tão gigantescos que parecem sem solução.</i></p> <p>6º <i>Mas para reduzir o desemprego que assola o mundo, está na hora de acabar com a idolatria do dinheiro e do poder, perdoar os erros passados e começar a reconstruir uma sociedade mais humana, justa e fraterna.</i></p>	<p>As categorias previstas para o texto dissertativo não foram bem preenchidas;</p> <p>Não apresenta argumentos que comprovem a tese;</p> <p>A conclusão não se relaciona com a tese.</p>	<p>Marcar a tese que vai desenvolver.</p> <p>Apresentar argumentos relacionados à tese.</p> <p>Concluir com uma proposta de solução, relacionada à tese e aos argumentos.</p>	<p>Falta do emprego de vírgula.</p> <p>Falta do emprego da vírgula. Colocação pronominal.</p> <p>Falta do emprego da vírgula.</p>	<p>“o mundo,...”</p> <p>“O monstro, chamado...que, muitas vezes,...” “...que lhe dava...”</p> <p>..., coberto de trevas,...</p> <p>“Mas, para...”</p>	<p>“arrancar-lhe e dava-lhe” – o pronome oblíquo não recupera um termo anterior</p> <p>“era lá que” – uso equivocado do advérbio de lugar, pois na oração assume o lugar da palavra trabalho.</p>	<p>Rever, na gramática, o emprego do pronome oblíquo e a função do advérbio</p>

* N.P.C. Norma-padrão culta

** Neste momento, há intervenção do professor com aulas de gramática.

TEXTO S13	CONTEÚDO					
	Tema	Sugestões	Título	Sugestões	Coerência	Sugestões
<p align="center">BURACO NEGRO</p> <p>1º§ <i>O desemprego hoje em dia, é uma das principais preocupações da maior parte da população.</i></p> <p>2º§ <i>Com a desvalorização do real e os altos impostos exigidos pelo governo, está ocasionando o falimento de várias empresas e isto faz com que aumente a fila dos desempregados.</i></p> <p>3º§ <i>Muitas pessoas estão entrando em estado de desespero, por não aceitar esta questão. Em cima disto, estão fazendo várias manifestações para a reivindicação de empregos.</i></p> <p>4º§ <i>Com estas informações, observamos que um dos principais fatos do desemprego é o descaso do governo neste assunto, onde está preocupado em interferir somente naquilo que lhe trará benefícios próprios.</i></p> <p>5º§ <i>Para que ocorra uma amenização do desemprego devemos exigir mais de nossos governantes, onde eles tem obrigação solucionar este problemas.</i></p>	<p>Tentativa de tese</p> <p>Mantém o tema discutindo a falência das empresas, os impostos.</p> <p>Exemplifica com as reivindicações, mas não faz a expansão.</p> <p>Culpa o governo pelo desemprego.</p> <p>Conclui chamando as pessoas para exigirem uma postura dos governantes para amenizar o desemprego.</p>	<p>Expandir o texto discutindo as informações e relacionando-as à questão do desemprego.</p> <p>Concluir o texto voltando-se à tese e resumindo os argumentos.</p>	<p>O título é inadequado, uma vez que não resume o texto e também não foi retomado no decorrer do texto.</p>	<p>Rer o texto e ajustar um título que remeta a todos os seus parágrafos.</p>	<p>As informações são “jogadas”. Não se relacionam com a tese proposta. * “...principais preocupações” por quê?;</p> <p>* “está fazendo manifestações” onde?;</p> <p>* exigir mais dos governantes (como?)</p>	<p>Todos os parágrafos devem voltar-se à tese; Completar os períodos deixando claro sobre o que ou a quem está se referindo.</p>

Originalidade e criatividade: O texto é original, já que extrapola o texto de apoio. Quanto a criatividade desde o título até a conclusão o autor não foi criativo, ao contrário, abusou do uso de clichês e utilizou a linguagem de forma apelativa.

Sugestão: Ter um maior cuidado com a escolha do vocabulário.

TEXTO S19	CONTEÚDO					
	Tema	Sugestões	Título	Sugestões	Coerência	Sugestões
<p>O DESEMPREGO E SEUS AGRAVANTES</p> <p>1º§ <i>Sem dúvidas o desemprego está entre os mais temidos males dos brasileiros. Mas é difícil achar à quem atribuir a culpa, já que os erros no desenvolvimento do país vêm desde a colonização até nossos dias atuais.</i></p> <p>2º <i>Não podemos negar a culpa dos governantes atuais e passados que praticamente entregaram o país na mão de estrangeiros que hoje sugam o que temos de bom e nos tornam totalmente dependentes.</i></p> <p>3º§ <i>Mas infelizmente o problema de desemprego se multiplica, gerando vários outros problemas como a fome, os desabrigados os criminosos e dezenas de outros. Mas muitas pessoas que caem nesse abismo que parece não ter fim por não conseguir ver saídas acabam se entregando às bebidas, tráfico e uso de drogas, e crimes em geral, e ai quase sempre acabam por estragar completamente a vida, se é que vida é o termo ideal para descrever a desgraça da rotina que esses coitados suportavam</i></p> <p>4º§ <i>É preferível acreditar e ter esperança de que possamos inverter a atual situação e depositar no governo algumas fichas que quem sabe talvez possam ser retribuídas.</i></p>	<p>Há uma tentativa de tese.</p> <p>Mantém o tema culpando os governantes do passado e os atuais</p> <p>Mantém o tema, mas não expande a informação que discute na tese.</p> <p>Conclui o texto sem retomar a tese e os argumentos.</p>	<p>Propor uma tese afirmando que o desemprego vem da má administração presente no país.</p> <p>Elencar argumentos que confirmem a tese.</p> <p>Apresentar fatos que comprovem os argumentos.</p> <p>Concluir considerando a tese e os argumentos.</p>	<p>O título apresenta problemas, pois o autor não discute as conseqüências do desemprego. Na verdade, ele apenas cita o que o desemprego causa na vida das pessoas.</p>	<p>Ler o texto e ajustar um título que remeta a todos os seus parágrafos.</p>	<p>É incoerente quando culpa o governo pela situação que o país vive e propõe que devemos ter esperanças e acreditar no governo. A quais erros está se referindo, no 1º parágrafo?</p> <p>Termos com o mesmo valor – redundância: “quem sabe, talvez,</p>	<p>Rever a contradição em relação ao governo. Deixar claro sobre o que ou quem está se referindo.</p> <p>Evitar a repetição inadequada.</p>

Originalidade e criatividade: O texto é original, já que extrapola o texto de apoio, mas deixa a desejar quanto à criatividade; não se arrisca em relação à organização e à escolha do vocabulário.

Sugestões. Optar por um vocabulário mais elaborado.

TEXTO S19	FORMA					
	Tipologia	Sugestões	N.P.C.*	Sugestões	Coesão	Sugestões**
<p>O DESEMPREGO E SEUS AGRAVANTES</p> <p>1º§ <i>Sem dúvidas o desemprego está entre os mais temidos males dos brasileiros. Mas é difícil achar à quem atribuir a culpa, já que os erros no desenvolvimento do país vêm desde a colonização até nossos dias atuais.</i></p> <p>2º§ <i>Não podemos negar a culpa dos governantes atuais e passados que praticamente entregaram o país na mão de estrangeiros que hoje sugam o que temos de bom e nos tornam totalmente dependentes.</i></p> <p>3º§ <i>Mas infelizmente o problema de desemprego se multiplica, gerando vários outros problemas como a fome, os desabrigados os criminosos e dezenas de outros. Mas muitas pessoas que caem nesse abismo que parece não ter fim por não conseguir ver saídas acabam se entregando às bebidas, tráfico e uso de drogas, e crimes em geral, e ai quase sempre acabam por estragar completamente a vida, se é que vida é o termo ideal para descrever a desgraça da rotina que esses coitados suportavam</i></p> <p>4º <i>É preferível acreditar e ter esperança de que possamos inverter a atual situação e depositar no governo algumas fichas que quem sabe talvez possam ser retribuídas.</i></p>	<p>Deixa a tese em evidência.</p> <p>Não apresenta fatos que confirmem seu ponto de vista;</p> <p>A conclusão não se relaciona à tese.</p>	<p>Elencar fatos e provas que confirmem a tese;</p> <p>Peencher adequadamente a conclusão.</p>	<p>Falta do emprego da vírgula. Ortografia; Redundância</p> <p>Falta do emprego da vírgula; emprego do verbo suportar.</p> <p>Falta do emprego da vírgula; ortografia</p>	<p>“Sem dúvidas,...” “à” por “a”; “pais” por “país”, “vêm” por “vêm” “...até nossos dias”</p> <p>“...que, praticamente,...”</p> <p>“ mas, infelizmente,... Mas, muitas...fim, por...saídas, acabam... “suportavam” por “suportam”</p> <p>“...que, quem sabe, talvez,... “retribuídas” por “retribuídas”</p>	<p>Emprego equivocado da conjunção adversativa “mas”.</p> <p>Emprego exagerado da conjunção “e”.</p>	<p>Verificar a função da conjunção coordenativa; Substituir a conjunção “e” por vírgulas.</p>

* N.P.C. Norma-padrão culta

** Neste momento, há intervenção do professor com aulas de gramática.

QUADRO 1: RESUMO DOS TEXTOS APÓS CORREÇÃO

	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9	S10	S11	S12	S13	S14	S15	S16	S17	S18	S19	S20
Tem.	-	+	-	+-	-	-	+-	+	+-	+-	+-	+-	+-	+-	-	-	-	+-	+-	+-
Tít.	-	+-	-	+	+	-	+	+	+	-	-	+	-	+	+	+	-	-	+-	+
Coer.	+-	+	-	+-	-	-	-	+-	+-	-	-	-	-	+-	+-	-	-	-	-	-
O/C	+-	+	-	+-	-	-	+-	+	+-	+-	+-	+-	+-	+-	-	-	-	+-	+-	+-
Tip.	+-	+	-	+-	-	-	+-	+	+-	+-	+-	+-	+-	+-	-	+-	-	-	-	-
N/C	+-	+-	-	-	+-	+-	-	-	-	-	-	+-	+-	+	-	+-	+-	+-	+-	+-
Coes.	+-	+-	+-	+-	+-	+-	-	+-	+-	-	-	+-	+-	+-	+-	+-	+-	+-	+-	+-

LEGENDA:

Tem.: tema
Coer.: coerência
Tip.: tipologia
Coes.: coesão
+: preenche o campo

Tít.: título
O/C: originalidade e criatividade
N/C: norma - padrão culta
-: não preenche o campo
+-: preenche o campo, mas apresenta problemas

Levando-se em consideração o conteúdo (tema, coerência, título, originalidade / criatividade) e a forma (tipologia, norma-padrão culta e coesão), a análise do quadro acima nos mostra que:

Tema: dois alunos (S2, S8) fizeram uma leitura adequada do tema, onze deles (S4, S7, S9, S10, S11, S12, S13, S14, S18, S19, S20) preencheram o campo, mas apresentaram problemas e sete (S1, S3, S5, S6, S15, S16, S17) não preencheram o campo. Tendo em vista que é a partir da leitura do tema que o aluno desenvolverá adequadamente o texto, é fundamental fornecermos subsídios para que ele aprenda a ler o assunto proposto e, a partir daí, faça o recorte temático.

Título: dez alunos (S4, S5, S7, S8, S9, S12, S14, S15, S16, S20) preencheram satisfatoriamente este campo; dois alunos (S2, S19) preencheram o campo com problemas; sete alunos (S1, S3, S5, S6, S13, S17, S18) não deram conta de ajustar um título que resumisse o tema e dois alunos

(S10 e S11) não deram título ao texto. Aqui é necessário mostrar ao aluno que esse campo é importante como qualquer outro e deve ser preenchido adequadamente.

Coerência: um aluno (S2) preencheu este campo satisfatoriamente; seis deles (S1, S4, S8, S9, S14, S15) apresentaram problemas de coerência em nível frasal; treze alunos (S3, S5, S6, S7, S10, S11, S11, S12, S13, S16, S17, S18, S19, S20) apresentaram problemas de coerência em nível textual e frasal. Aqui é fundamental que o aluno perceba que a coerência está amarrada ao desenvolvimento do tema, já que todos os parágrafos precisam voltar-se para a tese proposta. Ademais, é preciso evitar incoerências externas e completar, adequadamente, as idéias discutidas no texto, deixando claro a que ou a quem está se referindo.

Originalidade e criatividade: dois alunos (S2 e S8) foram originais e criativos, já que optaram por um vocabulário mais elaborado e uma organização mais livre; três alunos (S1, S4, S7) foram originais, pois não se prenderam ao texto de apoio, conseguiram fazer o recorte temático, mas cometeram deslizos em relação à criatividade (+-); nove alunos (S9, S10, S11, S12, S13, S14, S18, S19, S20) foram originais, mas não foram criativos (+-); seis alunos (S3, S5, S6, S15, S16, S17) não foram originais nem criativos, mantiveram a estrutura tradicionalmente prevista para textos dissertativos e fizeram uso de um vocabulário que ficou no senso comum; alguns, inclusive, não observaram a real função dos vocábulos nas frases e utilizaram clichês e a oralidade (-).

Tipologia: dois alunos (S2, S8) preencheram este campo satisfatoriamente; nove deles (S1, S4, S7, S9, S10, S11, S12, S13, S15)

preencheram, mas apresentaram problemas; e nove (S3, S5, S6, S14, S16, S17, S18, S19, S20) não preencheram o campo. A maioria procurou fazer uso da estrutura tradicionalmente prevista para textos dissertativos, sem ousar fugir do texto considerado “quadrado”.

Norma-padrão culta: um aluno (S14) preencheu satisfatoriamente este campo; onze deles (S1, S2, S5, S6, S12, S13, S16, S17, S18, S19, S20) preencheram com problemas; e oito (S3, S4, S7, S8, S9, S10, S11, S15) não preencheram, visto que apresentaram muitos problemas. Aqui é necessário reconhecer a importância da utilização da gramática, no momento de proceder à reescrita, já que o aluno não se preocupa, muitas vezes, com a função das palavras e faz uso delas, equivocadamente.

Coesão: dezessete alunos (S1, S2, S3, S4, S5, S6, S8, S12, S13, S14, S15, S16, S17, S18, S19, S20) cometeram equívocos comuns por descuido ou esquecimento; três alunos (S7, S10, S11) apresentaram problemas sérios neste campo. O trabalho com os elementos coesivos, certamente, poderá sanar tal problema nessa turma.

A correção nos permitiu detectar os equívocos mais visíveis na produção de texto dos sujeitos envolvidos. Sabemos que é impossível, entretanto, resolvermos, ao mesmo tempo, junto aos alunos, todas as deficiências apresentadas. Assim, fica evidente a necessidade de criarmos critérios que possibilitarão ao aluno um maior direcionamento no momento de proceder a reescrita, bem como suscitar uma preocupação em relação à própria produção como um todo.

Ao considerarmos todos os campos percebemos que a maioria dos alunos apresentaram um rendimento mediano, visto que preenchem os

campos, mas apresentam problemas (+-). Tal dado nos faz pensar que os alunos, sujeitos desta pesquisa, têm pouca experiência de produção de texto ou procuram apresentar um desempenho suficiente para conseguir a aprovação, isto é, ficam na média, sem se preocuparem com a possibilidade de produzirem um texto mais bem elaborado.

Isso se reflete, nesta proposta de trabalho, se observarmos o número de alunos que não preenchem os campos; as dificuldades, da maioria deles, incidem no desenvolvimento do tema, na coerência, na tipologia, no emprego da norma padrão-culta e no preenchimento do campo título.

Julgamos, entretanto, de suma importância que o campo tema seja, de início, um dos critérios relevantes a ser analisado no momento da avaliação, uma vez que se o aluno não der conta de ler o tema e desenvolvê-lo não terá condições de produzir um texto que defenda o seu ponto de vista, enfim, não poderá argumentar, usar a criticidade frente a diversidade de assuntos e temas apresentados em diferentes linguagens, com os quais convive no cotidiano.

Isso não significa que os demais campos não serão focalizados, até porque o quadro demonstrativo, apresentado anteriormente, comprova que os alunos, na sua maioria, apresentam defasagem em todos eles.

Tendo em vista esta realidade, entendemos que na turma trabalhada é preciso elencar, na avaliação, todos os campos. Não é possível, entretanto, fazermos isso, de forma coerente, em apenas uma produção, já que acreditamos que devemos avaliar a partir do que já ensinamos e do que o aluno está apto a demonstrar. Assim, os diferentes campos são contemplados na avaliação, mas o critério relevante será o tema.

Visualizamos, após a análise dos textos, a necessidade de trabalharmos todos eles, entretanto, é preciso deixar marcado, para o aluno, quais serão avaliados em situações distintas, até porque é a partir disso que poderemos trabalhar estratégias para desenvolver sua habilidade para um preenchimento adequado dos campos.

Reconhecendo o pouco tempo destinado às aulas de produção textual seria produtivo eleger um ou dois campos, a cada produção, para discutirmos e trabalharmos com os alunos.

3.2.4 Reescrita de textos após a apresentação de critérios: avaliação

A 4ª etapa do processo foi realizada considerando três momentos:

- a- Retomamos a discussão das leituras realizadas antes da produção, tendo em vista a necessidade de trabalharmos os problemas encontrados em relação à leitura do tema. Sugerimos aos alunos que relesem os textos discutidos anteriormente, lemos outros para complementar e trabalhamos exercícios que exigiam do aluno a utilização de elementos coesivos.
- b- Apresentamos e discutimos com os alunos os critérios pelos quais os textos seriam avaliados. Nessa discussão, elencamos os sete critérios que seriam observados nos textos, a saber: tema, título, coerência, originalidade e criatividade, tipologia, norma-padrão culta e coesão. Não houve nenhum estranhamento quanto a nomenclatura, visto que todos os envolvidos já conviviam ou tinham alguma experiência com os termos utilizados. Mesmo

assim, em cada critério levantamos hipóteses de como poderia ser feito o preenchimento para conseguirmos elaborar um bom texto.

c- Fizemos a devolução dos textos aos alunos. Explicamos o porquê de não termos colocado uma nota e dissemos que todos deveriam fazer a 2ª versão. Nesse momento, alguns alunos fizeram os seguintes questionamentos: “_É preciso mudar só o que está marcado?; “_Posso mudar tudo?; “_Por que isso aqui está errado?; “_Você não entendeu o que eu quis dizer aqui?”. Tal procedimento demonstra a ansiedade dos alunos no momento em que o texto retorna para ser reescrito. Após um breve tempo para passar o impacto, que consideramos natural, pois os alunos queriam ver as anotações presentes nos textos, entregamos um comando que esclarecia os procedimentos a serem observados antes da reescrita. Afirmamos a importância de serem, nesse momento, leitores-corretores das próprias produções; observarem as anotações e questionamentos colocados à margem dos textos; aproveitarem o que tinham escrito; utilizarem, se preciso, as gramáticas e dicionários disponíveis; procederem à reescrita fazendo, como na 1ª versão, o planejamento, o rascunho e a versão definitiva. Recolhemos os textos e passamos à leitura dos mesmos. Estávamos, nessa fase do trabalho, iniciando a 5ª etapa.

Na 5ª etapa, fizemos a leitura dos textos reescritos levantando os equívocos cometidos pelos alunos, tendo em vista a necessidade de traçarmos os objetivos das próximas aulas, (independente do projeto). Em seguida, comparamos as duas versões, a fim de verificarmos se o estabelecimento de critérios havia ou não colaborado na melhoria do texto do aluno, isto é, se em

relação à 1ª versão, os alunos apresentavam em seus textos: crescimento, mantinham o nível, demonstravam decréscimo.

Para exemplificar, apresentaremos a 1ª e a 2ª versões dos textos S1, S5, S13, S19 juntamente com a análise comparativa, do conteúdo e da forma. O resultado da comparação destes e dos demais textos (Vide Anexo II) encontra-se, resumido, na apresentação dos quadros 2 e 3 e, discutido no item 3.3 (discussão dos dados obtidos). Tendo em vista que, aqui, nos interessa o processo que envolve a produção de texto, não nos reportaremos às notas que os textos obtiveram na avaliação.

S1 – PRIMEIRA VERSÃO	S1 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="387 245 976 277" style="text-align: center;">DESEMPREGO CAUSA DESEMPREGO</p> <p data-bbox="226 304 1133 485"><i>O desemprego está levando milhares de pessoas ao desespero. No Brasil todas as empresas grandes estão sendo vendidas para multinacionais, pelo menos a maioria das ações são de estrangeiros. Causando o desemprego de milhares de pessoas.</i></p> <p data-bbox="226 491 1133 592"><i>O governo só quer visar os lucros, deixando os pobres coitados morrerem de fome por não terem onde tirar seu pão de cada dia.</i></p> <p data-bbox="226 598 1133 740"><i>Um exemplo de desemprego em grande escala foi a demissão de mais de dois mil metalúrgicos da Ford, empresa automobilística, que aconteceu alguns dias atrás. Essa demissão causou muito transtorno e discussão.</i></p> <p data-bbox="226 746 1133 963"><i>O governo deve criar condições de emprego, para acabar ou pelo menos diminuir essa taxa de desemprego que existe no Brasil. Incentivando empresas a se alojarem em lugares de grande desemprego e em cidades onde as pessoas tem que viajar muito para poder trabalhar e ter um dinheirinho no final do mês. Todo mundo está sujeito ao desemprego.</i></p> <p data-bbox="226 970 1133 1150"><i>No Brasil o governo deveria optar um pouco pelo povo, não fazer tudo em seu benefício. Um exemplo disso é o aumento de salário que está sendo reivindicada a muito tempo, mas como o governo não vai se beneficiar com isso não o fazem.</i></p>	<p data-bbox="1234 245 1980 277" style="text-align: center;">CRISE ECONÔMICA AUMENTA O DESEMPREGO</p> <p data-bbox="1153 304 2060 405"><i>O Brasil, nos dias de hoje, está sofrendo uma grande crise econômica, que está fazendo com que aumente cada vez mais o desemprego.</i></p> <p data-bbox="1153 411 2060 553"><i>Para agravar mais essa crise econômica, o Brasil está privatizando muitas de suas empresas, e a maioria das ações estão nas mãos de estrangeiros. Com a privatização ocorrem muitas demissões e o desemprego de várias pessoas.</i></p> <p data-bbox="1153 560 2060 660"><i>O governo quer visar os lucros, deixando os pobres coitados dos desempregados morrerem de fome sem ter de onde tirar o pão de cada dia.</i></p> <p data-bbox="1153 667 2060 809"><i>A mídia brasileira divulgou alguns meses atrás a demissão de aproximadamente mil metalúrgicos da Ford, empresa automobilística. Essa demissão causou muito transtorno e muita discussão.</i></p> <p data-bbox="1153 815 2060 916"><i>Portanto o governo deve intervir criando condições de emprego, não deixando que aconteça mais crises econômicas, revertendo o quadro de desemprego que é assustador.</i></p> <p data-bbox="1153 922 2060 1064"><i>O governo deve aumentar as tecnologias, que irá favorecer e muito para o emprego de muitos trabalhadores que já estão se desesperando atrás e um emprego e não encontram.</i></p> <p data-bbox="1153 1070 2060 1287"><i>As empresas estão cada vez mais procurando empregados mais qualificados, para que isso aconteça o governo e muitas empresas que tem condições devem oferecer cursos para que os empregados tenham um bom rendimento e também para um bom rendimento da empresa no final das contas.</i></p> <p data-bbox="1153 1294 2060 1367"><i>No entanto, o governo deve beneficiar um pouco o povo, por exemplo, poderia fazer um reajuste bom no salário.</i></p>

Ao compararmos as duas versões do aluno S1, em relação aos campos, previamente definidos, foi possível verificar :

Tema: o aluno propõe uma tese e procura defendê-la até o final do texto. No 4º parágrafo, entretanto, há um exemplo que poderia reforçar seu argumento, mas fica deslocado, uma vez que não está relacionado à tese. Podemos afirmar que houve uma evolução em relação a esse campo; o aluno busca manter a tese e defendê-la, ao contrário da 1ª versão quando divagou.

Título: o título está adequado, pois o texto confirma que a crise econômica causa o desemprego. Neste campo, houve uma evolução, tendo em vista que na 1ª versão o aluno não conseguiu ajustar coerentemente um título ao texto.

Coerência: no 6º parágrafo, há uma incoerência, em nível frasal: o aluno não deixa claro como o aumento da tecnologia favoreceria a oferta de emprego; em nível textual, há coerência, pois todos os parágrafos voltam-se para a questão do desemprego. Podemos afirmar que houve uma evolução: ao invés de apenas citar o desemprego, como na 1ª versão, o aluno discutiu os problemas.

Originalidade e criatividade: manteve a originalidade do texto, uma vez que extrapolou o texto de apoio e foi criativo quando ousou fugir da estrutura tradicionalmente prevista para o texto dissertativo.

Tipologia: apesar de apresentar a estrutura do texto dissertativo, marca, indevidamente, a conclusão do texto no desenvolvimento quando, nos parágrafos 5º, 6º, 7º e 8º sugere planos de ação para diminuir o desemprego. Podemos afirmar, portanto, que houve um decréscimo em relação ao campo,

visto que, na 1ª versão, o autor, mesmo apresentando problemas, definiu com maior cuidado as categorias do texto dissertativo.

Norma-padrão culta: não houve evolução neste campo, pois o aluno continuou cometendo equívocos relacionados à pontuação (5º parágrafo), repetição (6º e 7º parágrafos) e organização das frases (6º parágrafo).

Coesão: não houve uma melhoria neste campo, visto que o aluno, assim como na 1ª versão, não fez uso de elementos coesivos para ligar os parágrafos 4º, 5º, 6º e 7º dificultando, assim, a articulação do texto.

S5 – PRIMEIRA VERSÃO	S5 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="497 563 864 592" style="text-align: center;"><i>O CAMINHO DAS TREVAS</i></p> <p data-bbox="226 632 1131 762"><i>O mundo no final do século, atinge o ápice do desenvolvimento e uma parte da sociedade comemora seus maiores momentos de folga, com a substituição “braçal” pelo computador. Porém, a outra parte, a grande maioria, entra em colapso.</i></p> <p data-bbox="226 767 1131 863"><i>O “monstro” chamado tecnologia, veio arrancar-lhe seu trabalho árduo, pesado, que muitas vezes ultrapassava até mesmo o limite de suas forças, mas que dava-lhe em troca o pão de cada dia.</i></p> <p data-bbox="226 868 1131 963"><i>Por pior que fosse o seu trabalho, por mais desumano, que pudesse parecer, era lá que concentrava as escassas soluções para muitos de seus problemas.</i></p> <p data-bbox="226 968 1131 1099"><i>Sim, este monstro veio roubar seus sonhos de um futuro mais promissor, suas esperanças de ser valorizado pelos seus esforços, enfim, tirou-lhe o seu único obséquo de sobrevivência, o seu emprego.</i></p> <p data-bbox="226 1104 1131 1200"><i>Agora, há um longo caminho pela frente, coberto de trevas a ser enfrentado, são grandes os obstáculos, alguns tão gigantescos que parecem sem solução.</i></p> <p data-bbox="226 1204 1131 1335"><i>Mas para reduzir o desemprego que assola o mundo, está na hora de acabar com a idolatria do dinheiro e do poder, perdoar os erros passados e começar a reconstruir uma sociedade mais humana, justa e fraterna.</i></p>	<p data-bbox="1346 563 1868 592" style="text-align: center;"><i>MERCADO DE TRABALHO SELETIVO</i></p> <p data-bbox="1153 632 2063 727"><i>Em nosso país, um dos problemas que mais dificulta a população brasileira, é o grande número de desempregados, devido a falta de mão-de- obra qualificada.</i></p> <p data-bbox="1153 732 2063 828"><i>O mercado de trabalho, além de muito competitivo, agora está cada vez mais seletivo. Só há vagas para pessoas com pelo menos, o segundo grau completo e algum conhecimento de informática.</i></p> <p data-bbox="1153 833 2063 963"><i>Os trabalhadores que não tem esses quesitos “básicos”, dificilmente conseguem entrar numa disputa por um emprego. E não podemos esquecer, que mais da metade dos trabalhadores brasileiros não tem nem o primeiro grau completo.</i></p> <p data-bbox="1153 968 2063 1099"><i>Sendo assim, a massa de desempregados aumenta assustadoramente, essas pessoas com baixa escolaridade, vão sendo cada vez mais excluídas do mercado e sofrendo as drásticas conseqüências de um governo desestabilizado.</i></p> <p data-bbox="1153 1104 2063 1270"><i>E para que este grave problema seja solucionado, é necessário um governo mais justo e humano que ofereça as condições básicas de sobrevivência, como moradias, saúde e principalmente, escolaridade. Pois é na educação que encontraremos a solução para os milhares de problemas que rondam o país.</i></p>

Ao compararmos as duas versões do texto do aluno S5, podemos verificar que:

Tema: há uma evolução em relação à 1ª versão, visto que neste campo o aluno propõe uma tese, argumenta discutindo a questão das exigências do mercado de trabalho e estabelece uma conclusão. Ao contrário da 1ª versão, quando o aluno procura manter o tema, mas acaba divagando, usando uma linguagem apelativa.

Título: o título, assim como na 1ª versão, é adequado, pois o aluno discorre sobre as exigências do mercado de trabalho em relação à seleção dos empregados.

Coerência: o aluno demonstrou uma evolução neste campo, uma vez que não há, ao contrário da 1ª versão, incoerências no texto.

Originalidade e criatividade: o aluno mostrou uma evolução na 2ª versão; extrapola o texto de apoio, como na 1ª versão, mostrando originalidade e se preocupa em fugir do senso comum, do uso de clichês em relação ao emprego da linguagem.

Tipologia: há um avanço neste campo; o aluno conseguiu preencher de forma adequada as categorias previstas para o texto dissertativo.

Norma-padrão culta: houve a manutenção do desempenho neste campo; o aluno cometeu equívocos semelhantes aos presentes na 1ª versão.

Coesão: o aluno manteve o mesmo desempenho nas duas versões, neste campo, visto que apesar de não explorar habilmente os elementos coesivos, também não apresentou problemas que possam prejudicar a leitura do texto.

S13 – PRIMEIRA VERSÃO	S13 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="557 671 804 703" style="text-align: center;"><i>BURACO NEGRO</i></p> <p data-bbox="226 743 1133 807"><i>O desemprego hoje em dia, é uma das principais preocupações da maior parte da população.</i></p> <p data-bbox="226 810 1133 906"><i>Com a desvalorização do real e os altos impostos exigidos pelo governo, está ocasionando o falimento de várias empresas e isto faz com que aumente a fila dos desempregados.</i></p> <p data-bbox="226 909 1133 1005"><i>Muitas pessoas estão entrando em estado de desespero, por não aceitar esta questão. Em cima disto, estão fazendo várias manifestações para a reivindicação de empregos.</i></p> <p data-bbox="226 1008 1133 1136"><i>Com estas informações, observamos que um dos principais fatos do desemprego é o descaso do governo neste assunto, onde está preocupado em interferir somente naquilo que lhe trará benefícios próprios.</i></p> <p data-bbox="226 1139 1133 1235"><i>Para que ocorra uma amenização do desemprego devemos exigir mais de nossos governantes, onde eles tem obrigação de solucionar este problema.</i></p>	<p data-bbox="1373 671 1843 703" style="text-align: center;"><i>O GRANDE PROBLEMA MUNDIAL</i></p> <p data-bbox="1149 743 2056 871"><i>A cada dia que passa, o desemprego vem aumentando progressivamente no mundo inteiro, principalmente nos países subdesenvolvidos, que dependem economicamente dos países desenvolvidos.</i></p> <p data-bbox="1149 874 2056 970"><i>Estatísticas recentes feita pela imprensa, mostra que a cada cinco trabalhadores brasileiros, um encontra-se sem uma renda mensal. Isto apresenta um índice altamente elevado de desemprego.</i></p> <p data-bbox="1149 973 2056 1069"><i>Na maioria dos países que enfrentam este problema, percebemos o descaso que os governantes políticos tem, referente a este assunto.</i></p> <p data-bbox="1149 1072 2056 1136"><i>O desemprego não escolhe nem cor, nem sexo e nem nacionalidade. Ele caminha atingindo todas classes sociais.</i></p> <p data-bbox="1149 1139 2056 1203"><i>Não será de uma hora para outra, que este quadro se reverterá. A esperança é que o tempo modifique-o.</i></p>

Ao compararmos as duas versões do texto do aluno S13 foi possível verificar que:

Tema: o aluno reformulou todo o texto fazendo uso apenas de uma discussão apresentada no 4º parágrafo da 1ª versão quando discute o descaso do governo. Há uma proposta de tese e a manutenção do tema em todos os parágrafos. Podemos afirmar que houve uma evolução no campo, pois apesar de o aluno não ter conseguido uma expansão adequada, procurou manter o fio condutor.

Título: o título está adequado ao texto e foi retomado no 1º parágrafo. Há, portanto, uma evolução em relação à 1ª versão.

Coerência: o aluno demonstra coerência externa quando afirma que a cada cinco trabalhadores um está desempregado, tenta mostrar que sabe discutir o tema de forma ampla e, apesar de não dar conta de expandir com fatos suas proposições, comprovando o que afirma, apresenta uma melhoria neste campo.

Originalidade e criatividade: o aluno manteve a originalidade da primeira versão e teve um maior cuidado em relação à linguagem; sai do senso comum, do uso de clichês presentes na 1ª versão.

Tipologia: não houve uma evolução em relação a este campo; o aluno, praticamente, “jogou” as informações sem relacioná-las à tese, deixando, portanto, sem preenchimento as categorias previstas para o texto dissertativo.

Norma-padrão culta: manteve o desempenho da 1ª versão neste campo, apresentando problemas relacionados ao emprego da norma-padrão culta.

Coesão: manteve o desempenho da 1ª versão neste campo, pois não apresentou problemas que comprometessem a leitura do texto.

S19 – PRIMEIRA VERSÃO	S19 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="398 619 965 646" style="text-align: center;"><i>O DESEMPREGO E SEUS AGRAVANTES</i></p> <p data-bbox="226 687 1133 815"><i>Sem dúvidas o desemprego está entre os mais temidos males dos brasileiros. Mas é difícil achar à quem atribuir a culpa, já que os erros no desenvolvimento do país vêm desde a colonização até nossos dias atuais.</i></p> <p data-bbox="226 823 1133 951"><i>Não podemos negar a culpa dos governantes atuais e passados que praticamente entregaram o país na mão de estrangeiros que hoje sugam o que temos de bom e nos tornam totalmente dependentes.</i></p> <p data-bbox="226 959 1133 1222"><i>Mas infelizmente o problema de desemprego se multiplica, gerando vários outros problemas como a fome, os desabrigados os criminosos e dezenas de outros. Mas muitas pessoas que caem nesse abismo que parece não ter fim por não conseguir ver saídas acabam se entregando às bebidas, tráfico e uso de drogas, e crimes em geral, e ai quase sempre acabam por estragar completamente a vida, se é que vida é o termo ideal para descrever a desgraça da rotina que esses coitados suportavam</i></p> <p data-bbox="226 1230 1133 1326"><i>É preferível acreditar e ter esperança de que possamos inverter a atual situação e depositar no governo algumas fichas que quem sabe talvez possam ser retribuídas.</i></p>	<p data-bbox="1339 619 1883 646" style="text-align: center;"><i>DESEMPREGO E SEUS AGRAVANTES</i></p> <p data-bbox="1151 687 2058 783"><i>Sem dúvidas o desemprego está entre os mais temidos males dos brasileiros. Mas é difícil achar quem atribuir a culpa, já que os erros no desenvolvimento do país vêm desde a colonização.</i></p> <p data-bbox="1151 791 2058 1015"><i>Não podemos negar a culpa dos governantes atuais e passados que praticamente entregaram o país na mão de estrangeiros, esse fato é claramente visto nas indústrias automobilísticas por exemplo, nós simplesmente não temos nenhum produto nacional nesta área, que infelizmente não é a única a ser dominada pelos estrangeiros. E agora somos sujeitos a esse domínio de fora que interfere diretamente em nossas vidas.</i></p> <p data-bbox="1151 1023 2058 1182"><i>São Paulo vive hoje o caos de ter um em cada cinco trabalhadores desempregados, numa faixa de um milhão e meio de habitantes, sem dúvidas os índices de desemprego dispararam em função da crise econômica que vivenciamos nos primeiros meses do ano, que causou forte impacto no bolso dos brasileiros.</i></p> <p data-bbox="1151 1190 2058 1318"><i>É impossível deixar de relacionar os problemas de desemprego, com os desastres sociais, tais como, roubos assassinatos, sem tetos e por aí se estende uma interminável lista de problemas.</i></p> <p data-bbox="1151 1326 2058 1390"><i>As conseqüências do desemprego são graves, e as saídas poucas, assim, se torna difícil imaginarmos uma saída.</i></p>

Ao compararmos as duas versões do texto do aluno S19 foi possível verificar que:

Tema: podemos afirmar que houve uma evolução em relação a este campo, uma vez que o aluno manteve a mesma tese; manteve o argumento do 2ª parágrafo, acrescentando exemplo; conseguiu a manutenção do tema e concluiu afirmando que é difícil encontrar uma solução para o problema.

Título: o título, assim como na 1ª versão, está adequado.

Coerência: o texto não apresenta uma coerência perfeita, principalmente quando não indica a fonte da qual tirou a informação presente no 3º parágrafo. Entretanto, há uma evolução em relação à 1ª versão: o aluno deu conta de estabelecer a tese e propor argumentos com tentativa de comprovação.

Originalidade e criatividade: o aluno manteve neste campo o mesmo desempenho apresentado na 1ª versão, pois extrapolou o texto de apoio, mas não conseguiu demonstrar cuidado com a escolha do vocabulário.

Tipologia: houve uma evolução neste campo; o aluno preencheu adequadamente as categorias previstas para o texto dissertativo.

Norma-padrão culta: o aluno manteve, nas duas versões, o mesmo desempenho neste campo; apresentou equívocos semelhantes relacionados ao emprego da norma-padrão culta.

Coesão: houve uma evolução em relação a este campo, já que o aluno conseguiu fazer uso, com maior habilidade, dos elementos coesivos.

QUADRO 3: DEMONSTRAÇÃO DO DESEMPENHO ENTRE AS DUAS VERSÕES

SUJ.	TEM	TIT	COER	O/C	TIP	NC	COES
S1	C	C	C	M (+)	D	M (+)	M (+)
S2	M (+)	M (+)	M (+)	M (+)	M (+)	M (+)	C
S3	C	C	C	C	C	C	C
S4	C	M (+)	C	M (+)	D	M (-)	C
S5	C	M (+)	C	C	C	M (+)	M (+)
S6	C	M (-)	C	C	C	M (+)	C
S7	C	M (+)	C	M (+)	M (+)	C	C
S8	M (+)	M (+)	C	M (+)	M (+)	C	C
S9	C	M (+)	M (+)	M (+)	C	C	C
S10	M (+)	M (-)	C	M (+)	M (+)	M (-)	M (-)
S11	D	C	C	D	D	C	M (-)
S12	C	M (+)	C	M (+)	C	C	C
S13	C	C	C	M (+)	M (+)	M (+)	M (+)
S14	C	D	M (+)	M (+)	C	M (+)	C
S15	M (-)	M (+)	M (+)	C	M (+)	C	M (+)
S16	C	M (+)	C	C	C	C	C
S17	C	C	C	C	C	M (+)	M (+)
S18	C	C	C	M (+)	C	M (+)	C
S19	C	C	C	M (+)	C	M (+)	C
S20	M (+)	M (+)	C	M (+)	C	C	C
TOTAL	14C, 5M, 1D	7C, 12M, 1D	16C, 4M	6C, 13M, 1D	11C, 6M, 3D	9C, 11M,	13C, 7M

Legenda:

Suj: sujeitos (textos)

Tem: tema

Tit: título

Coer: coerência

O/C: originalidade e criatividade

Tip: tipologia

N/C: norma-padrão culta

Coes: coesão

C: cresceu

M: manteve

D: decresceu

+, +-, -: desempenho apresentado
(1ª e 2ª versões)

* Levar em consideração que nos campos tema, título, coerência, tipologia e norma-padrão culta, alguns alunos mantiveram o desempenho, mas já era adequado.

3.3 Discussão dos resultados obtidos

Dos textos analisados, após a reescrita, foi possível verificar que os alunos dos textos S4, S5 e S13 criaram um novo texto sem retomar nenhum dos argumentos contidos na primeira versão. Acreditamos que isso se deu porque, muitas vezes, o aluno:

a- não gosta de reler os textos que escreve e prefere fazer um novo texto mesmo que cometa os mesmos equívocos. Temos exemplo disso é quando pedimos aos alunos para que façam a versão definitiva e eles apenas “passam a limpo”, mantendo os mesmos problemas;

b- o aluno pode não se sentir capaz de preencher, ou seja, responder às anotações que o professor colocou à margem do texto. Os alunos “quando não acatam as sugestões do professor, apresentam estratégias próprias que não são consideradas pelo docente no momento de trabalhar com os processos de revisão e reescrita como, por exemplo a estratégia de ignorar” (Menegassi, 1998:207).

c- o aluno desiste de fazer as alterações no texto, tendo em vista que nós não valorizamos como devíamos os acertos presentes no texto. No máximo, o que colocamos (nesta situação) foi “o seu texto está bom, mas...”; “sua tese está boa, mas...”. Tais comentários, podem ser insuficientes para convidarem o aluno a reler o que escreveu.

d- O aluno percebe que o texto está, realmente, com muitos problemas e opta por uma produção que se distancie da primeira. Entretanto, “mesmo no texto mais confuso, nem tudo está errado” (Serafini, 1992: 109).

Assim, é preciso que o professor marque onde se encontram os equívocos a fim de direcionar o trabalho de reescrita do aluno.

Em relação ao conteúdo, foi possível perceber que:

- Quanto ao tema, catorze alunos (S1, S3, S4, S5, S6, S7, S9, S12, S13, S14, S16, S17, S18, S19) apresentaram uma expansão mais adequada que na primeira versão; cinco mantiveram o nível anterior: (S2, S8) adequado, (S10, S20) com problemas e (S15) não preencheu; um aluno (S11) decresceu, provavelmente porque não entendeu o que se pedia, ou não se sentiu motivado por ser a primeira experiência. Aqui é preciso considerar que a maioria dos alunos quando convidados a reescrever um texto sabendo o que o vai ser cobrado pelo professor, procuram responder aos questionamentos e sugestões presentes no texto. Consideramos tal campo importantíssimo e, por isso, também acreditamos que ele deve ser trabalhado primeiro, visto que é a partir de uma leitura adequada da proposta de produção que o aluno começará o seu trabalho com sucesso. Tendo em vista o número de alunos que cresceram neste campo, podemos arriscar dizer que a valorização desse critério correspondeu as nossas expectativas.

Neste campo, queremos ressaltar, que o professor deve estar atento à interpretação que o aluno faz da proposta de produção, procurando orientá-lo em relação às leituras parciais que, por inexperiência ou descuido podem acontecer. Tivemos um exemplo dessa situação quando corrigimos o texto S15 e percebemos que o aluno desenvolveu, de forma surpreendente, a sua proposta de tese, embora a leitura do tema tenha sido parcial. Assim, abordou a questão polêmica que envolve a concessão de cargos aos juizes classistas,

dispensando concursos. Para tanto organizou seus argumentos demonstrando conhecimento de causa.

Após a correção, quando devolvemos o texto, pedimos ao aluno que fizesse a releitura do tema e procedesse à reescrita enfocando o desemprego. Tal sugestão não foi suficiente, uma vez que na 2ª versão ele se ateve somente à crise vivida pelas montadoras de veículos.

Isso nos mostra que, muitas vezes, o aluno apresenta um texto bem escrito, considerando o conteúdo e a forma, entretanto não dá conta de articular suas idéias, propondo uma tese que lhe abra possibilidades de discutir o tema proposto como um todo, evitando, assim, um recorte que contemplará apenas parte das inúmeras particularidade que o assunto permite abordar.

Nessa questão, específica, o professor precisa alertar o aluno quanto a sua leitura parcial e propor diferentes assuntos a fim de que ele faça o recorte temático, procurando, assim, suprir essa deficiência. Além disso, em situação de avaliação, é necessário que o professor avalie os outros campos desenvolvidos numa produção, evitando punir o aluno mais de uma vez pelo mesmo equívoco.

- No campo título, sete alunos (S1, S3, S11, S13, S17, S18, S19) apresentaram uma evolução, ao contrário da primeira versão, construíram um título adequado que resume o texto; doze alunos mantiveram o nível: (S4, S5, S7, S8, S9, S12, S15, S16, S20) adequado, (S2) com problemas e (S6, S10) não preencheram; um aluno (S14) decresceu. Este campo é, muitas vezes, pelo professor e pelo aluno deixado de lado, talvez porque ocupe o menor espaço de um texto. Falta, aqui, para essa turma, entender que o título é um

campo tão importante quanto qualquer outro e que deve ser preenchido adequadamente.

- Em relação à coerência, dezesseis alunos (S1, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S10, S11, S12, S13, S16, S17, S18, S19, S20), ao contrário do que aconteceu na primeira versão, não apresentaram incoerências internas ou externas que pudessem prejudicar a leitura; quatro alunos mantiveram o nível: (S2) adequado e (S9, S14, S15) com problemas. É possível que muitos dos equívocos que se relacionam à coerência de um texto estejam ligados ao fato de o aluno não reler o que escreve. Muitas vezes, a partir de uma leitura atenta do texto, o próprio aluno percebe que seu texto está incompleto, as afirmações e generalizações que fez sem comprovar. Além disso, é muito comum os alunos não deixarem explicitado sobre o que ou a quem estão se referindo. É importante ressaltar, também, que nenhum aluno apresentou decréscimo, reforçando a hipótese de que o hábito de reler o que escreve precisa ser estimulado, pois evita falhas provenientes da desatenção.

- No campo originalidade e criatividade, seis alunos (S3, S5, S6, S15, S16, S17) apresentaram uma evolução; doze alunos mantiveram o nível da primeira versão: (S2 e S8) adequado, (S1, S4, S7, S9, S10, S12, S13, S14, S18, S19, S20) com problemas; um aluno (S11) decresceu, não foi original nem criativo. Provavelmente, isso ocorreu porque ele não entendeu as orientações do professor ou elas não foram suficientes, porque o aluno cresceu em três campos, decresceu em três e manteve o nível em um. Neste campo, a maioria dos alunos, que apresentaram problemas na 1ª versão, demonstraram uma evolução. Isso pode ter ocorrido porque não é comum para o aluno ver o professor avaliando a originalidade e criatividade, ou pelo menos, ele não tem

consciência de que o professor esteja considerando tal campo. Além disso, é um critério bastante subjetivo, tendo em vista que o conceito de original e criativo pode divergir de uma pessoa para outra. Assim, é preciso que o professor deixe claro o que vai considerar original e criativo para que o aluno tenha sucesso no preenchimento. É importante, também, que o professor desmitifique que a criatividade tem a ver com dom, pois, muitas vezes, o aluno se sente incapaz de ser criativo. Entretanto, segunda a Proposta curricular do Estado de São Paulo (1991), “quando o falante ou o escritor constrói suas expressões, não há nada de mecânico nisso, qualquer coisa como ‘uma palavra puxa outra’” (p.19).

Em relação à forma, foi possível perceber que:

- No campo tipologia, onze alunos (S3, S5, S6, S9, S12, S14, S16, S17, S18, S19, S20) preencheram adequadamente demonstrando uma evolução na organização do texto; seis alunos mantiveram o nível da versão anterior: (S2, S8) adequado, (S7, S10, S13, S15) com problemas; três alunos (S1, S4, S11) apresentaram mais problemas neste campo, decrescendo, portanto. Aqui, a maioria dos alunos demonstrou crescimento. Tal dado reforça a importância de definir os critérios antes da reescrita, pois eles já seriam capazes de fazer um preenchimento adequado na primeira versão, se houvesse uma prática com esse tipo de encaminhamento. Por que isso ocorreu? Será que quando o professor coloca a nota para o contexto geral do texto, não estará colaborando, de forma inconsciente, para esconder as deficiências que os alunos apresentam em determinados campos?

- Em relação ao emprego da norma-padrão culta, nove alunos (S3, S7, S8, S9, S11, S12, S15, S16, S20) apresentaram uma considerável

evolução; onze alunos mantiveram o nível apresentado na primeira versão: (S14) adequado, (S1, S2, S5, S6, S13, S17, S18, S19) com problemas e (S4, S10) não preencheram. Aqui, é natural que os alunos demonstrem evolução, visto que os problemas apontados, muitas vezes, são fáceis de serem corrigidos. Os alunos que se mantiveram com os problemas precisam cultivar o hábito de rever as anotações, uma vez que apareceram os mesmos equívocos nas duas versões. Não podemos, entretanto, alegar descaso ou desinteresse. Precisar, sim, ser feito um trabalho mais direcionado a fim de suprir as deficiências presentes no que concerne ao emprego da norma-padrão culta.

- Treze alunos (S2, S3, S4, S6, S7, S8, S9, S12, S14, S16, S18, S19, S20) apresentaram coesão adequada, ao contrário da primeira versão; sete alunos mantiveram o nível: (S1, S5, S13, S15, S17) com problemas e (S10, S11) não preencheram. Quando constatamos que a maioria dos alunos mostrou crescimento neste campo, ficou claro a necessidade de discutirmos os critérios, pois, provavelmente, o aluno quando não é “lembrado” sobre o que será cobrado, acaba cometendo deslizos, não porque não sabe, mas por descuido. É óbvio, entretanto, que isso não aconteceria sempre assim, já que aos poucos os alunos vão se firmando como produtores, automatizando as estratégias que elaboram e se conscientizando da necessidade de produzir bons textos. Quanto aos sete alunos que mantiveram o mesmo rendimento, talvez não consigam perceber em quais situações podem fazer uso de tais elementos, deixando o texto sem coesão. Isso é comum, pois, muitas vezes, o aluno lê (acreditamos que apenas decodifica) e não percebe que o texto não está articulado, parece um amontoado de frases soltas. Nesse sentido, é imprescindível discutir com os alunos que “num texto bem-feito, as partes

devem estar relacionadas entre si de forma a auxiliar o leitor a seguir o fio do discurso” (Serafini, 1992:65).

A aplicação desse projeto possibilitou, dentre outras questões, verificarmos o caminho percorrido pelo professor e pelo aluno nas aulas de produção de texto. E isso deixou evidente a necessidade de estarmos sempre avaliando, revendo e questionando tudo que envolve o processo de ensino/aprendizagem.

Assim, confirmamos que é de fundamental importância o envolvimento dos professores e dos alunos nesse processo. É necessário que os professores estejam atentos e reconheçam que o sucesso da aprendizagem de produção de textos contempla desde a proposta de produção até a nova proposta de produção, ou seja, é preciso reconhecer que a dinamicidade da avaliação não abre espaço para que ela tenha um fim em si mesma. Assim, cada etapa vai dando pista para professor e aluno interagirem no processo.

Acreditamos ser importante considerar que a leitura e a análise dos textos, realizadas neste trabalho, sejam um caminho possível que leve à avaliação de um texto. Nele, as condições de produção também devem ser analisadas, visto que, não podemos desconsiderar que a pesquisadora é a professora da turma, conseqüentemente, não foi marcado um interlocutor que fugisse ao padrão comum presente na escola - o professor.

Confirmamos essa artificialidade recorrendo a Britto (1984: 118-9) quando diz que

a produção de texto feita por estudantes em condições escolares já é marcada, em sua origem, por uma situação muito particular, onde são negadas à língua algumas de suas características básicas de emprego, a

saber: a sua funcionalidade, a subjetividade de seus locutores e interlocutores e o seu papel mediador da relação homem-mundo.

Nesse sentido, a fim de discutirmos como se deu a proposta de produção que envolve este trabalho, bem como os sucessos e, principalmente, os possíveis equívocos cometidos que, certamente, impediram o sucesso total da proposta de trabalho, vamos agora levantar uma discussão considerando todas as etapas que fizeram parte da avaliação.

1º- É visível a necessidade de discutirmos com os alunos o tema que será cobrado em sua produção, pois assim eles obterão informações e conhecerão outros pontos de vista que poderão garantir seus argumentos em situação de produção textual.

Essa fase seria ainda mais produtiva e passível de sucesso, se o próprio aluno coletasse e trouxesse, para a sala de aula, textos sobre o tema proposto, já que isso o levaria a ler diferentes autores e posições.

Consideramos, portanto, após a análise dos resultados, que faltou uma atenção para essa etapa, visto que a maioria dos alunos não conseguiu, já na primeira versão, produzir textos coerentes, com argumentos e fatos que comprovassem a proposta de tese. Certamente, isso se deu porque não houve um espaço maior para discussão do tema e, conseqüentemente, amadurecimento do ponto de vista.

2º- Em relação à correção do texto, entendemos que ela não pode ficar presa somente a uma etapa sem retorno, uma vez que o aluno, muitas vezes, não consegue “ler” as orientações do professor e pode necessitar de outros encontros, de mais de uma reescrita para tornar seu texto adequado. Tal

situação ficou visível quando alguns alunos, após reescrita, perguntaram se poderiam retomar o texto, se ainda houvesse problemas.

Além disso, não podemos desconsiderar que as anotações do professor podem ser insuficientes ou deixar o aluno em dúvida, principalmente, se a expectativa do professor estiver muito distante do que o aluno conseguiu produzir.

3º- Quanto ao estabelecimento de critérios, foi possível perceber a necessidade de o professor discutir com os alunos o porquê de priorizar determinado(s) campo(s). Aliás, seria ainda mais produtivo se eles pudessem estar decidindo quais critérios poderiam ser priorizados, levando em consideração as dificuldades de todos os envolvidos.

É preciso também que o professor, antes da reescrita, quando percebe onde ocorreu a maior incidência de equívocos, trabalhe, além do tema, exercícios que possibilitem a expansão das idéias, os tipos de argumentos, dentre outras questões relevantes para cada situação. Sentimos tal necessidade, neste trabalho, pois não planejamos aulas que envolvessem os tipos de argumentos possíveis para o desenvolvimento do tema e apenas trabalhamos a leitura de outros textos e exercícios relacionados à coesão textual. Assim, pudemos perceber que essa medida não foi suficiente, pois os alunos, apesar de apresentarem uma melhoria no campo tema, não conseguiram elencar fatos e provas que pudessem confirmar suas hipóteses.

É importante esclarecer que os critérios podem e devem ser alterados de acordo com as necessidades de cada proposta de texto. Neste trabalho, por exemplo, houve, por parte dos alunos, na reescrita, uma preocupação maior em relação ao desenvolvimento do tema.

4º- A reescrita deve ser considerada uma etapa importantíssima, visto que a maioria dos alunos buscou atender aos questionamentos solicitados na correção, sem perder a originalidade do texto.

Essa etapa seria ainda mais produtora, entretanto, se os indivíduos utilizassem os argumentos coerentes, contemplados na primeira versão, fazendo, assim, uma releitura minuciosa do texto sem optar, na construção de um novo texto, pela desconsideração do que produziu anteriormente.

5º- Finalmente, a avaliação de produção de textos, com critérios previamente estabelecidos, facilita o trabalho do professor, uma vez que ele não corre o risco de trabalhar com o “achismo”, com a generalização ou com a comparação dos textos entre os alunos. Não há, aqui, o desvio do olhar para questões menos importantes em situação específica, pois já está priorizado o que será avaliado e o aluno não será punido mais de uma vez pelo mesmo equívoco. Haverá, assim, mensuração. Percebemos que a avaliação se dá de forma mais justa e coerente, uma vez que, quando o texto retorna ao aluno, não há questionamentos sérios nem descontentamento. Isso acontece porque o próprio aluno consegue perceber o que não deu conta de preencher satisfatoriamente, mas sabe que irá melhorando sua produção a cada proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. A avaliação pode deixar de ser autoritária sem desvirtuar sua autoridade?

É inegável que ao desenvolvermos este projeto, verificamos que a avaliação torna-se menos autoritária. A partir do momento em que devolvemos o texto corrigido, com os questionamentos e as sugestões para que fosse reescrito quebramos ou pelo menos diminuímos o teor autoritário que a avaliação por si só carrega. Os alunos estavam acostumados a produzirem e receberem uma nota, muitas vezes, sem entender o que haviam errado e tem, com esta proposta de trabalho, uma chance de ver e, principalmente, rever os equívocos que cometeram.

Por outro lado, a autoridade é mantida no momento de avaliar, já que o avaliador continua sendo o professor que estará, por direito – já que é sua função, fazendo a mensuração na última etapa de cada produção, sem deixar, entretanto, de aproveitar esse espaço para dar continuidade ao processo.

A avaliação, portanto, não deve ser considerada como a última etapa do processo, visto que é a partir dela, das deficiências que os textos

ainda apresentam, que o professor deverá estabelecer os objetivos a serem trabalhados nas aulas subseqüentes.

Tais considerações nos levam a crer que, ao estabelecermos critérios para a avaliação de um texto, estamos beneficiando o aluno e o professor. Para o primeiro, o trabalho torna-se mais produtivo, já que ele consegue administrar, de forma mais eficaz, a reescrita do texto. Isso se dá, quer seja aproveitando ou não o que escreveu na 1ª versão, pois ele sabe realmente o que o professor estará avaliando. Para o professor, o trabalho também é mais produtivo, visto que ele tem claro o que vai avaliar, norteia os seus objetivos e os conteúdos e, principalmente, considera a evolução de cada aluno sem se prender às comparações entre os indivíduos envolvidos no processo.

Defendemos, também, o quanto é importante professor e aluno interagirem no momento da avaliação escolar. Acreditamos que isso é possível quando ambos definem e aceitam critérios, ou seja, são ambos conhecedores do que ensinar e do que aprender, numa produção textual.

2. Ao invés de ser castradora, a avaliação de textos pode contribuir para o ensino-aprendizagem da língua materna?

Neste contexto em que existem as idas e vindas do texto entre professor e aluno a característica de castradora é dissipada. O aluno perde o medo de se arriscar, a insegurança diminui e a relação com a língua materna acontece de forma natural, pois o aluno demonstra interesse e acredita que pode fazer melhor.

É claro que devemos levar em consideração a sedução entre os envolvidos neste projeto, mas a prática e a continuidade promovem a automatização e, aos poucos, as aulas de produção de texto perdem a definição de “chata”, nesse grau de ensino.

Assim, entendemos que a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, uma vez que possibilita acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos, no decorrer do trabalho conjunto que engloba professor e alunos, são comparados com objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades e reorientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação, assim, é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos.

3. A criação de critérios de avaliação de textos pode estabelecer uma relação de parceria com vistas à melhoria do ensino-aprendizagem de produção de textos, ao invés de ser o momento de julgamento que não permite retorno?

A avaliação deixa de ser apenas um momento de julgamento, uma vez que antes dela já houve as trocas, o trabalho de parceria entre professor e aluno, e depois dela existe o retorno não somente de uma nota para cumprir o protocolo, mas também levantamento do que precisa ser revisto, discutido e encaminhado nos próximos encontros.

A partir do momento que o professor faz a correção dos textos, elenca os critérios pelos quais os textos serão avaliados e discute tais critérios com os alunos haverá uma melhoria do ensino-aprendizagem, pois o professor

terá estabelecido concretamente, salvaguardada a subjetividade inerente à avaliação, o que vai avaliar e o aluno saberá o caminho que poderá percorrer a fim de preencher adequadamente os campos pertinentes a um bom texto.

Vale ressaltar que

critérios claramente definidos e compartilhados permitem tanto ao professor tornar sua prática mais eficiente pela possibilidade de obter indicadores mais confiáveis sobre o processo de aprendizagem quanto permitem aos alunos centrar sua atenção nos aspectos focalizados, o que, em geral, confere a sua produção melhor qualidade. (BRASIL, 1998b:94)

Em relação à hipótese por nós levantada de que a avaliação, quando concebida como uma das etapas de produção de texto em que o professor estabelece e esclarece os critérios pelos quais os textos serão avaliados, pode contribuir para a melhoria do ensino-aprendizagem, consideramos comprovada, uma vez que:

- os alunos envolvidos demonstraram um crescimento nos campos elencados, principalmente no tema, que era, nesta situação, o que mais nos interessava;
- a avaliação de produção textual, a partir dos critérios estabelecidos, propicia aos alunos e professor uma relação menos arbitrária, já que o professor sabe o que vai cobrar e o aluno, por sua vez, sabe o que lhe será cobrado;
- a avaliação deixou de ser a última etapa do processo e passou a ser parte dele, pois oferece elementos que propiciam uma retomada para que aluno e professor continuem buscando um melhor desempenho.

Essas reflexões nos levam a perceber que somente uma avaliação que envolva professor e alunos numa relação dialógica aproximará o aluno do

conhecimento e o fará distanciar-se da margem em que, muitas vezes, o sistema educativo o coloca.

Entendemos que, quando o professor não faz da avaliação o final do processo ensino-aprendizagem de produção de texto, mas sim uma de suas etapas, ela deixa de ser autoritária, mantendo a autoridade; perde sua característica castradora e estabelece vínculos de parcerias entre os envolvidos - professor e aluno.

A avaliação não é, portanto, unilateral ou monológica, mas dialógica. Deve realizar-se num espaço em que sejam considerados aquele que ensina, aquele que aprende e a relação intrínseca que estabelece entre todos os participantes do processo de aprendizado. (Brasil, 1998b:94)

Para finalizar, reconhecemos que uma pesquisa em Língua Aplicada pressupõe a busca de uma solução para problemas vivenciados no contexto escolar e, após seu término é necessário que o pesquisador dê um retorno à escola, ao professor, ao aluno, enfim a todos que se permitiram tornar parte da pesquisa.

Neste trabalho desenvolvemos um projeto para as aulas de produção textual que, se não resolve os problemas, dos quais brotaram o interesse por este trabalho, pelo menos, abre possibilidades de tornar a prática de sala de aula mais produtiva e menos coerciva.

Assim, além de darmos o retorno do resultado da pesquisa para o Colégio Regina Mundi, acreditamos que tal projeto fará parte dos encaminhamentos para as aulas de produção de texto, a partir do próximo ano.

Ousamos, supor, portanto, que cumprimos, com esta pesquisa, uma das inúmeras etapas que podem ser reveladas e contribuir para a melhoria do ensino-aprendizagem de língua materna.

Todavia, as respostas encontradas levantam outros questionamentos que podem ser discutidos e respondidos através de futuras pesquisas. Nesse sentido, são bem-vindos trabalhos que possam, dentre outras sugestões, contemplar: um estudo aprofundado da reescrita, procurando levantar os motivos pelos quais os alunos, muitas vezes, optam por não retomar a 1ª versão; aplicar o projeto por um maior tempo procurando verificar se os alunos automatizam o processo e se tornam, realmente, escritores mais competentes; aplicar o projeto no ensino fundamental e médio comparando o interesse dos alunos pela melhoria do texto, tendo em vista que os alunos do ensino médio estão mais próximos do vestibular; aplicar o projeto e entrevistar os alunos a fim de analisar a atitude no momento que conhece os critérios de avaliação, bem como o seu procedimento utilizado na reescrita do texto.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, M. B. M. et al. **Leitura e escrita na vida e na escola**. Maio, 1985. (mimeo).

ABAURRE, M. B. M. Uma história individual. In: _____ **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras, 1997, pp.79-115.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectivas, 1987.

BENITES, S. A. L. Aluno gramático? **Proleitura**, ano 3, n.10, p.7, abril 1996.

BERNARDO, G. Ensino. In: **Redação inquieta**, Rio de Janeiro: Globo, 1988, pp.3-6.

BORTOLOTO, N. **A interlocução na sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v.1, 1997a.

_____ Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v.2, 1997b.

_____ Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos

parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998b.

BRITTO, R. L. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984, pp.109-119.

CHARROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. In: GALVES, C. et alli (Org.). **O texto: escrita e leitura**. Campinas: Pontes, 1988.

CORRÊA, R. M. **Produções textuais de vestibulandos** – o caminho revelado. In: SEMANA DE LETRAS – OUTRAS PALAVRAS, 10, 1997, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 1997, pp.47-9.

DEMO, P. **Avaliação qualitativa**. São Paulo: Cortez, 1987.

DESPRESBITERIS, L. Confissões de uma educadora: o longo caminho de um aprendizado da avaliação. **Avaliação Educacional**, n.18, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, jul./dez, 1998.

DIMENSTEIN, G. **O aprendiz do futuro: cidadania hoje e amanhã**. São Paulo: Ática, 1997.

DURIGAN, R. H. A. et al. A dissertação no vestibular. In: _____ **A magia da mudança- vestibular Unicamp: língua e literatura**. Campinas, Unicamp, 1987. pp.13-4.

ENCICLOPÉDIA Larousse Cultural. **Nova Cultural Ltda.** v.7. São Paulo: PLURAL, 1995.

FARACO, C. A. ; TEZZA, C. **Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes**. Petrópolis: Vozes, 1992.

FIAD, R. S. (Re)Escrevendo: o papel da escola. In: ABAURRE, M. B. M. **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras, 1997, pp.71-7.

FINI, M. I **Novas modalidades de avaliação: tendências internacionais.** In: II ENCONTRO NACIONAL VESTIBULAR IN FOCO. – CONSULTEC, 1998. **Anais...** Bragança Paulista: 1998, pp.6-12.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e o ensino de português. In: GERALDI, J. W. **O texto em sala de aula.** (Org.). Cascavel: Assoeste, 1984, pp.41-8.

_____ Da redação à produção de textos. In: GERALDI, J. W. ; CITELLI, B. (Coord.) **Aprender e ensinar com textos de alunos.** São Paulo: Cortez, 1997, pp.17-24.

_____ **Portos de passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

HOFFMANN, J. **Avaliação mito e desafio uma perspectiva construtivista.** Porto Alegre: Educação Realidade, 1993.

_____ **Avaliação Mediadora – uma prática em construção da pré-escola à universidade.** Porto Alegre: Educação e Realidade, 1994.

INFANTE, U. **Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação.** São Paulo: Scipione, 1998.

JOLIBERT, J. **Formando crianças produtoras de textos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KATO, M. A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística.** São Paulo: Ática, 1986.

KOCH, I. G. V. **Texto e coerência.** São Paulo: Cortez, 1997.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública – a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1984.

_____ **Didática.** São Paulo: Cortez, 1991.

LUCKESI, C. C. **Equivocos teóricos na prática educacional.** Rio de Janeiro: ABT, 1983.

- **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 1996.
- MARQUESI, S. C. A coerência textual como critério para a avaliação de redações. **V Anais de Seminários do CELLIP**, Guarapuava, 1991, pp.185-192.
- MAYRINK-SABINSON, M. L. T. (Re)Escrevendo: momentos iniciais. In: ABAURRE, M. B. M. **Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto.** Campinas: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras, 1997, pp.53-69.
- MENEGASSI, R. J. **Da revisão à reescrita: operações e níveis lingüísticos na construção do texto.** Assis: UNESP, 1998. 263 páginas. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de São Paulo.
- MESERANI, S. C. **Redação escolar: criatividade.** São Paulo: Ática, 1995.
- MORAES, A. C. Uma pequena conversa sobre avaliação. Brasil, 1999. (texto disponível na internet [<http://www.edutecnet.com.br>])
- NIDEICOFF, M. T. A avaliação e seus problemas. In: _____ **Uma escola para o povo.** São Paulo: Brasiliense, 1980.
- OLIVEIRA, Z. M. R. Avaliação da aprendizagem continuada: bases para a construção de uma nova escola. **Avaliação Educacional**, n.12, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.18, jul./dez, 1998.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação, 1986. **Avaliação, sociedade e escola: fundamentos para reflexão.** Curitiba: SEED, 1986.
- PARANÁ. Secretaria do Estado de Educação. **Currículo básico para a Escola Pública do Estado do Paraná.** Curitiba: SEED, 1990.
- PAZINI, M. C. B. Buscando atenuar a artificialidade da produção textual na escola. In: SEMANA DE LETRAS – OUTRAS PALAVRAS, 10, 1997, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 1997, pp.37-41.
- PAZINI, M. C. B. ; BENITES, S. A. L. A concepção de língua e gramática do livro didático. **UNIMAR**, vol. 12, (01), pp.101-19, abril, 1990.

PÉCORA, A. **Problemas de redação**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

PEREIRA, R. F. A produção textual: perspectivas de mudanças a partir das novas concepções de linguagem. In: SEMANA DE LETRAS – OUTRAS PALAVRAS, 10, 1997, Maringá. **Anais...** Maringá: UEM, 1997, pp.34-6.

_____. Novos rumos para a produção de textos. **PROLEITURA**, ano 2, 6, p.3, ago., 1995.

PERRELMAN, C. H. ; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação – A nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ROCCO. M. T. F. Leitura e escrita: abrindo caminhos de mão dupla. **PROLEITURA**, ano 2, 6 , pp.1-2, ago., 1995.

RONCA, P. A. C. **A aula operatória e a construção do conhecimento**. São Paulo: Esplan, 1995.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta curricular para o ensino de língua portuguesa: 1º grau. São Paulo: SE/CENP, 1991.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983.

SERAFINI, M. T. **Como escrever textos**. São Paulo: Globo, 1992.

SIQUEIRA, J. H. S. de. **O texto – movimentos de leitura, técnicas de produção, critérios de avaliação**. São Paulo: Selinunte, 1990.

SOUSA, C. P. Avaliação do rendimento escolar- sedimentação de significados. In: SOUSA, C. P. de (Org.). **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas: Papyrus, 1995a, pp.143-51.

SOUSA, S. Z. L. A prática avaliativa na escola de 1º grau. In: SOUSA, C. P. de (Org.). **Avaliação do rendimento escolar**. Campinas: Papyrus, 1995b, pp.83-108.

SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa pragmática**. Campinas: Papyrus, 1995.

STAUB, A. Perguntas e afirmações que devem ser analisadas In: KIRST, M. ; CLEMENTE, I. et alli. **Linguística aplicada ao ensino de português**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1992, pp.17-31.

THEREZO, G. P. Critérios para a avaliação de redações. **LETRAS**, 11:84-128, dez, Campinas, 1992.

_____ **Como corrigir redação**. Campinas: Alínea, 1997.

VAL, M. G. C. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VASCONCELOS, C. dos S. **Avaliação** - concepção dialética - libertadora do processo de avaliação escolar. São Paulo: Cadernos pedagógicos do Liberdade, 1992.

VIANNA, H. M. Novas modalidades de avaliação: tendências internacionais. II ENCONTRO NACIONAL VESTIBULAR IN FOCO. – CONSULTEC, 1998. **Anais...** Bragança Paulista, 1998, pp.13-8.

ZANINI, M. ; MENEGASSI, R. J. Avaliação de redação: o vestibular da UEM. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 9, 1995. Universidade Estadual de Umuarama. **Anais...** Londrina: UEL, 1996, pp.370-77.

_____ Avaliação de redação: proposta de uma planilha. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 10, 1996, Londrina. **Anais...**Cascavel: Unioeste, 1997, pp.43-51.

ZANINI, M. Uma visão panorâmica da teoria e da prática do ensino de língua materna. **Acta Scientiarum**, 21 (1): 79-88, 1999.

ANEXOS

ANEXO I – TEXTOS DISCUTIDOS

Desemprego também é doença

O tamanho da insegurança do brasileiro é medido com pavorosa precisão numa pesquisa: de cada 100 trabalhadores, 87 temem perder o emprego nos próximos meses.

Realizado pela agência de publicidade Saldiva & associados, o trabalho, intitulado “brasil: o talento de um povo”, investigou as aptidões dos brasileiros e, sem querer, encontrou um buraco negro. As entrevistas revelam uma população acuada pelo avanço tecnológico combinado com as oscilações econômicas.

Na mesma medida do trabalhador, o empresário vê no mercado

Uma corrida de obstáculos cada vez mais veloz, capaz de levá-lo ao chão no passo seguinte. Para comparar, procurei investigações sobre o medo dos americanos.

Os resultados são parecidos, mostrando uma crise de confiança. Apesar de todas as conquistas da medicina e informática e os avanços nos direitos sociais, os americanos nunca estiveram tão pessimistas sobre o futuro: 60 imaginam que a próxima geração – ou seja, seus filhos,- terá uma vida pior e mais difícil.

As pesquisas mais impressionantes estão ligadas aos impactos da instabilidade econômica na saúde dos indivíduos. Realizadas nas universidades de Michigan e Johns Hopkins, importantes centros de estudo sobre saúde pública, mostram que o aumento do desemprego é acompanhado por suicídios, ataques do coração e doenças mentais.

O professor Harvey Brenner, da John Hopkins, calculou o que acontece nos Estados Unidos para cada 1,4 ponto percentual a mais de desemprego no ano: 1) 26440 mortes ligadas a problemas do coração; 2) 1540 suicídios; 3) 5520 internações de pessoas em hospitais para tratamentos psiquiátricos. Dois pesquisadores de Michigan, Jeanne Gordus e Sean McAlinden, encontraram pontos comuns em pessoas traumatizadas pelo desemprego. Muitos regem como se tivessem passado por um stresse semelhante ao de um divórcio ou ao da morte de um parente próximo.

Segundo eles, o desempregado corre o risco de sofrer de pressão, ansiedade, agressividade, insônia, perda da auto-estima e problemas conjugais. Daí se vê a responsabilidade dos governantes, empresários e sindicatos em encontrar saídas que amenizem o efeito do desemprego, criando uma malha de proteção.

Gilberto Dimenstein

Mercado de trabalho mais exigente

O mercado de trabalho na grande São Paulo está exigindo cada vez mais qualificação dos trabalhadores. Isso exclui os jovens e aqueles com baixa escolaridade.

Essa é uma das conclusões de um estudo inédito sobre a evolução do e na emprego na região entre 1988 e 1995, realizado por economistas do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

Segundo a pesquisa, 59,1 dos empregados na Grande São Paulo não tinham o primeiro grau completo em 1988. Em 1995, esse percentual já tinha caído para 47,8 . A idade média dos ocupados na região vem crescendo. Em 1988, 30,6 dos ocupados tinham até 24 anos. Em 1995, eram 26,1 .

Por um lado, houve um aumento no nível de escolaridade dos trabalhadores nesse período. Por outro lado, o mercado de trabalhadores com mais qualificação, isto é, uma combinação de experiência e escolaridade.

Entretanto, mais da metade dos trabalhadores brasileiros não têm primeiro grau completo. Segundo o Censo Demográfico do IBGE de 1991, 68 da população paulista com idade acima de 10 anos não tinha o primeiro grau completo em 1991. Em todo o Brasil, esse número sobe para 75 .

A diminuição de postos de trabalho que envolvem menor qualificação, especialmente na indústria, é um dos grandes problemas que o Brasil está enfrentando.

Entre 1988 e 1995, o setor que mais reduziu a oferta de postos de trabalho na região foi a indústria , que empregava 32,1 dos ocupados e passou a 24,8 .

Essa maior seletividade do mercado de trabalho nos últimos anos não significou, porém, um aumento nos salários pagos. Pelo contrário. Segundo o estudo dos economistas do Ipea, o salário médio caiu cerca de 26 entre 1988 e 1995. (FSP)

Humberto Saccomandi

Seguro-desemprego

As leis relativas ao seguro-desemprego mudaram na Suécia- e os suecos reclamam. Com as novas mudanças, criticadas pelos sindicatos, o trabalhador tem agora um ano para encontrar emprego. Até lá, ganha 75% de seu último salário, o que significa, no mínimo, US 1,5 mil mensais.

Além do salário desemprego, ele recebe ajuda para pagar o aluguel, ganha US 100 por cada filho, não paga médico, dentista, nem se precisar, tratamento psicológico; os filhos dispõem de excelentes escolas públicas. Os desempregados são convidados a participar de cursos de reciclagem profissional para que se coloquem no mercado.

O paraíso sueco apenas reforça o inferno brasileiro, onde foi apresentada como conquista ligeira a extensão do seguro desemprego. Estocolmo tem um índice de desemprego próximo ao dos grandes centros urbanos brasileiros, chegando a 16. Mas, comparado ao Brasil, é um problema social quase desprezível.

O desemprego brasileiro entra direto na veia. Se não apelar para uma reserva (e muita gente não tem), o indivíduo coloca no dia seguinte um pé na miséria.

A Suécia mostra o tamanho gigantesco do desafio brasileiro. Mas eles têm uma população de apenas 8,5 milhões, 2500 empresas multinacionais, e dominam tecnologia sofisticada.

É um país politicamente calmo, de alto nível educacional, no qual os partidos são sólidos e bem mais fiscalizados pelo cidadão. Apesar de todas as vantagens, a Suécia mostra nas ruas manchas provocadas pelo desemprego combinando com a falta de recursos oficiais.

Em volta do cemitério, pessoas dormem no chão e por algumas ruas surgem mendigos. Claro que não são nada parecidos com os nossos mendigos. Vi um deles carregando uma placa em inglês ((sem um erro gramatical) pedindo, além de esmola, que transeuntes não sujasse as ruas.

Gilberto Dimenstein

Fôlego para respirar

Justo quando o sindicalismo velho de guerra parecia condenado ao mofo da História, ele ressurgiu no chão da fábrica Ford de São Bernardo do Campo, a mais antiga montadora do país, com ferramentas novas e uma vitória parcial que pegou todo mundo de surpresa. Na noite da terça-feira passada, após 48 dias sem produzir um só veículo, a Ford aceitou temporariamente as demissões que fizera às vésperas do Natal. Foi a primeira vez que uma montadora fez cortes em massa e voltou atrás. Foi a primeira vez que as mulheres dos trabalhadores não ficaram em casa, na retaguarda, mostraram ser parte do problema e da solução. Cataram os filhos e foram para a porta da fábrica ao lado dos maridos, revelando o verdadeiro rosto do desemprego do país: o da família brasileira como um todo. Como maqueteiras profissionais, elas usaram e abusaram dessa imagem de impacto, desconstruindo a logomarca da Ford pela televisão. Pela primeira vez, não foi preciso fazer piquete (os não-demitidos aderiram ao movimento), não houve destruição de máquinas nem confrontos. "Essa peãozada entende o simbolismo do que aconteceu aqui hoje", observava Luís Inácio Lula da Silva. "Ela viu, pela primeira vez, que é possível não aceitar o desemprego como fato consumado". Sobretudo, essa foi a verdadeira estréia nacional de Luiz Marinho, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC desde 1996. Esse roceiro que até os dezesseis anos trabalhava na lavoura em Santa Rita d'Oeste, interior de São Paulo, transitou como peixe nos gabinetes de Antonio Magalhães, Mário Covas, Michel Temer, Olívio Dutra, Itamar Franco durante as últimas semanas

Pelo acordo, excluindo os 700 demitidos que já homologaram sua demissão, os 2100 restantes vão receber o salário de janeiro e fevereiro. Paralelamente, a empresa abriu um plano de demissão voluntária, PDV, atraente para seus 6000 funcionários. Inclui plano de saúde até abril e indenização de 42,5 por ano trabalhado. As adesões do PDV se encerram nessa Sexta-feira, 12. "Estragaram o nosso Natal, mas o Carnaval, não, festejavam os ex-demitidos. Entre os dias 18 e 22, começa tudo de novo. Dependendo da nova rodada de negociações, haverá ou o corte definitivo dos excedentes que sobraram ou mais uma lufada de ar para respirar. Por um dia, a crise nacional pareceu distante.(...)

Isto É, 28/02/99

Desemprego entre pobres

Embora o desemprego tenha se generalizado no mundo atual, os países pobres tendem a sofrer mais.

Segundo pesquisa realizada

Pelo economista Marcio Ochman, da Unicamp, em 1970 o desemprego nos países do G-7 representava 30,1% do desemprego no mundo. Essa participação caiu para 22,1% e, em 1980, chegou a 16,0%.

Vários fatores contribuem para esse aprofundamento relativamente maior do desemprego em países mais pobres. Há fatores de natureza demográfica. As taxas de natalidade caíram mais nos países mais ricos, enquanto nos mais atrasados o controle da natalidade em muitos casos é falho ou inexistente. O desemprego tende ser maior em populações com taxas mais altas de crescimento.

Outro fator relevante é o desenvolvimento tecnológico desigual. Nos países mais ricos ocorreu uma verdadeira revolução tecnológica nos últimos 20 anos. O processo eliminou emprego, mas também criou oportunidades novas, em especial no setor de serviços e nas fronteiras da tecnologia da informação.

Os países menos desenvolvidos são importadores dessas tecnologias e sofrem com intensidade relativamente maior os efeitos da automação, ou seja, o lado negativo da revolução tecnológica.

Finalmente, é importante reconhecer que, apesar da onda generalizada de redução no tamanho do Estado, a velocidade e a intensidade desse processo foram maiores em grandes países em desenvolvimento.

Do México ao Brasil, passando pela Rússia e pelo Leste Europeu, o desmonte de modelo estatistas e o fim do comunismo geraram contingentes crescentes de novos desempregados.

Essas assimetrias tendem a se agravar. Sociedades mais pobres, com desemprego crescente, tornam-se ainda mais pobres e assim geram menos investimentos e oportunidades de emprego. Desse ponto de vista, apesar de toda a globalização, sob o aspecto social o mundo parece recuar aos padrões do século 19.

ANEXO II – TEXTOS PRODUZIDOS

S2 – PRIMEIRA VERSÃO	S2 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="293 392 904 419" style="text-align: center;"><i>DESEMPREGO, A HUMILHAÇÃO DOS BRASILEIROS</i></p> <p data-bbox="136 440 1059 512"><i>No momento, o Brasil passa por um grande processo de desemprego gerado pela crise econômica que se passa.</i></p> <p data-bbox="136 533 1059 700"><i>Milhares de pessoas estão desempregadas, pois a oferta de emprego caiu muito. As empresas estão com grande dificuldade econômica. Essa dificuldade decorre da grande quantidade de impostos fazendo com que a lucratividade caia e o número de cortes nos gastos aumente, conseqüentemente o desemprego.</i></p> <p data-bbox="136 721 1059 888"><i>Muitos empresários estão tendo que aguentar protestos de desempregados já desesperados, eles não aceitam a questão do desemprego. Um exemplo desses protestos é o dos trabalhadores das montadoras de veículos. Eles ficaram por vários dias frente as empresas até a resolução do problema.</i></p> <p data-bbox="136 909 1059 1114"><i>Talvez, uma das saídas para o fim do desemprego, seria a isenção fiscal para as empresas para que elas produzam mais, tenham um aumento na lucratividade para então aumentar a oferta de emprego. Mas infelizmente o processo para o desemprego acabar depende dos governantes, pois são eles quem tem o poder para acabar ou não com o problema.</i></p>	<p data-bbox="1285 392 1778 419" style="text-align: center;"><i>DESEMPREGO, UM MOMENTO DE CRISE</i></p> <p data-bbox="1144 440 1944 467"><i>No momento, o Brasil enfrenta um processo muito grande de desemprego.</i></p> <p data-bbox="1072 488 1991 652"><i>Milhares de pessoas, em todo país, estão desempregadas. Isso é reflexo de uma decaída muito grande na oferta de emprego. A causa desse problema é a grande crise econômica do país e o grande número de impostos que acabam quebrando as empresas.</i></p> <p data-bbox="1072 673 1991 930"><i>Muitos empresários estão sem ver uma saída, estão enfrentando muitos protestos de desempregados desesperados. Esses problemas parecem não ter solução, crescendo cada vez mais. Através de jornais, televisões, vemos muitos protestos, desempregados brigando, como por exemplo, os envolvidos na demissão das montadoras de veículos que ficaram em frente de suas empresas até a resolução do problema.</i></p> <p data-bbox="1072 951 1991 1161"><i>Talvez, uma das saídas para o fim do desemprego seria os nossos governantes dar apoio as nossas empresas para que elas pudessem crescer. Esse apoio seria abaixar os impostos e darmos preferência para os produtos daqui. Coisas assim fariam com que nossas empresas crescessem aumentando as ofertas de emprego.</i></p> <p data-bbox="1072 1182 1991 1347"><i>Mas, infelizmente, o processo para acabar com o desemprego depende dos nossos governantes, pois são eles que tem esse poder para isso. O que podemos notar é que a crise parece não ter fim, talvez pela pouca vontade política que se tem no Brasil e no resto do mundo.</i></p>

S3 – PRIMEIRA VERSÃO	S3 – SEGUNDA VERSÃO
<p style="text-align: center;"><i>O CÂNCER QUE CORRÓI A HUMANIDADE</i></p> <p><i>No passado, poucos passavam por dificuldades, pelo fato de a maioria possuir emprego, direta ou indiretamente.</i></p> <p><i>Em tempos atuais estamos vivendo uma crise terrível e que não tem cabimento em um país como o nosso. Com a estrutura que temos, todos deveria, estar empregados e sem essa pobreza em que nos encontramos.</i></p> <p><i>O governo é o culpado de tudo. Sabemos que a mais de dez anos estavamos tendo uma “economia estabilizada” e o salário aumentava substancialmente com o real.</i></p> <p><i>Mas agora com essa inflação que está acabando com nossa moeda, não haverá tão cedo um aumento salarial e as pessoas terão que continuar “tentando viver” com R\$120,00.</i></p> <p><i>Com essa proposta dos poderosos , de retirar as leis trabalhistas quem leva a pior são os assalariados. Pois o emprego está escasso e a expectativa de vida ainda mais baixa, em decorrência de vários fatores que vão desembocar todos na quantia que cada um recebe por mês.</i></p> <p><i>Os verdadeiros beneficiados são os políticos, porque fazem o que querem, inclusive as próprias leis e nós mortais ficamos esquecidos sem o direito de optar por coisa alguma. Vivem em completa desordem e tentam passar uma imagem de primeiro mundo para os outros países.</i></p> <p><i>Somos tantos nas mão de tão poucos. Espostos à sérios riscos que podem acabar com a vida de qualquer um, basta observarmos a política e a economia que vivemos hoje para tentarmos imaginar nosso futuro. Só nos resta a curto prazo, esperarmos que a oferta de emprego aumente e consigamos sair um pouco dessa crise em que nos afogamos.</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>DESEMPREGO: FRUTO DE UMA CRISE</i></p> <p><i>No passado, poucas pessoas passavam por dificuldades financeiras pelo fato de a maioria possuir emprego direta ou indiretamente. Havia por exemplo o trabalho no campo, que de certa forma supria as necessidades. Entretanto, conforme a crise foi se alastrando, essas pessoas começaram a se mudar para as cidades, acarretando problemas urbanos.</i></p> <p><i>Em tempos atuais estamos vivendo uma crise terrível e que não tem cabimento em um país como o nosso. Com as estruturas que temos, todos deveriam estar empregados e sem essa pobreza em que nos encontramos.</i></p> <p><i>O governo é o culpado de tudo, fazendo com que o povo tenha a impressão de que a economia está estabilizada e que está dando para viver com um salário mínimo.</i></p> <p><i>Para fazer com que a população esqueça dessa crise, a mídia tenta acobertar, mostrando como por exemplo a guerra em Kôsovo e gravações telefônicas do presidente.</i></p> <p><i>Existe hoje uma proposta dos poderosos de retirar as leis trabalhistas, mas quem leva a pior são os assalariados. Pois o emprego está escasso e a expectativa de vida cada vez mais baixa, em decorrência de vários fatores, como a pobreza, a fome, a seca...</i></p> <p><i>Os verdadeiros beneficiados são os políticos, porque fazem o que querem, e nós mortais, ficamos esquecidos sem o direito de optar por coisa alguma.</i></p> <p><i>Somos tantos nas mão de tão poucos, expostos a sérios riscos que podem acabar com a vida de qualquer um, basta observarmos a política e a economia que vivemos hoje para tentarmos imaginar nosso futuro. Só nos resta a curto prazo, esperarmos que a oferta de emprego aumente e consigamos sair um pouco dessa crise em que nos afogamos.</i></p>

S4 – PRIMEIRA VERSÃO	S4 – SEGUNDA VERSÃO
<p style="text-align: center;"><i>A CAUSA DO DESEMPREGO</i></p> <p><i>A principal causa do desemprego no Brasil é o plano real, o presidente Fernando Henrique Cardoso simplesmente acabou com uma inflação que perturbava o Brasil a várias décadas de um dia para o outro sem nenhum reajuste fiscal.</i></p> <p><i>Isto fez com que o Brasil passasse a importar vários produtos e até o feijão, isto aconteceu devido ao novo país possuir uma moeda muito valorizada com uma economia tão fraca. Com o grande número de importações isto fez nós gerarmos empregos nos outros países e causar um grande desemprego aqui no Brasil.</i></p> <p><i>Para fazer uma moeda forte é preciso incentivar empresas nacionais e investir bastante na educação, assim nosso país obterá uma economia que não depende de outros países e também com a mão de obra especializada poderemos competir de igual para igual com as grandes multinacionais.</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>O MAU DO FINAL DO SÉCULO</i></p> <p><i>O desemprego e sem dúvida o maior problema do século XX, que afeta não somente os países do terceiro mundo mais também países do primeiro mundo.</i></p> <p><i>A principal causa do desemprego e o avanço da tecnologia, se a quarenta anos atrás precisavam de dez trabalhadores para fazer uma colheita, hoje precisa somente de um para dirigir a colheitadeira.</i></p> <p><i>No Brasil o problema do desemprego é pior que o da maioria dos países, por causa dos grandes latifúndios existentes desde a época colonial. A reforma agrária já foi feita em todos os países da América Latina, mas no Brasil a reforma só não foi feita ainda porque a maioria dos grandes latifundiários são deputados, senadores ou tem forte ligação com algum partido político.</i></p> <p><i>Os desempregados das grandes cidades estão se juntando com os sem-terra ou virando ladrões o que aumenta a criminalidade, como pode ver o desemprego realmente é a grande preocupação deste século.</i></p> <p><i>Para acabar com o desemprego no Brasil é preciso fazer reforma agrária, o que será muito difícil de se fazer apenas na conversa, então a única solução é partir para uma guerra civil e dar um golpe de estado</i></p>

S6 – PRIMEIRA VERSÃO	S6 – SEGUNDA VERSÃO
<p style="text-align: center;"><i>QUAL SERÁ A VERDADEIRA CRISE BRASILEIRA</i></p> <p><i>A crise no país cada vez mais torna-se devastadora. Atingindo a todas as famílias, desde as camadas mais pobres até as mais nobres.</i></p> <p><i>A falta de empregos é uma grande consequência disto. Mas o que está causando toda essa turbulência no Brasil? Falta de leis e justiça, corrupção e diversos outros problemas mais.</i></p> <p><i>O trabalhador do país é que sofre com tudo isso, não é remunerado suficientemente para sustentar uma família para viver dignamente, mas mesmo deste modo ainda se esforça para não deixar-se levar por “caminhos errados” (por onde muitos vão achando ser uma solução).</i></p> <p><i>Realmente é um “vencedor”, se esforça para viver deste modo mesmo sabendo que não será recompensado, nem reconhecido e muito menos respeitado, já que existem leis que defendam o trabalhador e que funcionem?</i></p> <p><i>O brasileiro é desrespeitado, explorado, submetido a tudo, até mesmo a riscos de vida durante o trabalho, aos quais tem que manter-se em silêncio, pois quem lhes dará apoio?</i></p> <p><i>Mas esses não são os mais sérios problemas enfrentados no Brasil, talvez fossem... se ao menos existissem empregos aqui.</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>QUAL SERÁ A VERDADEIRA CRISE BRASILEIRA?</i></p> <p><i>A situação política e financeira do país vem sendo alvo de críticas e questionamentos de todas as camadas sociais brasileiras, não somente as menos favorecidas como também aqueles com maior poder aquisitivo tem se prejudicado devido a essa crise que tem como maior consequência o desemprego.</i></p> <p><i>Quais serão os motivos dessa turbulência no Brasil? Falta de leis e justiça, corrupção são algumas das causas deste problemas.</i></p> <p><i>Aqueles que conseguiram se manter em algum emprego, sofrem com o desrespeito e a injustiça. Não existe no Brasil garantia para o trabalhador, ele é explorado e submetido até mesmo a riscos de vida enquanto trabalha e apesar disto tudo não é remunerado suficientemente para sustentar uma família e conferir a ela uma vida digna.</i></p> <p><i>Não existem no país leis que assegurem ao trabalhador estabilidade ou segurança, por esse motivo eles são obrigados a se submeter as mais precárias condições.</i></p> <p><i>A criação de leis que beneficiem o trabalhador é um problema a ser solucionado, mas talvez devêssemos primeiramente nos preocupar com os empregos para depois criarmos suas leis.</i></p>

S7 – PRIMEIRA VERSÃO	S7 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="376 416 833 448" style="text-align: center;"><i>O CÂNCER QUE CORRÓI O BRASIL</i></p> <p data-bbox="147 469 1059 587"><i>O Brasil está à frente de uma grande crise econômica afetando vários setores do economia brasileira, principalmente o desemprego, que é uma grande crise que ocorre no país.</i></p> <p data-bbox="147 603 1059 807"><i>Atualmente existem pelo menos 40% de desempregados espalhados pelo Brasil, mas essa porcentagem tende a crescer. Nem todos, mas os que são empregados ganham pouco e mal consegue sustentá-lo e sustentar sua família. Empresas estão caindo cada vez mais e ao mesmo tempo estão demitindo funcionários por que não conseguem pagar seus salários.</i></p> <p data-bbox="147 823 1059 940"><i>Com o aumento do dólar a crise brasileira piorou, todos os produtos sofreram um aumento, pois a grande maioria eram produtos importados, com excessões de alguns.</i></p> <p data-bbox="147 956 1059 1160"><i>Nosso país está com uma dívida de 96 bilhões de dólares, o que é quase praticamente impossível , pagar essa quantia. Com a desvalorização do real o Brasil está devidamente perdido, sem nenhuma chance de se erguer. Devido as circunstâncias nosso país deverá aguentar por muito tempo o desemprego e o salário principalmente.</i></p> <p data-bbox="147 1176 1059 1249"><i>Entretanto, o Brasil pode mudar esse fato se deixar a preguiça e o mal caráter de lado, assim poderemos tentar mudá-lo cada vez melhor.</i></p>	<p data-bbox="1279 416 1780 448" style="text-align: center;"><i>O BRASIL JUNTO COM SUA EPIDEMIA</i></p> <p data-bbox="1072 469 1984 603"><i>O Brasil está enfrentando uma grande crise econômica afetando principalmente os trabalhadores, deixando milhares de pessoas desempregadas.</i></p> <p data-bbox="1072 619 1984 855"><i>Devido aos meios de comunicação temos visto muitos casos de desempregados espalhados pelo Brasil. Maringá, cidade metropolitana do Paraná, foi um dos casos comentados pela rede de televisão, pois centenas de pessoas fizeram fila em frente à prefeitura em busca de um emprego, a fila chegou a dobrar a esquina.</i></p> <p data-bbox="1072 871 1984 1005"><i>Outro caso são as pessoas com mais de 50 anos que não conseguem arrumar emprego pois são considerados velhos pela empresas. Tal fato deixa nosso país em baixa e as pessoas ficam arrasadas com essa atitude.</i></p> <p data-bbox="1072 1021 1984 1160"><i>Entretanto, o Brasil deveria parar pra pensar no que está fazendo com o próprio país, desistir do preconceito em questão da idade e abrir mais vagas de emprego para que os desempregados possam estar na ativa.</i></p>

S8 – PRIMEIRA VERSÃO	S8 – SEGUNDA VERSÃO
<p style="text-align: center;"><i>CRISE X EMPREGO</i></p> <p><i>A situação brasileira relacionada a emprego está cada vez mais em dificuldade, tendo como base o governo que diante de suas crises, por falta de estrutura, não consegue dirigir o país</i></p> <p><i>Mesmo com a implantação do real e a luta constante de mantê-lo, os nossos planos de governo, é dura a realidade que enfrentamos; os juros estão altíssimos, existem impostos para tudo e as taxas cada vez mais crescente</i></p> <p><i>. Consequentemente damos de cara com firmas e comércios de portas fechadas, indústrias abarrotadas de produtos, e milhares de pessoas por “injusta causa” no olho da rua.</i></p> <p><i>A exemplo disso tivemos o fechamento parcial de uma grande empresa automobilística em São Paulo. Milhares de funcionários sem ter o que fazer, já que ocorre um, superabastecimento de carros (pela falta de vendas), são mandados embora ou chamados para negociar a redução significativa em seus salários.</i></p> <p><i>E outro exemplo também da crise generalizada, é a situação dos grandes proprietários, que pela falta de ajuda e incentivo governamental, acaba despedindo seus empregados desalojando-os contribuindo para o crescente aumento de desemprego.</i></p> <p><i>Podemos notar então, que de uma forma ou de outra, sem um bom governo, uma boa estrutura e aumento da crise, o número de desempregos e pessoas praticamente sem salários tende apenas a crescer. Sendo uma situação praticamente contrária ao que não pode acontecer em uma situação ruim como a que enfrentamos.</i></p> <p><i>Por isso, as pessoas do poder, devem pensar melhor antes de fazer uma dívida ou criar um novo plano para o Brasil, e lembrar que antes de mais nada, que estão mexendo com milhares de pais de famílias que precisam numa situação de emergência trabalhar.</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>CRISE X EMPREGO</i></p> <p><i>Falar sobre desemprego no Brasil não é uma tarefa fácil. Esse assunto além de envolver milhares de pessoas, que em sua maioria se encontram numa grande dificuldade, envolve também o lado do país, a crise em que se encontra e o governo, no caso o principal responsável.</i></p> <p><i>A busca de tentar superar, ressarcir alguma dívida ou mesmo cobrir algum tipo de trapaça, acaba acarretando o aumento de impostos e taxas e conseqüentemente a elevação dos juros, o que resulta no fechamento de empresas, comércio e um grande número de desempregados</i></p> <p><i>E ma situação ruim não pára de crescer, aparentemente já não há mais saída para o que se passa, a milhares de fatores que influenciam para permanecer a crise, desde a educação até os planos furados do governo que acabam piorando tudo. O clima de desesperança já está contagiando a maioria dos brasileiros.</i></p> <p><i>Até mesmo aqueles que se sentiam um pouco mais seguros mesmo com a situação do país que trabalhavam em multinacionais, recentemente levaram um golpe e mais uma vez o resultado foi desemprego. A exemplo disso temos o fechamento da Ford em São Paulo, noticiada no país inteiro em todos os jornais. Até mesmo uma grande empresa não aguentou a pressão.</i></p> <p><i>Definitivamente a questão é séria, parece até que fugiu do controle daqueles que talvez poderiam fazer alguma coisa para tentar melhorar a situação. Segundo o presidente, o número de desemprego parou de aumentar, mas também não diminuiu mas não é o bastante para um país como o nosso. O que precisa é uma organização geral nos governos e uma mudança na mentalidade daqueles que tinham condição e coragem de fazer para aqueles que mais precisam: brasileiros desempregados.</i></p>

S9 – PRIMEIRA VERSÃO	S9 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="376 419 835 448" style="text-align: center;"><i>DESEMPREGO, NOSSA REALIDADE</i></p> <p data-bbox="147 472 1059 651"><i>Desemprego, com certeza, é um dos maiores problemas que o Brasil vem enfrentando e agora se agravou ainda mais com a crise econômica que o país atravessa, sem previsão de chegar a um final, e de preferência vitorioso.</i></p> <p data-bbox="147 675 1059 906"><i>Essa realidade nos chega com a desvalorização do real e o aumento da inflação. O desemprego já era grande, ficou ainda maior, e o desespero da população que sofre com esse mal, pois tem que sobreviver com o salário que se manteve mesmo depois do desencadeamento dessa crise que, aliás não havia acabado, mas apenas adormecido cresce a cada dia.</i></p> <p data-bbox="147 930 1059 1109"><i>Já se ve algumas das consequências desse mal que toma todo o país, como a Ford, montadora de automóveis, que demitiu parte de seus funcionários, e depois lançou a proposta de reemprega-los, mais com salários mais baixos, e isso aconteceu em várias empresas e setores.</i></p> <p data-bbox="147 1133 1059 1257"><i>Entretanto diante dessa realidade, o que precisamos fazer e lutar, cada um fazendo sua parte, para que juntos um dia tenhamos um Brasil melhor.</i></p>	<p data-bbox="1301 419 1760 448" style="text-align: center;"><i>DESEMPREGO, NOSSA REALIDADE</i></p> <p data-bbox="1084 472 1991 651"><i>Desemprego, com certeza, é um dos maiores problemas que o Brasil vem enfrentando e agora se agravou ainda mais com a crise econômica que o país atravessa, sem previsão de chegar a um final feliz e, de preferência, vitorioso.</i></p> <p data-bbox="1084 675 1991 906"><i>Essa realidade nos chega com a desvalorização do real e aumento da inflação. O desemprego já era grande, ficou ainda maior, e o desespero da população que sofre com esse mal, pois tem que sobreviver com o salários que se manteve o mesmo depois do desencadeamento dessa crise, se torna insustentável.</i></p> <p data-bbox="1084 930 1991 1161"><i>Já se vêem algumas das consequências desse mal que toma todo o país, todos os dias no noticiário, como a Ford, montadora de automóveis a, que demitiu parte de seus funcionários, e depois lançou a proposta de reempregá-los, mas com salários mais baixos, e isso aconteceu em várias empresas e setores.</i></p> <p data-bbox="1084 1185 1991 1310"><i>Entretanto, mesmo diante dessa realidade as pessoas não param de lutar e com isso acabam se submetendo a subempregos, e de uma forma ou de outra, vão sobrevivendo até superarmos esta crise.</i></p>

S10 – PRIMEIRA VERSÃO	S10 – SEGUNDA VERSÃO
<p style="text-align: center;"><i>TÍTULO:</i></p> <p><i>O desemprego no Brasil, começou pela desvalorização do real e a alta da inflação, uma família que antes \$ 300 reais, hoje precisa de \$ 500,00 para conseguir comprar o necessário. Sendo que o custo de vida sobe e o salário não.</i></p> <p><i>Hoje em dia é muito fácil vermos pessoas neste problema, as empresas ao invés de abrir contratações estão demitindo. Assim desempregados se desesperam e acabam procurando um emprego alternativo, dentre outros, cuidar de carros, vender comida caseira em residências, catar papel e até concertar utensílios domésticos.</i></p> <p><i>O Brasil já está prestis a passar para o 3º milênio e já estamos acostumados com este problema, o brasileiro já se Habitou com este tipo de coisa, mas mesmo assim sofre, pois não tem como fazer nada.</i></p> <p><i>Portanto, o Brasil está diminuindo o nível de vida. E nós brasileiros precisamos nos unir para fazermos alguma coisa quanto a isso.</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>TÍTULO:</i></p> <p><i>O número de desempregos no Brasil, está cada vez mais agravante. A cada dia que passa mais pessoas perdem o emprego. Os jornais de televisão mostram que a Ford mandou cerca de 1000 funcionários embora, que ficaram certamente sem condições de pagar aluguel, água e luz.</i></p> <p><i>O desemprego começou pela desvalorização do real e a alta da inflação. Uma família que antes sobrevivia ganhando trezentos reais, hoje precisa de quinhentos para conseguir comprar o necessário, sendo que o custo de vida sobe e o salário não.</i></p> <p><i>Com a falta de empregos as pessoas procuram empregos alternativos, dentre outros, cuidar de carros, vender comida caseira, catar papel e até concertar utensílios domésticos.</i></p> <p><i>Como o Brasil já esta prestes a passar o 3º milênio, já estamos acostumados com este problema, o brasileiro já se habituou com este tipo de coisa, mas mesmo assim sofre, pois não tem como fazer nada.</i></p> <p><i>Portanto precisamos encontrar formas para desemprego acabar para as pessoas não se desesperar fazendo besteiras, não tendo uma vida digna,</i></p>

S11 – PRIMEIRA VERSÃO

TÍTULO:

Hoje, milhares de pessoas estão desempregadas. Há vários Estados que estão se preocupando com esse caso, só que até agora não fizeram nada.

Citamos, como exemplo a fábrica de automóveis Ford, que nesses últimos meses dispensou milhares de funcionários. E a maioria desses funcionários eram pessoas capacitadas competentes que fazia mais de ano que estava trabalhando lá.

E além desses problemas de desemprego, para ajudar a piorar o Brasil, há um aumento no preço do dólar. Causando aumento de preços e mais desempregos.

A maioria do povo que hoje está desempregado, está quase se auto-destruindo. Uns entram em desesperos, pelo fato de não ter da onde tirar dinheiro para sustentar a família, outros estão começando a roubar, para conseguir algo para ter.

As famílias desses desempregados vão com o passar do tempo se desestruturando, uns membros fogem de casa e outros tentam levar isso como a última forma de vida.

O governo não está disposto a ajudar os necessitados ...necessitados, pois os “poderosos” donos das fábricas e empresas têm dinheiro para conseguir que o governo tente algo contra eles.

No meu ponto de vista, está havendo um crescimento muito alto de desempregados, por causa de algumas falhas que os “poderosos” causam. O preço do dólar tem que cair. Porque do jeito que está, mais cedo ou mais tarde o nosso país irá ser comandado pelo poder americano. Prejudicando cada vez mais nosso país.

S11 – SEGUNDA VERSÃO

A SITUAÇÃO DO BRASIL

Hoje, no Brasil, o índice de desempregados está cada dia mais alto. A maioria dessas pessoas com o decorrer do tempo vão se auto destruindo.

Os Estados e o presidente até agora não conseguiram encontrar uma solução para que diminuísse esse problema. A indústria automobilística, Ford, apenas em um ano mandou embora milhares de pessoas. Os responsáveis por esse ato dizem que o fato que os levaram a tomarem essa atitude foi a falta de dinheiro. Esse pode ser dado com exemplo do desemprego.

Com esse alto número de desempregados aumenta paralelamente a falta do que comer, de dinheiro e outros fatores que “corroem” o ser humano a cada dia que passa.

Uma grande parte desses desempregados são pessoas inteligentes, capacitadas que levam a vida a sério, mas o governo e os ricos empresários não olham para essas pessoas.

No geral, um dos fatores que contribui para esse desemprego é o plano real- projeto que deu início a a eleição do presidente atual.

S 12 – PRIMEIRA VERSÃO	S 12 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="405 411 799 440" style="text-align: center;"><i>A DECADÊNCIA DE UMA NAÇÃO</i></p> <p data-bbox="147 459 1059 571"><i>O Brasil está passando por um de suas piores crises da sua história. Isso não se deve apenas ao fato de sermos dependentes economicamente de outros países, mas principalmente à política de nosso governo.</i></p> <p data-bbox="147 584 1059 820"><i>Com pessoas fracas no poder, nos sujeitamos às pressões externas onde os beneficiados não farão parte do povo brasileiro. Esse mesmo governo que deveria nos beneficiar, não porque pagamos impostos, mas porque somos cidadãos, está tornando tudo difícil para nós. O símbolo no começo do plano real era o frango já que seu preço era relativamente baixo em relação aos outros tipos de carne, mas agora nem o pobre está conseguindo mais comprá-lo.</i></p> <p data-bbox="147 833 1059 986"><i>E se não bastasse, o trabalhador é explorado, ganhando um salário miserável não conseguindo sustentar nem ele quanto mais a sua família. Nunca se viu tantas empresas fechando e decretando falência, o número de trabalhadores desempregados cresceu nessa proporção também.</i></p> <p data-bbox="147 999 1059 1110"><i>Como pode um ser humano, a quem confiamos nosso voto, cuja sua promessa e o que acredito ter sido o principal motivo de sua reeleição que era acabar com o desemprego fazer o que fez com os cidadãos brasileiros.</i></p> <p data-bbox="147 1123 1059 1235"><i>Os sindicatos, ministérios do trabalho outros órgãos que protegem o trabalhador logo serão extintos já que não haverá mais trabalhadores neste país e ele não passará apenas a um simples Brasil.</i></p>	<p data-bbox="1330 411 1724 440" style="text-align: center;"><i>A DECADÊNCIA DE UMA NAÇÃO</i></p> <p data-bbox="1072 459 1984 571"><i>O Brasil esta passando por um de suas piores crises da história. Isso não se deve apenas ao fato de sermos dependentes economicamente de outros países, mas principalmente à política de nosso governo.</i></p> <p data-bbox="1072 584 1984 900"><i>Com pessoas corruptas no poder nos sujeitamos as pressões externas onde os beneficiados não farão parte do povo brasileiro. Esse mesmo governo que deveria nos beneficiar, não porque pagamos impostos, mas porque somos cidadãos, está tornando tudo difícil para nós. Um bom exemplo para isso foi o fechamento da fábrica de automóveis Ford, que deixou mais de mil desempregados. Esse fechamento foi consequência do aumento dos impostos provocados pelo governo que fez com que subisse o preço dos automóveis e, conseqüentemente, diminuiu muito as vendas.</i></p> <p data-bbox="1072 912 1984 1066"><i>E se não bastasse, o trabalhador é explorado, ganhando um salário miserável sem condições de sustentar nem ele quanto mais a sua família. Nunca se viu tantas empresas fechando e decretando falência, o número de trabalhadores desempregados cresceu nessa proporção também.</i></p> <p data-bbox="1072 1078 1984 1190"><i>Como pode um ser humano, a quem confiamos nosso voto, cuja a promessa, e o que acredito ter sido o principal motivo de sua reeleição, era acabar com o desemprego fazer o que fez com os cidadãos brasileiros?</i></p> <p data-bbox="1072 1203 1984 1315"><i>Os sindicatos, ministério do trabalho e outros órgãos que protegem o trabalhador logo serão extintos já que não haverá mais trabalhadores neste país e ele não passará de u simples Brasil.</i></p>

S14 – PRIMEIRA VERSÃO	S 14 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="450 408 757 432" style="text-align: center;"><i>SERIEDADE E CONSCIÊNCIA</i></p> <p data-bbox="147 491 1057 560"><i>Desde quando o Fernando Henrique assumiu a presidência da república o desemprego quase dobrou.</i></p> <p data-bbox="147 576 1057 683"><i>A falta de incentivo aos agricultores tem feito com que eles abandonem o campo e venham para a grandes cidades. Desempregados, eles vão para a periferia e assim, ocorre a formação de favelas.</i></p> <p data-bbox="147 699 1057 805"><i>É preciso que o governo dê incentivo a agricultura tanto de subsistência quanto de exportação. Não dando só a terra, mas dando condições para o plantio subsidiando as sementes e a manutenção.</i></p> <p data-bbox="147 821 1057 890"><i>Outro fator que influi no desemprego é a forma como o governo vem administrando o Brasil. Ora está voltado para a economia, ora para imagem do país perante outras nações.</i></p> <p data-bbox="147 906 1057 975"><i>Deve haver uma política mais dinamizada interligada, digo, interligando todos os setores administrativos tratando, portanto, como um conjunto e não como áreas distintas.</i></p> <p data-bbox="147 991 1057 1139"><i>Há uma incoerência muito grande da presidência e até dos governadores. Há estados que o governador se preocupa com a beleza e com a modernização industrial e esquece das medida básicas de segurança pública como uma boa polícia, o salário justo, hospitais bem equipados entre outros.</i></p> <p data-bbox="147 1155 1057 1224"><i>É preciso parar com projetos inúteis e começar com medidas que tenham um só objetivo. A verdadeira política.</i></p>	<p data-bbox="1375 408 1682 432" style="text-align: center;"><i>SERIEDADE E CONSCIÊNCIA</i></p> <p data-bbox="1075 491 1984 598"><i>Desde quando Fernando Henrique assumiu a presidência da república o desemprego quase dobrou e nada tem sido feito para que esse grande contingente de pessoas consiga ter uma vida pelo menos sobrevivente.</i></p> <p data-bbox="1075 614 1984 721"><i>Um dos motivos que tem contribuindo para essa falta de emprego é a falta de incentivo aos agricultores que vêm para os grandes cidades a procura de uma vida melhor. Desacreditados, vão se marginalizando e com isso há a formação de favelas.</i></p> <p data-bbox="1075 737 1984 805"><i>Por isso é preciso que o governo dê incentivo a agricultura e também condições para que eles possam produzir, como por exemplo o subsídio de sementes entre outros.</i></p> <p data-bbox="1075 821 1984 890"><i>Outro fator que influi no desemprego é a falta de dinamismo no governo, onde a não conciliação das diversas áreas políticas causando assim a formação de um país fraco.</i></p> <p data-bbox="1075 906 1984 1013"><i>Para que a nação cresça e se torne forte é necessário um governo mais dinâmico que consiga administrar o país de modo que se uma determinada área está em crise, outras possam ajudar a recuperá-la, como é o caso da política-social.</i></p> <p data-bbox="1075 1029 1984 1224"><i>Através desta podemos concluir que há uma grande incoerência da presidência e até mesmo dos governadores que não tem incentivado os diversos setores da agricultura a se desenvolver e nem ao menos dinamizando a administração e com isso tornando o Brasil despreparado para entrar no cenário social pois se uma nação está com problema internos, como o desemprego, fatalmente não será bem sucedida na política externa.</i></p>

S 15 – PRIMEIRA VERSÃO	S 15 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="353 411 853 437" style="text-align: center;"><i>INCOERÊNCIA NA JUSTIÇA TRABALHISTA</i></p> <p data-bbox="147 456 1061 526"><i>O senador Antonio Carlos Magalhães provou uma grande discussão em todo país por apresentar um projeto que acaba com a justiça do trabalho.</i></p> <p data-bbox="147 545 1061 651"><i>O projeto de ACM tem coerência, porque um país que passa dificuldades economicas não pode se dar ao luxo de ter uma justiça exclusiva para causas trabalhistas.</i></p> <p data-bbox="147 670 1061 868"><i>Os políticos da oposição são incoerentes ao dizerem que se acabar a justiça do trabalho os trabalhadores não vão ficar sem proteção, porque a justiça comum se encarregara de aceitar o projeto do senador tucano dizendo que se acabar a justiça trabalhista o desemprego vai aumentar e o país vai entrar em recessão, mas essa informação, também não tem nenhuma coerência.</i></p> <p data-bbox="147 887 1061 1171"><i>Se discute muito se acabar com a justiça trabalhista é coerente ou não, mas a própria justiça trabalhista é incoerente em muitos aspectos: Para se entrar com um processo na justiça trabalhista se gasta mais que o dobro do que se gasta na justiça comum. Mais da metade dos juizes de justiça trabalhista são juizes classistas, ou seja, eles não precisam ter curso superior, apenas precisam ser indicados por sindicatos de patrões e empregados, e passam a ganhar o mesmo que os outros juizes que estudaram a vida inteira para ser juizes.</i></p> <p data-bbox="147 1190 1061 1260"><i>Incoerência e continuar gastando milhões de reais todos os anos com uma justiça incoerente.</i></p>	<p data-bbox="1301 411 1760 437" style="text-align: center;"><i>AS DEMISSÕES NAS MONTADORAS</i></p> <p data-bbox="1077 456 1991 542"><i>As quatro grandes montadoras de veículos auto-motores do Brasil tem propostas para demitir milhares de trabalhadores.</i></p> <p data-bbox="1077 561 1991 730"><i>Essas demissões que irão tirar o sustento de muitas famílias e irão aumentar o número de desemprego parece inevitável para as montadoras porque elas só querem ganhar dinheiro e não se importam com o problemas social que elas vão causar.</i></p> <p data-bbox="1077 750 1991 967"><i>As montadoras dizem que nos últimos anos a venda de carros diminuiu drasticamente e os pátios ficaram cheios de carros. Por isso elas tiveram de reduzir a jornada de trabalho de seus funcionários para a produção diminuir. Mas dizem que se as vendas não aumentarem não poderão aguentar essa situação por muito tempo.</i></p> <p data-bbox="1077 986 1991 1155"><i>Outro fator que está diminuindo o número de funcionários é a robotização. Tem máquinas que tiram o emprego de até de trinta pessoas. Cada ano as montadoras compram mais máquinas e fecham mais postos de trabalho.</i></p> <p data-bbox="1077 1174 1991 1299"><i>Para tantas famílias não ficarem sem o sustento o governo e as montadoras devem se unir para diminuir o preço dos carros e para as vendas aumentarem os empregos serem mantidos.</i></p>

S 16 – PRIMEIRA VERSÃO

DESCULPAS

O povo é a maioria. Isso é claro. Seria muito lógico que o país fosse regido pelas idéias e decisões desse povo.

Analisando o Brasil pode-se afirmar que o lógico não faz parte dessa nação, estando o poder nas mãos de uma pequena minoria de pessoas. Coerência sim está presente nas decisões do grupo de líderes nacional.

Um exemplo claro dessa coerência é a conclusão feita pelo governo quanto ao vergonhoso salário mínimo brasileiro, não há empregos, não podendo, então, haver aumento de renda.

No que se refere à saúde pública, os políticos logo terão uma nova idéia para justificar a falta de preocupação deles, como: “ não adianta aumentar o número de leitos nos hospitais públicos se não há médicos competentes para tratar dos pacientes”.

O baixo nível educacional irá, provavelmente, ser explicado por algo como: “As escolas públicas não têm condições de melhorar, pois os próprios alunos depredam a escola e não dão valor aos estudos”.

Está provado que o povo não tem poder algum sobre decisões políticas e que o governo inventa cada vez mais desculpas para o comodismo e a falta de interesse na melhoria nacional.

S 16 – SEGUNDA VERSÃO

DESCULPAS

povo é a maioria. Isso é claro. Seria muito lógico que o país fosse regido pelas idéias e decisões desse povo. Para começar todos deveriam Ter o direito e o dever de trabalhar na prática.

Analisando o Brasil, pode-se afirmar que a lógica não faz parte dessa nação, evitando o poder nas mãos de uma pequena minoria, ciente da presença de quatorze milhões de desempregados.

As desculpas para os problemas do país dadas pelo governo são muitas. Quanto ao vergonhoso salário mínimo, o governo afirma: não há empregos. Logo, não pode haver aumento de renda.

A saúde pública é prejudicada pelo desemprego. Há falta de atendimento nos hospitais, acompanhada pela falta de recursos médicos. A justificativa governamental é: não adianta aumentar o número de leitos nos hospitais públicos se não há médicos competentes para tratar dos pacientes.

A falta de professores, devido aos diminutos salários, explicado pelos líderes nacionais da seguinte maneira: as escolas públicas não têm condições de melhorar, pois os próprios alunos depredam a escola e não dão valor aos estudos.

Há, no Brasil, uma inexplicável paradoxo: há muitas pessoas desempregadas e falta trabalhadores nos locais de maior necessidade. Isso mostra a desorganização nacional.

Está provado que o povo não tem poder algum sobre decisões políticas e que o governo inventa cada vez mais cada vez mais desculpas para o comodismo e a falta de interesse na melhoria nacional.

S 17 – PRIMEIRA VERSÃO

O ATUAL DESEMPREGO

O governo quer acabar com a justiça trabalhista, porque no Brasil dizem que não há emprego, não há, porque as pessoas não querem se esforçar neles, querem empregos fáceis, que de lucro rapidamente.

O trabalho nunca irá acabar, por que a população precisa de prestação de serviço como, compra, venda e troca de algo.

Mas só permanecerão no mercado aqueles que realmente sabem trabalhar.

A justiça do trabalho foi uma conquista enorme para os trabalhadores e querem retirar uns dos benefícios que eles devem ter.

O mercado de trabalho está exigindo muito dos trabalhadores devem ter no mínimo o 2º grau, por isso não arranjam emprego. Mas aqueles que se atualizam e se informam, sempre haverá uma vaga. As condições de nosso país, ajudam para o desemprego, países de terceiro mundo com grandes índices de analfabetismo, influenciam este caso tão importante, que está restrito neste final de século.

S 17 – SEGUNDA VERSÃO

A MODERNIZAÇÃO ELIMINA EMPREGADOS

O emprego não acabou, mas está desaparecendo.

No processo de modernização, o homem está sendo substituído pelas máquinas. Multinacionais utilizam robôs, que substituem o trabalho de vários operários, com isso empresas não precisam pagar salários e dar férias, assim aumentando a produção e diminuindo gastos. Famílias do campo estão indo para a cidade porque maquinários agrícolas ocuparam seus espaços e serviços.

O mercado de trabalho está exigindo muito dos trabalhadores que devem ter no mínimo o 2º grau, por isso não arranjam emprego, porque hoje em dia está primando pela qualidade total.

O trabalho é escasso. O governo quer acabar com a justiça trabalhista, que foi uma conquista enorme para o empregado. Esse é um dos benefícios que não devem se retirado, o governo faz isso porque não se preocupa com o trabalhador.

Mas deveria se preocupar pois ele é uma peça importante para a sociedade.

S 18 – PRIMEIRA VERSÃO	S 18 – SEGUNDA VERSÃO
<p data-bbox="434 411 772 438" style="text-align: center;"><i>DIGNIDADE, SERÁ UTOPIA?</i></p> <p data-bbox="147 461 1059 627"><i>Atualmente o que mais se comenta é o aumento da falta de emprego, com isso o número de desempregados se acumula mais e mais. Ao vermos tal fato nos perguntamos se a dignidade de viver bem está sendo exclusiva somente para uma parcela de nossa sociedade.</i></p> <p data-bbox="147 646 1059 812"><i>De quem é a culpa de tudo isso? Se fizer essa pergunta a um desempregado, dirá que o responsável disso é o governo. Se perguntar para o governo, ele irá colocar a culpa nas pessoas, que não se interessam em adquirir um nível maior de cultura, por isso não encontram um serviço.</i></p> <p data-bbox="147 831 1059 951"><i>Como as pessoas serão mais cultas, se o próprio governo não oferece chances para que isto ocorra, pois até as universidades gratuitas estão pensando em privatização, o que acarretará uma evasão por não terem condições de pagá-la.</i></p> <p data-bbox="147 970 1059 1182"><i>Sendo assim, podemos dizer que a falta de emprego está totalmente relacionada com o governo, que não se importa com a população, por isso o Brasil continua com esse baixo índice de serviço, e para que todos sejam dignos de melhores condições de vida, o governo deve estar em alerta e tomar atitudes concretas para que a “pátria amada” seja mais equilibrada.</i></p>	<p data-bbox="1308 411 1753 438" style="text-align: center;"><i>O QUE DEVE FICAR FORA DE CENA?</i></p> <p data-bbox="1077 461 1989 534"><i>Sempre se comenta sobre a obsenidade, é a discriminação racial e sexual, a miséria, a prostituição; existe algo mais obseno que o desemprego?</i></p> <p data-bbox="1077 553 1989 812"><i>Sendo assim, os indivíduos e, principalmente, os governantes de nossa sociedade estão mais preocupados com problemas de fácil resolução e deixam de lado um problema que causa todos os outros: o desemprego. Exemplo disso é a idéia de se privatizar as universidades públicas, se isso ocorrer, muitos deixarão os estudos por não terem condições de pagá-los, com isso não estarão aptos ao mercado de trabalho, que quer uma mão de obra qualificada e especializada.</i></p> <p data-bbox="1077 831 1989 904"><i>Então percebemos que o governo ao invés de apoiar as pessoas a estudarem e se especializarem, provoca algo que as privam desse direito.</i></p> <p data-bbox="1077 924 1989 1090"><i>Também é visível em nossa sociedade a falta de apoio dada à pequena e média empresa, cobrando impostos abusivos e não dando condições para que esta cresça e aumente seu número de funcionários, a cada dia empresas são fechadas e milhões de pessoas vão parar no “olho da rua”.</i></p> <p data-bbox="1077 1109 1989 1228"><i>Contudo, o que deveria estar fora de cena era o desemprego, mas para isso é necessário que o governo se preocupe realmente com a população deixando de lado preocupações secundárias para que o problema brasileiro seja resolvido.</i></p>

S 20 – PRIMEIRA VERSÃO

DESEMPREGO: O MAL DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Pessoas passam fome, vagam pelas ruas, assaltos a qualquer hora do dia, tudo isto é o resultado de uma grande crise econômica gerando o desemprego, a grande palavra temida pela nação brasileira.

E quem se deve culpar? Perguntas que ficam vagando no nosso dia a dia, e que devem ser esclarecidas, mas enquanto este mistério não é desvendado, noticiários como jornais, revistas e tv anunciam que cerca de 1000 trabalhadores perderam emprego na poderosa montadoras de carros a FORD.

Uma pesquisa feita por uma empresa, apontam altos índices de desemprego no estado de São Paulo, a cada 4,7 habitantes 1 trabalhador está desempregado, passando fome e muitas necessidades, uma estatística que desespera o Brasil.

E o que podemos fazer daqui para frente é rezar para que as ofertas de empregos no Brasil e no mundo aumentem, pois isso irá nos ajudar a sair desta crise econômica que estamos passando.

S 20 – SEGUNDA VERSÃO

DESEMPREGO: O MAL DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Pessoas passando fome, vagando pelas ruas atrás de empregos, insegurança nas ruas, resumindo todos esses problemas, podemos chegar a conclusão que estamos +passando por uma enorme crise econômica.

Nessas horas difíceis sempre procuramos um culpado e não conseguimos encontrar, enquanto isso noticiários na tv, revistas e jornais denunciam pessoas desempregadas lutando pela vida nos sinaleiros de São Paulo vendendo chocolates, balas, etc., em outro local da cidade cerca de mil operários promovem uma passeata, “brigando” para ter seu emprego de volta.

Uma pesquisa recentemente feita pelo IBGE, aponta altos índices de desemprego no país, a cada quatro habitantes, um operário está desempregado, um número que envergonha a nação brasileira.

Não podemos ficar de braços cruzados esperando que algo aconteça, temos que lutar pelos nossos direitos para tentar “levantar” este país de tantas praias, festas, cultura, mas emprego zero.